



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

TIAGO FLORENCIO DE ABREU

Narrativas em áudio: análise de conteúdo de podcasts sobre
autismo na podosfera brasileira

GOIÂNIA
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Tiago Florencio de Abreu

3. Título do trabalho

“Narrativas em áudio: análise de conteúdo de podcasts sobre autismo na podosfera brasileira”

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Pavan, Professor do Magistério Superior**, em 07/11/2022, às 14:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **TIAGO FLORENCIO DE ABREU, Usuário Externo**, em 07/11/2022, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3317937** e o código CRC **AF22FEB7**.

Referência: Processo nº 23070.053258/2022-02

SEI nº 3317937

TIAGO FLORENCIO DE ABREU

Narrativas em áudio: análise de conteúdo de podcasts sobre autismo na podosfera brasileira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania

Linha de pesquisa: Mídia e Cultura

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Pavan

GOIÂNIA
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Abreu, Tiago Florencio de
Narrativas em áudio [manuscrito] : análise de conteúdo de
podcasts sobre autismo na podosfera brasileira / Tiago Florencio de
Abreu. - 2022.
CXXXIV, 134 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pavan.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós
Graduação em Comunicação, Goiânia, 2022.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui símbolos, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. análise de conteúdo. 2. autismo. 3. cultura. 4. deficiência. 5.
podcast. I. Pavan, Ricardo, orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **36/2022** da sessão de Defesa de Dissertação de **TIAGO FLORENCIO DE ABREU**, que confere o título de Mestre em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos **quatro dias de novembro de dois mil e vinte e dois**, a partir das **catorze horas**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**Narrativas em áudio: análise de conteúdo de podcasts sobre autismo na podosfera brasileira**”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Ricardo Pavan (PPGCOM/FIC/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliadora titular interna e Professor Doutor **Ricardo Zorzetto Nicolliello Vencio (PGSCA/FMRP/USP)**, avaliador titular externo, com a participação de todos por videoconferência. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado**/ pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Ricardo Pavan**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **quatro dias de novembro de dois mil e vinte e dois**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Pavan, Professor do Magistério Superior**, em 04/11/2022, às 18:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Zorzetto Nicolliello Vencio, Usuário Externo**, em 05/11/2022, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, Usuário Externo**, em 05/11/2022, às 19:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3314522** e o código CRC **716E13C5**.

Referência: Processo nº 23070.053258/2022-02

SEI nº 3314522

O desafio ético que o autismo levanta é aceitar a deficiência como uma condição humana sem apagar a diferença radical causada pela deficiência.

Amit Pinchevski e John Durham Peters.

AGRADECIMENTOS

Todo processo de formação se constitui em um ciclo, não só acadêmico e profissional, mas também em um registro pessoal. E, neste período pandêmico tão complexo para o mundo, não posso deixar de ser grato por ainda poder sobreviver, não ter desistido e ter tido apoio de pessoas que ainda seguem esta estrada comigo. Também foi um período para deixar Goiânia, cidade em que morei por mais de 10 anos, para viver um novo tempo que já planejava em Porto Alegre. Duas pessoas foram fundamentais para que eu chegasse até aqui: Willian Chimura, por ser praticamente um irmão mais velho, por me proporcionar sua amizade, seu bom humor e sua companhia em muitos momentos, e por me apresentar esta cidade; Bruno Fillmann, por todo o carinho, o afeto e pela sua percepção aguçada de mundo, que certamente é rara de se encontrar.

Em Goiânia, ficaram minha família e amigos. Agradeço em especial a meu irmão, Davi Abreu, tão impressionante em aspectos da vida em que nunca serei. Meus amigos, mais que íntimos, Fábio Fernando, Paulo Ricardo e Victor Carrijo, que sempre são os primeiros a vibrar com minhas conquistas. Vinícios Lima, a pandemia nos colocou em momentos diferentes da vida, mas sempre podemos contar um com o outro. Também lembro de Izabella Pavetits, Leticia Ribeiro e Gustavo Mota, as melhores surpresas que tive na graduação e que ainda permanecem. Aos meus amigos e colegas do âmbito do autismo na Universidade Federal de Goiás (UFG): o grupo original se desfez, mas até hoje temos novos resultados. Ao professor Ricardo Pavan, pela ótima convivência. A parceria já rendeu vários frutos, mas esta dissertação certamente é a maior delas.

Por fim, agradeço a pessoas que foram muito importantes para que este trabalho pudesse existir, neste período: a todas as pessoas da comunidade do autismo que me acolheram ao longo desses quase 10 anos; ao mago do som Adriano Quadros pelo tutorial de áudio que tornou todas as videochamadas e as aulas remotas possíveis; a Carol Cardoso, que sempre se engaja com as minhas ideias mirabolantes e nas minhas reclamações da vida; ao Gustavo Mota e ao Caio Sabadin pelas dicas e pelas contribuições diretas e indiretas à pesquisa; à Germanna Parreiras, por nos divertimos tanto quanto possível; e aos professores

das bancas de Qualificação e Defesa, que deram sugestões extremamente relevantes para o enriquecimento deste trabalho.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo apresentar as diferenças e as semelhanças encontradas entre quatro podcasts brasileiros sobre autismo — ABACast, AspieGirl, AutismoCast e Introverso —, por meio de uma análise de conteúdo qualitativa. O projeto surge da observação de que existem aproximações entre o autismo e a comunicação como modos de construir sentido e de que, no âmbito da produção em *podcasting*, diferentes minorias e grupos segmentados têm se utilizado de podcasts como forma de expressão. Para isso, a análise de conteúdo, baseada em Sampaio e Lyncarião (2021), e em Schreier (2012), busca encontrar afirmações sobre o autismo, enquanto modo de vida, e afirmações sobre intervenções e terapias nos episódios em questão, buscando relacionar os diálogos com a literatura sobre o *podcasting* e os estudos críticos do autismo. Como resultado, a pesquisa constata que: nem autistas e nem profissionais se distanciam completamente de uma percepção do autismo baseada em manuais diagnósticos e em déficits; há uma heterogeneidade de experiências com o autismo conforme os tipos de produtores; a maior parte dos programas analisados estão inseridos em um contexto mais amador de produção; e que não é possível afirmar categoricamente se os episódios em questão ajudam a compreender o que é o autismo.

Palavras-chave: análise de conteúdo; autismo; cultura; deficiência; podcast.

ABSTRACT

This research aims to present the differences and similarities found between four Brazilian podcasts about autism — ABACast, AspieGirl, AutismoCast and Introvertendo —, through a qualitative content analysis. The project arises from the observation about the existence of similarities between autism and communication, as ways of building meaning, and that, within the scope of podcast production, several minorities and segmented groups have been using podcasts as a form of expression. A content analysis was conducted, based on Sampaio and Lyncarião (2021), also based on Schreier (2012), to find statements about autism that could relate about this subject as a way of life and statements about interventions and therapies in the episodes in question, seeking to relate the dialogues with the literature on podcasting and the critical studies of autism. In conclusion, findings suggest that: neither autistic nor professionals completely distance themselves from a perception of autism based on diagnostic manuals and deficits; there's a heterogeneity of experiences with autism according to the types of producers; most of the analyzed programs are part of a more amateur-type kind of production setup; and it's not possible to categorically state whether the episodes in question help to understand what autism is.

Keywords: content analysis; autism; culture; disability; podcast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa de ABACast.....	51
Figura 2 - Capa de AspieGirl.....	53
Figura 3 - Capa de AutismoCast.....	55
Figura 4 - Capa de Introvertendo.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Podcasts brasileiros sobre autismo com 10 ou mais episódios entre março de 2020 e abril de 2022.....	42
Quadro 2 - Etapas da análise de conteúdo.....	46
Quadro 3 - Episódios escolhidos para a análise de conteúdo.....	48
Quadro 4 - Trechos dos episódios referentes a afirmações sobre autismo enquanto modo de vida.....	60
Quadro 5 - Trechos dos episódios referentes a afirmações sobre terapias e intervenções.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Análise do Comportamento Aplicada
ABPOD	Associação Brasileira de Podcasters
ABRA	Associação Brasileira de Autismo
ABRAÇA	Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas
AMA	Associação de Amigos do Autista
ASHA	American Speech-Language-Hearing Association
CAS	Critical Autism Studies
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
CIESPAL	Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONADE	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
CORDE	Conselho da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência
DSM	Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EBA	Encontro Brasileiro de Pessoas Autistas
IEAC	Instituto de Educação e Análise do Comportamento
INLV	Independent Living on the Autism Spectrum
MOAB	Movimento Orgulho Autista Brasil
MDM	Melhores do Mundo
PODCON BRASIL	Conferência Brasileira de Podcast
TEA	Transtorno do Espectro do Autismo
TGD	Transtornos Globais do Desenvolvimento
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1 AUTISMO, MÍDIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL.....	7
1.1 Autismo no Brasil.....	9
1.2 Representações do autismo.....	13
1.3 Cultura e identidade.....	16
1.4 Estudos críticos do autismo.....	22
2 PODCAST NO BRASIL.....	27
2.1 Comunicação e midiatização.....	28
2.2 Relações entre rádio e podcasting.....	31
2.3 Linha do tempo.....	34
3 PODCASTS SOBRE AUTISMO NO BRASIL.....	39
3.1 Linha do tempo.....	41
3.2 Procedimentos metodológicos.....	44
3.3 Os podcasts analisados.....	49
3.3.1 ABACast.....	50
3.3.2 AspieGirl.....	53
3.3.3 AutismoCast.....	55
3.3.4 Introvertendo.....	57
3.4 Análise de conteúdo.....	60
3.4.1 Afirmções sobre o autismo enquanto modo de vida.....	60
3.4.2 Afirmções sobre intervenções e terapias.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DE EPISÓDIO DO ABACAST.....	95
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DE EPISÓDIO DO ASPIEGIRL.....	97
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DE EPISÓDIO DO AUTISMOCAST.....	100

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um diagnóstico presente na quinta edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), de 2013, e na décima primeira edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), de 2022. É caracterizado por impedimentos na comunicação social e padrões repetitivos e restritivos de comportamento.

Apesar das descrições médicas, o autismo tem uma dimensão social traduzida na atuação de familiares, profissionais e pessoas autistas no processo de conscientização sobre a causa, inclusive no Brasil. Desta forma, tornou-se comum encontrar manifestações públicas sobre o autismo, seja no âmbito do ativismo ou da produção midiática, incluindo cartas de leitor em jornais, filmes, séries, canais em plataformas de vídeo, como o YouTube, e podcasts (LOPES, 2019).

Nesse contexto, o cenário de produção em *podcasting* no Brasil e no mundo tem crescido na última década (ABREU; PAVAN, 2021). Além disso, como Fox (2008) e Florini (2015) destacam, podcasts são utilizados para a expressão de grupos minoritários, como pessoas LGBTQIAP+, negras e com deficiência, que chegam a se articular em coletivos de *podcasters*. Apesar disso, são poucos os trabalhos que investigam essas articulações midiáticas e de cultura no campo da deficiência, sobretudo porque, no âmbito da produção acadêmica, a leitura das pessoas deficientes como minorias tem baixa adesão — a maior parte da produção literária científica aborda esses indivíduos como “educandos”, por exemplo.

A ideia de pesquisar podcasts sobre autismo no Brasil nasceu de uma inquietação baseada em uma trajetória de pesquisas antecessoras sobre autismo no Brasil, dentro e fora do campo da comunicação, que ainda não articulavam a participação de autistas na construção do conhecimento sobre o autismo (ABREU; PAVAN, 2021; DIAS; ABREU, 2015; OLIVEIRA; ABREU, 2019; PAVAN; ABREU, 2020). Pesquisar autismo tinha como objetivo indireto acompanhar o surgimento de uma primeira geração de ativistas autistas do país, e ansiar por um pensamento brasileiro e original sobre neurodiversidade (ABREU, 2020, 2022).

Como Chimura (2020) e Mendonça (2019) sinalizam, o autismo tem sido um tema de crescente interesse midiático. Os conteúdos produzidos por autistas brasileiros, como blogs, páginas em mídias sociais e canais no YouTube, não só revelam como esses sujeitos podem negar ou reforçar as noções de déficits associadas ao diagnóstico, como também demonstram uma tentativa de emancipação social de uma minoria ainda pouco reconhecida e documentada dentro da academia. Os conteúdos produzidos por profissionais, sejam eles também familiares ou não, revelam diferentes concepções e conceituações sobre o autismo que, em alguns contextos, podem estar em contradição com os discursos de autistas.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral compreender quais as diferenças e as semelhanças entre quatro podcasts brasileiros sobre autismo — ABACast e AutismoCast, assinados por profissionais; e AspieGirl e Introvertendo, produzidos por autistas —, por meio de uma análise de conteúdo. Os objetivos específicos centram-se em: examinar como autistas referem-se ao autismo em comparação a profissionais; investigar a relevância dada a intervenções ou terapias nos podcasts em questão; e descrever como podcasts podem ser utilizados como ferramentas de expressão do autismo, relacionando o conteúdo dos episódios com pressupostos dos estudos críticos do autismo e da literatura sobre *podcasting*.

Assim, considerando que a pesquisa se insere em uma ênfase comunicacional e de cultura, o referencial teórico deste trabalho é centrado em quatro categorias. A primeira, comunicação, traz autores como Braga (2011a) e Signates (2012) para pensar os fenômenos comunicacionais de um ponto de vista epistemológico, além de Hepp (2014) e Hepp e Hasebrink (2015) para o debate do conceito de midiatização. A intenção, aqui, é situar não apenas o autismo como tema possível para um estudo comunicacional, mas também descrever os debates teóricos feitos no campo, nas décadas recentes.

A segunda categoria, cultura e identidade, é um panorama sobre os estudos culturais na América Latina e no Brasil, de acordo com autores como Tufte (1996), Ortiz (2004) e Escosteguy (2000). Neste sentido, as discussões sobre cultura e identidade também envolvem o âmbito da deficiência e do autismo, com os aportes teóricos de Abreu (2022), Diniz (2007) e Ortega (2009). Os autores apresentam

reflexões que se entrelaçam com os impactos do conceito de neurodiversidade para o autismo, e em relação ao modelo social da deficiência.

A terceira categoria diz respeito aos estudos críticos do autismo, um conjunto de pesquisas interdisciplinares que debatem e tensionam o status ontológico do autismo (ORTEGA, 2019; ORSINI; DAVIDSON, 2013; CASCIO, 2019). A partir de Orsini e Davidson (2013) e das categorias antecessoras, o propósito é compreender o que pode existir de comunicacional no autismo e o que o autismo entende por comunicação.

Por fim, a quarta categoria, *podcasting*, traça um panorama histórico do surgimento do podcast, enquanto formato no Brasil, com base em Primo (2005), Freire (2015), Bufarah Junior (2020) e Vicente (2015). Neste âmbito, é proposta uma abordagem cronológica da produção de podcasts no Brasil e das recentes ramificações de temas e perfis de produtores, como mulheres, negros e pessoas com deficiência, incluindo o autismo.

A pesquisa é qualitativa, com o uso de análise de conteúdo como metodologia para observar o texto transcrito de um episódio de cada podcast. Para a análise em questão, foi utilizado o manual de Sampaio e Lyncarião (2021) — com o apoio do manual de Schreier (2012), — que estabelece três grandes etapas: conceituação, desenho e análise. Essas etapas envolvem revisão de literatura, seleção de unidades de análise, criação de categorias, delimitação de amostragem, testes de confiabilidade e interpretação dos dados. Após o processo de codificação, os resultados foram apresentados em texto contínuo.

Neste trabalho, duas categorias foram escolhidas para a investigação: afirmações sobre o autismo como modo de vida e afirmações sobre intervenções e terapias. A amostragem é baseada em duas técnicas não probabilísticas — por propósito/relevância e por conveniência. A análise de conteúdo foi escolhida para a pesquisa por ser um método flexível que requer uma interpretação dos dados, e que permite redução dos dados e foco nos pontos de maior relevância do material pesquisado. Além disso, a análise de conteúdo também permite uma sistematização do conteúdo a partir de uma classificação que pode ser replicável, a depender dos procedimentos e dos instrumentos utilizados.

A pesquisa foi organizada em três capítulos, além desta introdução com uma perspectiva geral sobre o trabalho. O primeiro deles, *Autismo, mídia e participação*

social, apresenta o conceito de TEA e as suas relações com as produções midiáticas, com base em autores como Donvan e Zucker (2017), Kapp (2020) e Singer (2017). É proposto, com base em Lopes (2019), que uma maior discussão sobre o autismo no Brasil se deu com o uso de dispositivos midiáticos; que diferentes representações do transtorno se deram ao longo das décadas, sobretudo em relação às vozes de familiares, profissionais e autistas; que questões de cultura e identidade se entrelaçam ao autismo desde sua formação, enquanto diagnóstico e a constituição de uma comunidade (DONVAN; ZUCKER, 2017); e que os estudos críticos do autismo são uma possibilidade para discutir questões de cultura no âmbito do autismo (O'DELL et. al, 2016).

O segundo capítulo, *Podcast no Brasil*, apresenta diferentes definições de podcast com base em autores como Ferrareto (2007), Bufarah Junior (2020) e Espada (2018); apresenta discussões sobre comunicação e midiatização ancoradas na noção de experiências midiatizadas de escuta (GAMBARO, 2021); tensiona as semelhanças e as diferenças do *podcasting* e do rádio, com o auxílio de Llinares, Fox e Berry (2018), Vicente (2018) e Primo (2005); e traça um recorte temporal de podcasts no país com menções a Luiz (2014), Silva e Santos (2020) e Bonini (2020).

O terceiro capítulo, *Podcasts sobre autismo no Brasil*, apresenta: uma maior participação de minorias na produção de podcasts no Brasil, mas ainda uma incipiência de pessoas com deficiência entre esses produtores; um panorama dos podcasts sobre o TEA no país conforme Pavan e Abreu (2020) e Abreu e Pavan (2021); uma descrição de quais e como são os podcasts analisados; os procedimentos metodológicos e as etapas da análise de conteúdo, sustentadas em Sampaio e Lyncarião (2021) e Schreier (2012), e a análise de conteúdo propriamente dita. Por fim, as considerações finais incluem reflexões acerca dos resultados obtidos.

É esperado descrever, a partir dos resultados encontrados, as bases pelas quais autistas e profissionais definem o autismo e como as intervenções ou as terapias nos podcasts são abordadas. Além disso, busca-se contribuir para a discussão sobre a produção de podcasts sobre a temática da deficiência, fomentando maiores debates a respeito da literatura do autismo e da Comunicação.

1 AUTISMO, MÍDIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um diagnóstico com um histórico que soma mais de 80 anos. Em 1911, o psiquiatra Eugen Bleuler cunhou a expressão “autismo” para descrever uma fuga da realidade e um isolamento do mundo exterior, características associadas ao diagnóstico de esquizofrenia. Quando o psiquiatra Leo Kanner começou a acompanhar crianças nos Estados Unidos, na década de 1940, emprestou a expressão para descrever o distanciamento do mundo social que observava em seus pacientes (CÔRTEZ; ALBUQUERQUE, 2020).

A síndrome foi postulada em 1943, com base no caso de onze dos pacientes de Kanner. As principais características destacadas pelo médico consistiram nas dificuldades de interações sociais, baixas habilidades comunicativas e dificuldades motoras (KANNER, 1943).

Na mesma época, em 1944, o pediatra austríaco Hans Asperger descreveu outro grupo de crianças que também partilhavam dificuldades de socialização, mas que apresentavam inteligência comumente normal ou acima da média, além de vocabulário extremamente formal (ASPERGER, 1944). Por isso, Asperger os chamava de “pequenos professores” e considerou os casos como uma “psicopatia autista” (KLIN, 2006; DIAS, 2015).

No final da década de 1970, segundo Donvan e Zucker (2017), a psiquiatra britânica Lorna Wing traduziu os escritos de Asperger. Por considerar que as características descritas se assemelhavam ao autismo de Kanner, Wing começou a trabalhar na hipótese de autismo como continuum (MATTOS; NUERBERG, 2011). Apesar de divergências do próprio Asperger em relação a isso (DONVAN; ZUCKER, 2017), Wing decidiu nomear, em 1981, o transtorno descrito pelo austríaco como Síndrome de Asperger (WING, 1981).

Rosen, Lord e Volkmar (2021) destacam que foi a partir do DSM-III, em 1980, que o autismo se tornou uma categoria diagnóstica oficial. Em 1987, o DSM-III-R promoveu, segundo os autores, uma mudança conceitual e mais ampla de “autismo infantil” para “transtorno autista”.

De acordo com Klin (2006), foi somente com a CID-10, em 1992, que o trabalho de Hans Asperger foi reconhecido internacionalmente como um padrão diagnóstico. A quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos

Mentais (DSM-IV), de 1994, definiu o autismo como parte do grupo de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), e a Síndrome de Asperger foi incluída separadamente como transtorno (TAMANAHA; PERISSINOTO; CHIARI, 2008). Apesar disso, na tendência da observação original de Lorna Wing do autismo como continuum, pesquisadores passaram a questionar a validade de um diagnóstico independente como Asperger (VOLKMAR; KLIN, 2000).

Entre o DSM-IV e o DSM-V, de 2013, a histórica tentativa de descrever subcategorias de diagnóstico foi abandonada em troca da emergência de um único diagnóstico, o TEA, que causou controvérsia não só no debate científico, mas também dentro da comunidade do autismo, sobretudo pelo impacto cultural e identitário do diagnóstico de Asperger (ROSEN; LORD; VOLKMAR, 2021), o que foi tensionado de acordo com posicionamentos favoráveis e desfavoráveis de ativistas com Asperger (ABREU, 2022). Desta forma, Asperger se tornou parte do TEA no DSM-V (ROSEN; LORD; VOLKMAR, 2021).

Mais tarde, Czech (2018) identificou ligações de Hans Asperger com o programa de eutanásia de pessoas com deficiência do Terceiro Reich, o que gerou mal estar em parte da comunidade que compartilhava do diagnóstico de Síndrome de Asperger (ABREU, 2022). Apesar disso, ainda é cedo para afirmar que o diagnóstico tenha, socialmente, caído totalmente em desuso (SMITH; JONES, 2020).

A CID-11 também passou a perceber as manifestações autísticas como parte de um diagnóstico único, chamado de Transtorno do Espectro do Autismo. No entanto, diferentemente do DSM, a classificação se dá em outros especificadores: uso da linguagem funcional (sem prejuízo, com prejuízo ou ausente), e transtorno de desenvolvimento intelectual (com ou sem deficiência intelectual), que resultam em um total de seis códigos (ICD-11, 2018).

Essas mudanças dos padrões diagnósticos revelam não só uma flexibilização do que se entende ser o autismo — antes, uma condição rara e sempre incapacitante; atualmente, um conjunto de manifestações de menor ou maior gravidade e necessidade de apoio — mas um percurso histórico que nos revela como pessoas antes socialmente despercebidas passaram a pertencer e a se reconhecer no espectro. Também nos mostra que, ao longo das décadas, questões de comunicação são persistentes nas características associadas ao transtorno.

Apesar disso, o autismo é considerado um transtorno de complexo entendimento, especialmente por não ter uma única causa genética ou ambiental conhecida para todos os casos (LAVOR et al., 2020). Além disso, as diferenças entre autistas que necessitam de maior e menor suporte podem ser grandes o suficiente para que, socialmente, seja difícil identificar se dois casos representam o mesmo transtorno. Por isso, a autora Donna Williams (2005) afirmava que se uma pessoa conhece alguém autista, conhece apenas uma pessoa autista e não necessariamente o autismo de forma ampla.

Mesmo que não haja, ainda, prevalências de autismo no Brasil, trata-se de uma população cada vez mais reconhecida globalmente. De acordo com dados de 2021, do Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos, uma a cada 44 crianças é autista no país (MAENNER et al., 2021). No Japão, estima-se que uma a cada 32 crianças, de 6 a 12 anos, esteja dentro do espectro do autismo (SASAYAMA et al., 2020).

1.1 Autismo no Brasil

No Brasil, os primeiros registros públicos do autismo, datados da década de 1950, envolveram notícias e reportagens da imprensa, a maior parte delas traduzidas de agências de notícias internacionais; e estavam predominantemente arraigados a uma noção psicanalítica sobre o autismo que, mais tarde, seria questionada pelos primeiros ativistas. Lopes (2019) nos lembra que alguns dos primeiros grandes congressos sobre autismo no país só ocorreram a partir da segunda metade da década de 1970 e, em maior número, nos anos 1980.

Quando a Associação de Amigos do Autista (AMA) surgiu, em 1983, como a primeira associação de autismo do Brasil, a exibição do filme *Son-Rise: a Miracle of Love*, repetidas vezes pela Rede Globo, foi uma das principais referências sobre autismo para as famílias pioneiras no ativismo. Ao mesmo tempo, uma das principais formas de chamar a atenção para a causa do autismo, na época, dava-se por meio de cartas de leitor em jornais de grande circulação (LOPES, 2019).

Mas a organização, de fato, atingiria maior visibilidade com a divulgação do autismo por meio da televisão. Em 1987, foi criada a campanha “Você sabe o que é o autismo?”, ação que Mello et al. (2013) abordaram na obra *Retratos do autismo no Brasil*:

Tudo começou com a constatação de que a AMA precisava de uma secretária. No processo seletivo, explicamos para a Beth, a candidata selecionada, todas as razões pelas quais o salário dela seria irrisório. Como havia sido secretária na rede Globo, ela mesma telefonou para lá, repetindo tudo o que havíamos dito - como era grande a nossa necessidade de ajuda e que poucos nos ajudavam, pois quase ninguém sabia o que era autismo. A Gtec, que na época se chamava Globotec, ofereceu a produção de uma chamada de 30 segundos para rádio e TV; bastava que conseguíssemos um ator. Imediatamente nos veio à cabeça o Antonio Fagundes, que na época estava com uma peça em cartaz no teatro. Telefonamos e a resposta veio incrivelmente rápida e afirmativa. Como se fosse pouco, o Antonio Fagundes ainda nos apresentou à Rino Publicidade e ao Lucas Mancini, criador do texto que mudou nossa história: "Você sabe o que é autismo? Esta criança sofre deste mal. Não se comunica nem mesmo com seus pais...". Enquanto o Antonio Fagundes falava, ao lado dele, a sombra do João Fernando, meu terceiro filho, na época com 9 anos, aparecia imitando o irmão com autismo (MELLO et al., 2013, p. 24-25).

Para Cavalcante (2003), a publicização do vídeo gravado por Antônio Fagundes e João Fernando marcou uma nova fase para o ativismo da AMA. A partir dali, a organização estaria marcada pela maior presença em dispositivos midiáticos, alcançaria maiores recursos para promoção de atividades educacionais e terapêuticas, e passaria a lograr uma internacionalização, com a promoção de congressos com palestrantes estrangeiros.

A AMA alcançou reconhecimento como instituição de utilidade pública e, em 1998, recebeu o Prêmio Direitos Humanos, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e do Poder Executivo Federal, das mãos do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Atualmente, apesar de não ser uma associação necessariamente nacional, possui filiados em vários estados do Brasil.

Outra fundação de relevância foi a Associação Brasileira de Autismo (Abra), surgida em 1988 com a intenção de integrar e representar as múltiplas associações de autismo do Brasil. Nunes e Ortega (2016) destacam o papel notório da Abra por sua representação no Conselho Nacional de Saúde (CNS), no Conselho da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência (Corde) e no Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade).

Entre o final da década de 1990 e o início da década de 2010, profundas mudanças ocorreram no cenário do autismo no Brasil, sobretudo devido ao fortalecimento do ativismo de familiares e à importância da internet neste processo. Uma mobilização coletiva deu fruto, ao lado do poder público, na Política Nacional

de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, também conhecida como Lei Berenice Piana, sancionada pela então presidente Dilma Rousseff em dezembro de 2012. Um dos destaques da Lei Berenice Piana é o reconhecimento de autistas como pessoas com deficiência para todos os efeitos legais (LOPES, 2019).

No Brasil, Rios (2019, p. 241) apresenta uma noção de familiares como *experts*¹ em autismo, sobretudo pelo fato de que “organizações de pais têm desempenhado um papel duplo no campo biossocial do autismo no Brasil”. Ela argumenta que esse duplo papel se dá pelo oferecimento de serviços especializados e, ao mesmo tempo, a busca por mais tratamentos especializados no país, sobretudo por meio de políticas públicas.

Diferentemente de outros países como Reino Unido e Austrália, em que pessoas autistas começaram a participar dos debates públicos sobre o autismo na década de 1990, no Brasil ocorreu uma participação tardia que só se consolidou a partir da década de 2010. Por isso, temas como a neurodiversidade, por exemplo, configuraram-se periféricos por muito tempo. Apesar de ser uma associação formada por pais, o Movimento Orgulho Autista Brasil (Moab), no Distrito Federal, nos anos 2000, foi a primeira organização a inserir expressões mais ligadas ao ativismo dos autistas, como o Orgulho Autista², em seus materiais e slogan.

Não existem dados conclusivos e uma única causa direta para a emergência do ativismo autista no Brasil a partir dos anos 2010. Neste sentido, quatro fatores comumente interligados podem ser levados em consideração: 1) A publicação do DSM-V em 2013 e, conseqüentemente, uma maior discussão pública sobre o espectro do autismo; 2) Maior representação do autismo em adultos por meio de filmes, séries e novelas; 3) Aumento do diagnóstico de autismo na vida adulta no Brasil; 4) Expansão do acesso à internet no Brasil, com o surgimento e aumento da cobertura 4G e a popularidade de mídias sociais, como Facebook e WhatsApp, que propiciaram formação de comunidades e grupos.

Do ponto de vista associativo da militância, é importante destacar a atuação pioneira de membros autistas da Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas (Abraça), fundada em 2008, que promoveu o 1º Encontro

¹ A autora defende uma equivalência entre os termos “expert” e “especialista”, apesar de possíveis sentidos diferentes sobre a legitimidade de quem são atribuídas as expressões.

² Orgulho autista faz referência direta ao Dia do Orgulho Autista, comemorado anualmente em 18 de junho. A data foi criada em 2005 pela associação britânica Aspies for Freedom (ABREU, 2022).

Brasileiro de Pessoas Autistas (EBA) em setembro de 2016, na cidade de Fortaleza. O evento ficou marcado como o primeiro do gênero no Brasil produzido e direcionado para autistas. Silva (2016) afirma que

O EBA foi o primeiro encontro nacional protagonizado e organizado por pessoas autistas e teve como objetivo apresentar e discutir pontos importantes que afetam suas próprias vidas, promover seus direitos e suas capacidades. Não foi um encontro sobre autismo com profissionais de saúde para debater as características do transtorno e definir tratamentos. Também não foi um encontro de familiares para falar das dificuldades da criação dos filhos autistas. O EBA foi um encontro de pessoas autistas para abordar suas próprias questões e para fortalecer a construção de uma identidade com base no autorreconhecimento enquanto sujeitos de direitos (SILVA, 2016, p. 25).

No âmbito cultural, a atuação autista brasileira teve sentido multiforme. Por meio do texto, escritores como Rodrigo Tramonte, Cristiano Camargo, Nicolas Brito Sales, Sophia Mendonça e Daniela Sales escreveram autobiografias sobre suas experiências no espectro e com o diagnóstico tardio, assim como Alice Casimiro descreveu vivências por meio do blog A Menina Neurodiversa³. Por meio de mídias sociais, como Instagram e Facebook, figuras como Lucas Pontes, Polyana Sá, Fábio Souza, Enã Rezende, Kenya Diehl e Luciana Viegas iniciaram suas atividades com relatos nas redes sociais e, posteriormente, palestras.

Um dos marcos da produção autista no Brasil se deu no YouTube. O primeiro youtuber autista com um canal de notoriedade e conteúdo recorrente foi Nelson Marra. Ele estreou o seu canal em 2015 e o encerrou em 2016 (ABREU, 2022). Ainda em 2015, Selma Sueli Silva e Sophia Mendonça iniciaram o canal Mundo Asperger, mais tarde nomeado Mundo Autista⁴, o mais antigo ainda em atividade do gênero (MENDONÇA; SILVA, 2022).

Até o início de 2022, três canais de autistas conseguiram ultrapassar a marca de 150 mil inscritos: Diário de um Autista⁵, produzido desde 2016 pelo designer, escritor e palestrante Marcos Petry; Willian Chimura⁶, criado em 2019 pelo programador e pesquisador Willian Chimura; e Família Tagarela⁷, outrora chamado Mamãe Tagarela, em atividade desde 2017, mas inicialmente apenas como um

³ Disponível em: <https://ameninaneurodiversa.wordpress.com/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/MundoAutista>. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Di%C3%A1riodeumAutista>. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/WillianChimura>. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Mamaetagarela>. Acesso em: 26 abr. 2022.

material sobre maternidade atípica. Thaís, fisioterapeuta e principal figura da Família Tagarela, recebeu o diagnóstico de autismo durante a produção do canal.

Lopes (2019) também destaca, para além do ativismo de adultos, um desencantamento de ativistas com as organizações, não só pelas relações sociais, mas também pelos custos financeiros e de tempo. Desta forma, o ativismo solo também tem sido uma alternativa na causa do autismo.

Na medida em que um ativismo autista ganhava força e destaque na década de 2010, novos ativistas familiares ou pesquisadores também se tornavam mais participantes ou proeminentes neste período. Neste âmbito, vale destacar os nomes dos jornalistas Andréa Werner, Fatima de Kwant e Francisco Paiva Junior; do historiador Lucelmo Lacerda; dos biólogos Alysson Muotri e Graciela Pignatari; do médico Paulo Liberalesso; da professora Anita Brito; e, especialmente, do apresentador de televisão Marcos Mion.

Rios et al. (2016), ao analisarem matérias jornalísticas impressas no Brasil entre 2000 a 2012, observaram o aumento de interesse midiático em torno do autismo, principalmente com ênfase em questões neurobiológicas sobre o transtorno e relatos de familiares que convivem com o diagnóstico em filhos ou parentes. Segundo os autores, o efeito dramático causado por algumas dessas publicações, especialmente as que tratam da ausência de serviços de saúde adequados, poderia sensibilizar leitores e ativistas para reivindicações políticas.

1.2 Representações do autismo

O autismo, enquanto transtorno, tem se manifestado como tema de produções culturais. Ian Hacking (2009), ao observar a crescente quantidade de narrativas sobre autismo, destacou a influência dessas produções em relação à evolução histórica do entendimento popular sobre o espectro do autismo. Essa expansão considerável fê-lo questionar se o autismo não se teria tornado o transtorno que reflete a década (HACKING, 2010).

Desde o marco inicial do autismo, enquanto diagnóstico, ainda em 1943, a sua conseqüente popularização estava diretamente relacionada a dispositivos midiáticos. Segundo Donvan e Zucker (2017), Kanner, comumente considerado o pai do autismo, tinha uma relação corriqueira com veículos de imprensa, como revistas

e jornais. Foi em 1948, em um artigo da revista Time, que o psiquiatra disseminou, pela primeira vez, a equivocada correlação do autismo com a falta de afeto de seus genitores.

Essa correlação gerou um estigma devastador para famílias de crianças autistas, que se viram culpadas pela deficiência de seus filhos. A popularização da noção de “mãe-geladeira”⁸ foi sustentada pelos meios de comunicação de massa com a autoridade discursiva de psicanalistas como Bruno Bettelheim (BUMILLER, 2013). Por outro lado, foi também pelos meios de comunicação que começou a se desenvolver um ativismo parental que questionava a autoridade profissional e iniciava o debate por políticas públicas.

Familiares-pesquisadores como Bernard Rimland, nos Estados Unidos, e Lorna Wing, no Reino Unido, tiveram um importante papel em demonstrar que o trabalho científico e o ativismo do autismo não precisavam ser totalmente dissociáveis. E, nesse sentido, as contribuições profissionais e a evolução da noção diagnóstica do autismo ajudaram a comunidade (tanto familiares, como pessoas autistas) a se reconhecer como minoria (SINGER, 2017).

A popularização da internet coincidiu com mudanças diagnósticas do autismo, sobretudo a partir do início da década de 1990 pela emergência do diagnóstico de Síndrome de Asperger — conceituado por Lorna Wing, com base no trabalho do psiquiatra Hans Asperger (WING, 1981, 1998), e popularmente difundido, ao longo dos anos recentes, como um autismo leve⁹.

Nesse mesmo período, surgiram, especialmente nos países falantes de Língua Inglesa, os primeiros fóruns com participação de pessoas autistas como o *mailing* Independent Living on the Autism Spectrum (InLV), fundado em julho de 1996, que deu base para o surgimento do conceito de neurodiversidade da socióloga Judy Singer (ABREU, 2022; KAPP, 2020). No Brasil, ações semelhantes foram consolidadas em 1998, com a criação da lista de discussão por e-mail

⁸ “Mãe-geladeira”, segundo Lopes (2019), é uma expressão que se refere à hipótese elaborada por Leo Kanner de que a causa do autismo estaria relacionada à distância emocional de pais em relação aos filhos autistas. A noção, nas décadas seguintes, foi explorada por autores psicanalistas como Bruno Bettelheim, o que gerou críticas posteriores sobre a invalidade de intervenções e percepções psicanalíticas sobre o autismo (DONVAN; ZUCKER, 2017).

⁹ Na comunidade do autismo do Brasil, é comum afirmar a existência de três níveis de autismo: “leve”, “moderado” e “severo”, em referência ao DSM-V. No entanto, apesar do manual apresentar níveis de severidade independentes para cada domínio, não utiliza estas expressões para definir os níveis de autismo (ABREU, 2022). Além disso, para efeitos legais, diagnósticos de autismo no país são feitos com base nos códigos da CID.

“Autismo” no Yahoo, frequentada apenas por mães, pais e outros familiares (LOPES, 2019).

Desde 1988, quando o filme *Rain Man* levou o autismo para o debate público em escala mundial, o tema passou a se tornar mais recorrente em produções culturais (CONN; BHUGRA, 2012). Neste sentido, autistas são representados de múltiplas formas em filmes e séries, o que acaba por contribuir com um maior conhecimento geral sobre o autismo. Por consequência,

Para quem imaginou que as pessoas outrora diagnosticadas com Asperger — e agora classificadas popularmente pelo genérico “autismo leve” — seriam invisibilizadas, o cenário foi oposto. Nunca, na cultura popular, se falou tanto sobre o autismo de Asperger. Por exemplo, séries como *Atypical*, *The Good Doctor*, *Everything’s Gonna Be Okay* e *Love on the Spectrum*, lançadas no período de cinco anos, estão mudando a percepção social do autismo. (ABREU, 2022, p. 30-31).

A noção de autismo e a identidade autista estão além do diagnóstico em si e, segundo Salvador (2019, p. 16), configuram-se em um imaginário coletivo “construído por sujeitos produtores e produzidos pelo discurso”. Os conteúdos midiáticos, por sua vez, reforçam essas noções que circulam em sociedade.

Em torno das representações midiáticas sobre o autismo em produções culturais, como filmes e séries, Lacerda (2017) justificou o fator de ineditismo em torno da condição no contexto comunicacional:

O Transtorno do Espectro do Autismo é, em certa medida, uma novidade. Trata-se de uma condição somente criada/descoberta em meados do século XX e não participa do imaginário social secular transmitido por meio do senso comum pelas gerações no interior da família. Neste cenário, os Meios de Comunicação de Massa têm um papel fundamental no processo de construção da Representação Social destes sujeitos, que constituem uma parcela significativa das pessoas em todo o mundo e principalmente nos Estados Unidos, onde a estrutura social e clínica permite que o diagnóstico seja realizado. No Brasil a condição também atinge milhões de pessoas, sendo, portanto, sua representação social, de relevo (LACERDA, 2017, p. 21).

Desta forma, é possível perceber que autismo e questões midiáticas sempre estiveram intrincadas ao longo das décadas, inclusive entre a atuação profissional de ativistas ligados à causa. A primeira grande obra sobre a história do autismo, *Neurotribes*, de Silberman (2015), é caracterizada por ser um livro-reportagem, tendência também observada em outro notório registro do gênero, *In a Different Key*, de Donvan e Zucker (2017), também jornalistas.

Até a noção contemporânea do autismo, diferentes produções na televisão brasileira, seja no telejornalismo, nos programas de auditório ou até nas telenovelas, abordaram o transtorno. Um formato comum, especialmente em programas recentes de entrevistas, é trazer a participação de mães, profissionais (geralmente médicos ou psicólogos) e, em alguns casos, autistas, o que geralmente se alinha a uma dimensão biopsicossocial do autismo. O mérito desse alcance midiático, segundo Lopes (2019, p. 143), advém do ativismo das famílias que enfrentaram “o preconceito (representado e manifestado pelas mídias) e fizeram com que as suas vozes fossem ouvidas e respeitadas”.

1.3 Cultura e identidade

No Brasil e na América Latina, a pesquisa de mídia se intensificou em um contexto de expansão da televisão e dos movimentos sociais, e de uma visão crítica sobre o processo de modernização, atrelado ao desenvolvimento da mídia (TUFTE, 1996). A crítica dos autores latino-americanos envolve não só as questões de comunicação, mas também reflexões no âmbito econômico, social, político e cultural. Tufte (1996) também destaca que os teóricos tinham um enfoque nas injustiças sociais e na concepção básica da hegemonia do trabalho.

Moresco e Ribeiro (2015) afirmam que, no âmbito da América Latina, ocorreu uma resistência ao uso do termo Estudos Culturais, e uma adesão às obras de autores como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, bem como a investigação sustentada em “teorias da realidade latino-americana: colonização exploratória, industrialização tardia, modernização acelerada, mestiçagem de povos” (MORESCO; RIBEIRO, 2015, p. 177).

Apesar de ter características próprias da realidade local, os estudos de comunicação e cultura latino-americanos tiveram influências de autores como Raymond Williams, Stuart Hall, Pierre Bourdieu e Umberto Eco (TUFTE, 1996). Ortiz (2004) afirma que os Estudos Culturais no Brasil têm uma presença periférica nas ciências sociais, com uma menção maior nas escolas de comunicação.

Escosteguy (2000, p. 3) salienta que os Estudos Culturais não surgem como disciplina, mas como um meio de intersecções de múltiplas disciplinas “no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea”. Na década de 1950, especialmente pelas contribuições teóricas de Raymond Williams, Richard Hoggart e

E. P. Thompson, é que os Estudos Culturais surgem como uma criação britânica e, décadas depois, alcançam países de outros continentes, como a Oceania, a África e a América.

Em *The Long Revolution* (1965), Williams enumera três categorias gerais de definição de cultura: 1) ideal: estado ou processo de atuação humana universal; 2) documental: uma espécie de registro da atividade criativa humana; 3) social: descrição de uma forma específica de vida, que expressa valores dentro da sociedade. Ou seja, um dos pontos mais relevantes da consolidação dos Estudos Culturais centrou-se em uma expansão da noção de cultura — antes entendida a partir das práticas e das tradições das elites e, mais tarde, ressignificada como práticas vividas (ESCOSTEGUY, 2000). Monteiro e Azambuja (2018) afirmam que

A noção expandida de cultura precisava, em contrapartida, incluir os significados e valores que organizam a vida comum, ou seja, a cultura deveria ser pensada como parte constitutiva da vida concreta e não como uma instância separada. Tornou-se impossível, a partir desse movimento, separar questões culturais de questões políticas e econômicas (MONTEIRO; AZAMBUJA, 2018, p. 51).

Ao observar diferentes noções de cultura, Geertz (1978, p. 15) defende um conceito de cultura atrelado à construção e compartilhamento de significados. Para ele

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 1978, p. 15).

No Brasil, Wortmann, Santos e Ripoll (2019) observam que diferentes áreas têm se utilizado dos Estudos Culturais, como comunicação, educação, sociologia, antropologia e literatura, mas o uso é pouco articulado com organizações locais e de outros países latino-americanos. Também apontam que, desde a década de 1990, é possível que a agenda de discussões latino-americanas tenha diminuído na medida em que autores norte-americanos, apropriados dos estudos britânicos, foram se tornando mais relevantes.

Os Estudos Culturais, nas relações feitas entre cultura e sociedade, desenvolveram uma abordagem interdisciplinar para o entendimento das práticas culturais. Com base nesse pressuposto, Moresco e Ribeiro (2015) salientam que

os Estudos Culturais buscam compreender, nas sociedades industriais contemporâneas e em suas inter-relações de poder, a atuação da cultura nas mais diversas áreas temáticas: gênero, feminismo, identidades nacionais e culturais, políticas de identidade, pós-colonialismo, cultura popular, discurso, textos e textualidades, meios de comunicação de massa, pós-modernidade, multiculturalismo e globalização, entre outros (MORESCO; RIBEIRO, 2015, p. 171).

A partir da década de 1970, debates sobre a identidade sob o ponto de vista dos Estudos Culturais se tornaram mais frequentes na medida em que o feminismo e as questões de gênero, raça e etnicidade ganharam maior espaço nas reflexões sobre os processos de construção da identidade, tendo Stuart Hall como um de seus principais expoentes. Em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Hall (2006) afirma que

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

O âmbito do autismo também refletiu essas transformações, sobretudo pelas relações existentes da maternidade atípica com o feminismo e, posteriormente, da atuação autista com os debates sobre identidade. Freitas (2020, p. 28) sustenta a ideia de que a experiência de ter um filho no espectro do autismo “pode alterar a maneira como as mães vêem essas crianças, os planos para o futuro e como valoram suas famílias, inclusive no que se refere à própria identidade de mãe”.

Por isso, muito além de outros familiares e profissionais, as mães historicamente lidam com sobrecargas nas questões de cuidado e na responsabilidade pelo desenvolvimento de filhos autistas (CORCORAN; BERRY; HILL, 2015; CORTEZIA, 2015; TAVARES et al., 2020; VASILOPOULOU; NISBET, 2016). Foram elas que estiveram à frente das primeiras associações de autismo em países como Estados Unidos e Reino Unido e, durante muito tempo, posicionaram-se como voz dos seus filhos (DONVAN; ZUCKER, 2017).

Até a década de 1980, especialmente pelas concepções de autismo daquele período, era impensável a participação direta de autistas no processo do ativismo do autismo. A primeira figura proeminente, neste sentido, foi a pesquisadora Temple Grandin. Em 1986, seu primeiro livro, *Emergence: Labeled Autistic*, foi a primeira

autobiografia de uma pessoa autista a ganhar notoriedade internacional. Em termos de impacto,

Graças à sua formação acadêmico-científica, ela conseguiu que suas observações aprofundadas sobre o autismo logo chamassem a atenção de estudiosos como Uta Frith e, mais especialmente, Oliver Sacks. Em 1992, a australiana Donna Williams também seguiu um percurso semelhante em suas obras publicadas nas décadas de 1990 e 2000 (ABREU, 2022, p. 15).

Em 1993, Jim Sinclair escreveu o manifesto Não Chore por Nós, considerado por ativistas autistas como um marco para o movimento de direitos dos autistas¹⁰ (KAPP, 2020). Sinclair (1993) argumentou que o autismo era indissociável do indivíduo, destacou as expectativas e as frustrações de familiares em não ter uma criança com deficiência e citou o processo de luto e aceitação. Foi diante desse cenário que a socióloga australiana Judy Singer teve contato com o ativismo de autistas em fóruns online como o InLV. O livro Um Antropólogo em Marte, de Oliver Sacks, com um perfil de Temple Grandin, trouxe a ela uma perspectiva de autismo que se encaixava em seu histórico familiar (ABREU, 2022).

Diante disso, Singer (2017) começou a ter contato com os estudos da deficiência britânicos e norte-americanos. Com isso, uma questão histórica de como o autismo, enquanto deficiência, é lido e discutido lhe sobreveio. Judy, neste período, já observava a emergência de uma noção de espectro do autismo. Em sua perspectiva, era difícil enquadrar o diagnóstico de Síndrome de Asperger, por exemplo, nas noções rígidas de deficiência da época¹¹ (ABREU, 2022).

Os teóricos da deficiência e, respectivamente, o movimento das pessoas com deficiência, começaram a construir e consolidar seus estudos entre as décadas de 1970 e 1980. Oliver (2013), um dos proponentes do modelo social da deficiência, argumentava que a estrutura social de apoio à pessoa com deficiência, naquele período, era baseada em uma lógica individual. Para Diniz (2007), o papel dos proponentes do modelo social era expandir a perspectiva sobre deficiência como algo multidisciplinar, e não apenas médico, bem como promover uma abordagem sociológica, com o apoio de pressupostos baseados no materialismo histórico.

¹⁰ O movimento de direitos dos autistas, tradução para autism rights movement, é o nome dado ao movimento social protagonizado por pessoas autistas. Em raros casos, pode ser chamado de movimentos de direitos do autismo.

¹¹ Em seu primeiro livro, Singer (2017) destaca que observava na época a emergência de uma nova categoria de deficiência que não se enquadra nas deficiências física, intelectual e psiquiátrica.

O modelo social ganhou vida própria a partir do movimento de pessoas com deficiência, geralmente representado por pessoas com deficiência física, e passou a ser uma explicação da deficiência a partir das barreiras da sociedade que, de acordo com seus proponentes, deveriam ser erradicadas (OLIVER, 2013). No entanto, a afirmação de que a deficiência desapareceria com o fim das barreiras passou a ser contestada principalmente por autoras feministas durante as décadas de 1990 e 2000, para quem a dimensão do cuidado no âmbito da deficiência era fundamental (DINIZ, 2007). Diniz ainda nos lembra que

As teóricas feministas trouxeram à tona temas esquecidos na agenda do modelo social. Falaram do cuidado, da dor, da lesão, da dependência e da interdependência como temas centrais à vida do deficiente. Elas levantaram a bandeira da subjetividade do corpo lesado, discutiram a transcendência do corpo por meio da experiência da dor, e assim forçaram uma discussão não apenas sobre a deficiência, mas sobre o que significava viver em um corpo deficiente ou lesado. Assim como os homens da primeira geração do modelo social, as teóricas feministas também tinham a autoridade da experiência do corpo com lesões — eram deficientes. Mas, diferentemente deles, havia algumas teóricas não deficientes que reclamavam uma nova autoridade: de cuidadoras de deficientes (DINIZ, 2007, p. 58).

Historicamente, o autismo esteve afastado de qualquer discussão relacionada aos teóricos da primeira geração do modelo social, sobretudo pelo papel materno na discussão do autismo. Seria apenas com a geração feminista do modelo social da deficiência que os debates poderiam ser aproximados. Judy Singer foi precursora neste âmbito ao propor a noção de neurodiversidade em 1998 para definir a pluralidade neurocognitiva da população humana (SINGER, 2017).

Como mãe de uma menina autista e como filha de uma mãe em quem enxergava indícios de autismo¹², Singer compartilhava da subjetividade e da influência pós-moderna das autoras feministas de sua geração. Singer também considerava as noções apenas construtivistas da deficiência como problemáticas; ela compartilhava da noção de Susan Wendell, uma das autoras mais influentes da geração feminista com deficiência, de que era preciso transcender a unilateralidade que existia no movimento das pessoas com deficiência (SINGER, 2017).

O conceito de neurodiversidade permitiu, mais explicitamente, a emergência do debate do autismo como identidade para sujeitos diagnosticados e também para

¹² Em seu livro, Singer afirma que observava traços autistas em sua mãe, mas ao longo do tempo não chegou a um diagnóstico de autismo.

toda uma minoria neurológica (com deficiência ou não) que, do ponto de vista individual, intitularia-se neurodivergente¹³ (ABREU, 2022).

Apesar disso, a perspectiva de Singer de que as contribuições profissionais de figuras como Tony Attwood e Lorna Wing foram importantes para que autistas fossem vistos como minorias deu lugar, em parte, a um ativismo autista considerado, parcialmente, inflexível. Ortega (2009) afirma que o movimento da neurodiversidade carrega semelhanças com o movimento surdo no que se refere à afirmação de uma comunidade e uma cultura autistas, bem como à recusa de qualquer tipo de cura. Nesse sentido, pessoas autistas também se articulam com declarações públicas, como a do orgulho autista, que faz referência ao orgulho de outras minorias, como os LGBTQIAP+, os surdos e os negros. Ele explica que

Quando um grupo social é estigmatizado pela maioria da sociedade, a autodeclaração da identidade constitui um processo de *coming out*. A afirmação “sou deficiente” (surdo, cego, autista, entre outros) constitui uma afirmação de auto-categorização, um processo de subjetivação e de formação de identidade. Para os teóricos dos estudos da deficiência, essa afirmação permite um deslocamento do discurso dominante da dependência e anormalidade para a celebração da diferença e o orgulho da identidade deficiente. Trata-se tanto de um compromisso coletivo e político de protesto contra as barreiras sociais incapacitantes encaradas pelos indivíduos com algum tipo de lesão, como de uma transformação da identidade pessoal vivenciada com orgulho (ORTEGA, 2009, p. 69).

Mas, se, antes, por meio de uma luta por seus filhos, consolidou-se a identidade da “mãe ativista” (LOPES, 2019, p. 8), ativistas autistas passaram a determinar-se como sujeitos mais legítimos e reais protagonistas no debate sobre o autismo. Com isso, são comuns conflitos com familiares, sobretudo com aqueles cujos filhos constituem-se de maior dependência (ABREU, 2022).

Essas questões ainda são tensionadas e, em grande parte, envolvem a própria concepção de autismo como um único espectro que abrange tanto o chamado “autismo severo”¹⁴, como os casos da extinta Síndrome de Asperger. Atualmente, reflexões e estudos sobre a neurodiversidade se relacionaram com questões de identidade — como sexualidade, gênero, classe, deficiência e raça —, política, economia, cultura e direitos humanos e, em parte, interseccionaram-se com

¹³ Neurodivergente é um termo criado pela ativista Kassiane Assumassu para definir alguém que faz parte de uma minoria neurológica. Para as diferenças entre neurodiverso e neurodivergente, ver Abreu (2022).

¹⁴ Termo popular utilizado na comunidade do autismo para casos de autismo de maior dependência. Apesar disso, não se trata de uma expressão técnica.

os chamados estudos críticos do autismo (DOYLE, 2020; RUNSWICK-COLE, 2014; STRAND, 2017; DE HOOGE, 2019; SIMMONS; BOYTON; LANDMAN, 2021; TRENTO, 2020).

1.4 Estudos críticos do autismo

Há um pensamento comum de que o autismo é uma categoria exclusivamente médica ou, no melhor dos cenários, um tópico exclusivo das ciências da saúde. Apesar disso, o autismo, como a maioria das deficiências, é uma categoria médica e, ao mesmo tempo, também pode ser entendida como uma categoria de identidade social e cultural.

O autismo, desta forma, tem uma história composta por suas próprias figuras, seus conflitos e suas dinâmicas de poder que dizem respeito aos que participam de sua comunidade, e por suas relações sociais, que podem ser entendidas a partir, e também fora, das características médicas descritas nos manuais de diagnóstico (ABREU, 2022).

Ortega (2019, p. 121) trabalha a ideia de autismo como “categoria problemática” por sua existência e definição serem negociadas por várias instâncias médicas e não médicas. Mais do que isso, o autismo pode ser entendido como um conceito que permite abarcar múltiplos significados — autismo como objeto, identidade, expressão humana, estado de espírito ou entidade diagnóstica. Engendradora numa percepção construtivista, Cascio (2019, p. 314) reforça que o conceito de autismo seria referente a um “modo de construir sentido”.

Nesse sentido, a relação de áreas como Sociologia, Filosofia e Psicologia nos estudos do autismo deu origem aos estudos críticos do autismo — ou Critical Autism Studies (CAS). Segundo Runswick-Cole, Mallett e Timimi (2016), o CAS são um conjunto de estudos e pesquisas interdisciplinares sobre o autismo que podem reunir uma perspectiva crítica da psiquiatria, da psicologia social, das ciências sociais, dos estudos da deficiência, dos estudos culturais e de outros campos do saber, como a educação e, neste contexto, a comunicação.

Orsini e Davidson (2013), responsáveis por cunhar os estudos críticos do autismo, definem-os a partir de três objetivos: 1) Compreender como relações de poder moldam o campo do autismo; 2) Promover discursos capazes de contestar narrativas sobre autismo engendradas em déficits que influenciam a cultura, a

política e a opinião pública; 3) Ter o compromisso de desenvolver "novos quadros analíticos usando abordagens metodológicas e teóricas inclusivas e não redutivas para estudar a natureza e a cultura do autismo"¹⁵ (ORSINI; DAVIDSON; 2013, p. 12, tradução nossa).

Montes e Lacerda (2019, p. 4-5) defendem que “autores dos CAS chamam atenção para um olhar sobre os ‘mundos dos autismo’ não desvinculados dos outros mundos, mas como parte do mundo social”. Os autores justificam que a experiência do autismo, neste caso, é construída a partir da realidade social. Por isso, é no âmbito dos estudos críticos do autismo que se torna possível discutir o próprio sentido de “comunicação” em termos de autismo.

Vale mencionar que o autismo, enquanto transtorno do neurodesenvolvimento, relaciona-se com déficits na comunicação social. Não há uma precisão clara do que seja entendido enquanto “comunicação social” para a quinta edição do DSM (TOPAL et al., 2018). A American Speech-Language-Hearing Association (ASHA), por sua vez, define transtornos da comunicação como uma deficiência “na capacidade de receber, enviar, processar e compreender conceitos ou sistemas de símbolos verbais, não-verbais e gráficos” (ASHA, 1993, n.p, tradução nossa).

Neste contexto, a ideia de comunicação está diretamente relacionada a questões de fala e linguagem. Portanto, fonoaudiólogos, audiologistas e outros profissionais do gênero acabam por estar mais relacionados ao que se entende por “comunicação social” no contexto de deficiências como o autismo. Isso não significa que não seja válido questionar, fora do âmbito das intervenções em saúde e educação, se seria possível que a observação das características comunicativas relacionadas ao autismo pudesse contribuir para o entendimento do que seja comunicação.

Isso porque, partindo da concepção de comunicação dentro do âmbito das interações sociais, o autismo é um diagnóstico atrativo para se entender como seres humanos constroem vínculos em sociedade, como respondem a estímulos verbais e não-verbais dos ambientes e, mais do que tudo, como se articulam coletivamente e publicamente. Não é de hoje que a interação virtual de autistas, por exemplo, é

¹⁵ *“Commitment to develop new analytical frameworks using inclusive and nonreductive methodological and theoretical approaches to study the nature and culture of autism”*

objeto de pesquisas em todas as faixas etárias e em diferentes países (DAVIDSON, 2008; HERSINTA, 2021; PARSLOE, 2015; RINGLAND, 2019).

Apesar disso, é importante reforçar que a noção de comunicação baseada nos estudos críticos do autismo trazida aqui evita se comprometer a uma correlação fatalista e unilateral entre o autismo e o mau uso social das mídias — como se o advento tecnológico das últimas décadas trouxesse, em si, apenas pontos negativos.

Pasek (2015) aponta a existência de críticas dentro dos estudos de mídia que se configuram como modelos excludentes para pessoas autistas. Entre elas, uma representação de pessoas autistas como não-humanos, ciborgues, robôs, com comunicação pobre ou limitada, o que levou ao surgimento de termos, como “autismo cultural” ou como a expressão “tautismo”, de Sfez (1996), que também refletem um desconhecimento do que seja o autismo e suas características. Pasek questiona

Como esses modelos excludentes de crítica da mídia podem ser corrigidos? Em primeiro lugar, ao mobilizar os tropos culturais das deficiências como modelos negativos para a relacionalidade tecnológica, os críticos presumem a natureza estática e inerente dos próprios impedimentos autistas. Os estudiosos da deficiência, por outro lado, têm contestado fortemente a maneira pela qual a sociabilidade pode ser abordada como uma propriedade individual, em vez do resultado emergente de uma esfera cultural mais ampla. Isso desafia muitos dos pressupostos de definição que os estudiosos da comunicação trazem para sua ideia de comunicação. Quando a fala face a face, afetivamente carregada, não é mais considerada como o único ou privilegiado modo de troca, os autistas desfrutam de formas muito melhoradas de coordenação social, particularmente quando empregam ferramentas de comunicação mediada, como uma tela, lápis e papel, ou um companheiro animal. Da mesma forma, a estigmatização de tiques corporais e declarações não-verbais por parte de pesquisadores e educadores pode roubar os autistas de formas significativas de expressão volitiva. Esses esforços de advocacy, focados em legitimar a diferença em vez de corrigir os desvios do ideal social e neurotípico, contribuíram para o alcance político das vozes autistas no movimento mais amplo da neurodiversidade e têm um papel significativo no fortalecimento do escopo da pesquisa em comunicação como tal (PASEK, 2015, n.p, tradução nossa)¹⁶.

¹⁶ *“How might these exclusionary models of media criticism be amended? Firstly, in mobilizing the cultural tropes of disabilities as negative models for technological relationality, critics presume the static and inherent nature of autistic impairments themselves. Disability studies scholars, conversely, have strongly contested the way in which sociality can be approached as a property of discrete individuals rather than the emergent outcome of a broader cultural sphere. This stands to challenge much of the definitional presumptions communications scholars bring to their idea of communication. When face-to-face, affectively laden speech are no longer considered as the sole or privileged modes of exchange, Autistics enjoy vastly improved forms of social coordination, particularly when employing mediated communication tools such as a screen, pencil and paper, or a companion animal. Similarly, the stigmatization of bodily tics and nonverbal utterances on the part of researchers and educators may rob Autistics of meaningful forms of volitional expression. These advocacy efforts, focused on*

A perspectiva de Pinchevski e Peters (2015, p. 15, tradução nossa) é mais equilibrada, ao considerar assertivamente que “o desafio ético que o autismo levanta é aceitar a deficiência como uma condição humana sem apagar a diferença radical causada pela deficiência”.¹⁷ Este desafio perpassou, historicamente, a tentativa de substituir um modelo de percepção do autismo baseado unicamente em déficits para uma concepção que abarca uma noção mais próxima ao modelo social da deficiência (O’DELL et. al, 2016), que é um dos pressupostos geralmente trazidos nos estudos críticos do autismo (WUO, 2019).

Woods et al. (2018, p. 4, tradução nossa) defendem que uma pesquisa dentro dos estudos críticos do autismo deve ser “inclusiva, crítica, permitir novas linhas de investigação e ter integridade epistemológica”¹⁸. Os autores argumentam que a integridade epistemológica¹⁹, que aqui se refere à participação ativa de autistas na construção do conhecimento, é vital para a natureza emancipatória dos estudos críticos do autismo para evitar a profusão de uma mentalidade de silo.

Podemos considerar que os estudos em comunicação podem se beneficiar dos estudos críticos do autismo se tomarmos a perspectiva de Ries e Lima (2020), que defendem a existência de um processo comunicacional desenvolvido por pessoas que participam do que entendemos como comunidade do autismo em busca de reconhecimento e visibilidade, seja em episódios interacionais, seja como grupo social.

Por fim, é importante reforçar que a noção de cultura, neste trabalho, tem sido adotada com cautela. Cascio (2015, p. 3, tradução nossa) argumenta que o conceito de cultura “deve ser problematizado devido ao seu potencial de fetichização, exotização e alterização”.²⁰ Ela defende que, no âmbito do autismo, o termo “cultura” tem sido comumente utilizado para definir o “outro”, como brasileiros, italianos, indianos e outros povos que não compartilham um contexto de vida anglo-saxão.

legitimizing difference rather than correcting deviations from the social and neurotypical ideal, have contributed to the political reach of autistic voices in the larger neurodiversity movement and stand significantly to invigorate the scope of communications research as such”.

¹⁷ “The ethical challenge autism raises is of accepting disability as a human condition without effacing the radical difference caused by disability”.

¹⁸ “A CAS definition must be inclusive, be critical, allow new lines of inquiry and have epistemological integrity; the latter is important for the discipline’s external acceptance”.

¹⁹ Os autores não conceituam o que entendem por “integridade epistemológica”, apenas relacionam a participação ativa de autistas no processo de construção do conhecimento para garanti-la.

²⁰ “I want to acknowledge that this concept has been and should be problematized due to its potential for fetishization, exoticization, and Othering.”

Por isso, a autora destaca a falta de uniformidade do que é entendido como “cultura” em múltiplas publicações referentes ao autismo.

2 PODCAST NO BRASIL

A denominação corrente de podcast é, de acordo com Bufarah Junior (2020), um conjunto de arquivos multimídia — comumente áudio e, em alguns contextos, vídeo — estruturados por meio de um feed RSS²¹, que pode ser acessado em plataformas de áudio, bem como ser baixado em múltiplos dispositivos.

Ferrareto (2007, p. 2) define *podcasting* como “forma de difusão pela internet de arquivos ou séries de arquivos — os podcasts —, não apenas de áudio, mas abrangendo outros tipos, como vídeo ou fotografias”. Ou seja, *podcasting* seria o termo referente ao processo midiático consequente à publicação de arquivos pela internet, com periodicidade, público e formato livre, da forma como o produtor desejar.

Prince (2020) afirma que a origem do *podcasting* se deu em 2004, nos Estados Unidos, por meio do programador Dave Winner e do apresentador Adam Curry. Enquanto Curry foi pioneiro na criação do programa Daily Source Code, que atingiu sucesso na mídia mainstream, Winner utilizou a tecnologia RSS para distribuir o Morning Coffee Notes²².

Espada (2018) defende que os podcasts são baseados em três tecnologias principais: uma forma de comprimir a informação sonora (por exemplo, arquivos codificados em MP3), uma rede global ponto a ponto (internet) e um sistema de assinatura, o RSS.

A expressão *podcasting* foi utilizada pela primeira vez também em 2004, no texto Audible Revolution, de Ben Hammersley, publicado no jornal britânico The Guardian²³. Em 2005, o termo podcast foi eleito pelo Dicionário de Oxford como a palavra do ano²⁴.

Esta pesquisa parte do entendimento de que as produções em podcast têm uma relação íntima com o acesso a conteúdos na internet e de que o consumo de produtos do gênero preenche o vazio que o menor alcance midiático do rádio

²¹ RSS, sigla para Rich Site Summary ou Really Simple Syndication. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/web/arquivos/003127.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

²² Disponível em:

https://web.archive.org/web/20140728055901/http://www.wired.com/2009/08/dayintech_0813/. Acesso em: 1 mai. 2022.

²³ Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>. Acesso em: 1 mai. 2022.

²⁴ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/12/051207_podcastms. Acesso em: 1 mai. 2022.

deixou, que seria provocado "especialmente pela dificuldade em adaptar sua linguagem aos públicos que surgiram sob a expansão tecnológica no âmbito da comunicação" (PAVAN; ABREU, 2020, p. 259). Neste contexto, Magnoni, Almeida e Leite (2020) afirmam que

o desenvolvimento da internet comercial acelerou a junção de todas as tecnologias comunicativas e os acervos culturais registrados em suportes, um salto técnico-científico que permitiu a digitalização, o armazenamento e a transmissão em tempo real e também diferido, de acervos escritos, numéricos, ilustrados e audiovisuais. Tudo isso com alcance global, com interatividade, multilateralidade, portabilidade, mobilidade e com acesso e consumo informativo individualizado. É um fenômeno reordenador, e também desestabilizador, que requer atenção e investigação contínua dos pesquisadores em geral, e em especial dos especialistas em Comunicação e das Ciências Sociais e da Computação. Dentro da expansão digital, a escalada dos *audiocasts* apenas segue a tendência já consolidada. (MAGNONI; ALMEIDA; LEITE, 2020, p. 155).

No Brasil, estudos sobre *podcasting* estão presentes em múltiplas áreas, com maior destaque em dois campos: a educação, cuja ênfase se dá no uso do podcast como uma ferramenta educacional; e comunicação, focada nos processos de produção, suas linguagens, e das relações entre rádio e *podcasting* (KISCHINHEVSKY; LOPEZ; BENZECRY, 2020).

2.1 Comunicação e midiatização

A pesquisa no campo da comunicação e o próprio conceito de comunicação são, nas últimas décadas, alvo de debates teóricos que dialogam com múltiplas áreas, como a linguística, a sociologia e a semiótica (SIGNATES, 2021). Braga (2011a), ao pensar a formação do campo da comunicação, lembra que a comunicação esteve engendrada de forma significativa ao que compreendemos como estudos de mídia. Isso faz com que seja comum pensar o ato de estudar mídia como única forma de estudar Comunicação.

O autor, porém, destaca que, neste percurso, existem duas principais noções opostas que podem descrever formas distintas de conduzir pesquisas em Comunicação. A primeira parte da conclusão de que tudo é comunicação. A segunda, por sua vez, desemboca na redução em setores de pesquisa que podem se inclinar aos gostos dos sujeitos pesquisadores. Enquanto uma pode se dispersar

com outros saberes e se afastar dos fenômenos comunicacionais, outra pode evitar dialogar com outras áreas (BRAGA, 2011a). Ele argumenta que

Evidentemente, temos pouco pensamento epistemológico em comparação com as ciências constituídas — na verdade não tão pouco assim, porque em contrapartida possuímos certa diversidade. O problema é que essa diversidade, apesar de rica, é dispersa. Não conseguimos ainda tensionar muito eficazmente, entre nós pesquisadores, essa diversidade. Não se trata de unificar a diversidade, trata-se de tensionar, porque através do tensionamento conseguimos efetivamente avançar (BRAGA, 2016, p. 18).

Portanto, a orientação comum nos estudos de Comunicação acaba por ser um percurso histórico de entendimento dos efeitos dos meios de comunicação de massa, geralmente iniciado a partir do modelo hipodérmico (VARÃO, 2009). Aquilo que é compreendido como as escolas pertencentes às teorias da comunicação pode variar conforme escolhas feitas em disciplinas dos programas de pós-graduação e dos seus respectivos delineamentos editoriais. Isso fez com que Martino (2008) questionasse se a comunicação é um campo interdisciplinar sem objeto definido ou um campo definido pelos estudos dos meios de comunicação de massa.

Não é objetivo deste trabalho esgotar essas questões. Signates (2012, p. 142) afirma que, a despeito da dificuldade de se responder questões como “o que é comunicação?”, “a comunicação é hoje um campo disciplinar em franco processo de afirmação e legitimação, no Brasil” com debates que incluem não só epistemólogos, mas pesquisadores e estudantes de comunicação em geral. Sobre o conceito de comunicação, o autor defende que

é comunicação a ética procedimental dos vínculos democráticos, por meio de cuja teorização torna-se possível enfrentar a crise das disciplinas, a crise da verdade e a crise social das ciências. É também comunicação é aquilo que integra sem unificar e gerencia sem resolver o desequilíbrio dos diferentes saberes, linguagens e experiências humanas. E é comunicação ainda o modo pelo qual a experiência se torna linguagem, a linguagem se converte em saber e o saber se concretiza em novas experiências, tornando possível o trânsito das ideias e dos sentidos (SIGNATES, 2012, p. 147).

Braga (2011a, p. 66) pensa o objeto da comunicação como um “certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional”, baseado em processos sociais. Desta forma, para o autor, o importante é que as observações possam ter suas capacidades de explicar os fenômenos comunicacionais testados.

Nas últimas décadas, desenvolveu-se a noção de midiaticização que, segundo Morigi (2004, p. 6), é “um fenômeno complexo *constituído* e *constitutivo* de um

conjunto de interações sociais e discursivas” que transforma e cria novos valores para as relações existentes no cotidiano. Hjarvard (2012, p. 55) defende que a midiatização é o “conceito-chave para a compreensão da influência da mídia na cultura e na sociedade”. Esta noção, de caráter não normativo²⁵, está baseada na compreensão do processo de dependência da sociedade em relação a mídia e a sua respectiva lógica.

Hepp (2014) explica que o conceito de midiatização envolve duas tradições, chamadas de institucionalista e socioconstrutivista. Enquanto a institucionalista estaria mais centrada em estudar a mídia tradicional de massa, a socioconstrutivista teria maior ênfase nas práticas comunicativas do cotidiano (como as das mídias digitais), e em como a cultura e a sociedade se transformam nessa construção comunicativa.

Numa sociedade em contexto de midiatização, mídia e processos comunicacionais; mídia e campos sociais; mídia e dispositivos interacionais se complementam. Xavier e Batista (2016, p. 78) definem dispositivos interacionais como as “matrizes sociais que movimentam os sentidos” diante das formas distintas de interação social e dos processos comunicacionais estabelecidos em “práticas insurgentes”.

Para Braga (2011b), tais matrizes que caracterizam os dispositivos interacionais estão em constante reelaboração, são socialmente sofisticadas e são acionadas pela sociedade para a interação. Assim, episódios comunicacionais sempre se desenvolvem no âmbito de dispositivos interacionais. O autor enfatiza que

Podemos então considerar que “dispositivos de interação” são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais — em suma — pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais (BRAGA, 2011b, p. 11).

Para fundamentar pesquisas em midiatização em uma abordagem empírica que seja praticável, foi estabelecido o conceito de configurações comunicativas, que segundo Hepp e Hasebrink (2015, p. 82), são “padrões de processos de

²⁵ Sobre a midiatização, Hjarvard (2012, p. 65) afirma que “pressupor *a priori* que a midiatização é negativa, de certo modo, representa um problema”.

entrelaçamento comunicativo que existem ao longo de várias mídias e têm um enquadramento temático que orienta a ação comunicativa”.

Com base nas definições de midiatização e de configurações comunicativas, Gambaro (2021) propôs o conceito de “experiências midiatizadas de escuta”. O termo centra-se na experiência do ouvinte com os diversos serviços definidos pelo áudio, como podcasts e rádio. Essa experiência se define pelas diferentes ações de acesso e audição, seja pelo uso de *streaming* de música e de podcasts, da rádio hertziana a partir do celular, do aparelho de som doméstico ou automotivo, ou até mesmo do acesso a serviços que distribuem produções sonoras.

Em um contexto de profunda midiatização, a experiência de escuta é “uma configuração comunicativa em que o conjunto que chamamos ‘mídia sonora’ é um dos atores centrais, ao lado dos produtores e dos ouvintes” (GAMBARO, 2021, p. 5).

2.2 Relações entre rádio e *podcasting*

O primeiro podcast brasileiro, Digital Minds, estreou suas atividades no final de 2004. Lopes (2017) afirma que Danilo Medeiros, o criador do programa, era um fã de rádio desde a infância e, ao mesmo tempo, um entusiasta de novidades tecnológicas. Mas, apesar das associações entre o rádio tradicional e o podcast, algumas diferenças foram se observando ao longo dos tempos, o que gerou debates descritos, ao longo do tempo, na literatura nacional e internacional.

Primo (2005) defende que a produção independente, caseira e até portátil, por exemplo, é um elemento que diferencia o *podcasting* dos modos correntes dos processos de radiodifusão. O autor, ao referenciar a noção de três níveis midiáticos apresentada por Thorton (2013), defende que o *podcasting* poderia ser explorado tanto como micromídia e mídia de nicho justamente pelos diferentes produtores possíveis — do podcaster²⁶ independente até jornalistas que trabalham em grandes empresas de mídia.

Llinares, Fox e Berry (2018) defendem que ainda existe, entre os pesquisadores, um desconforto em definir o podcast como um meio. Os autores argumentam que o *podcasting* se diferencia do rádio pela participação expressiva de sujeitos sem experiência de radiodifusão e pelos podcasts apresentarem uma estética sonora distinta do rádio (principalmente em termos de duração, conteúdo,

²⁶ Podcaster é uma expressão utilizada para se referir às pessoas que produzem podcasts.

linguagem e convenções estruturais). Também reiteram que “as origens do meio vêm de um desejo de contornar as práticas midiáticas das estações de rádio e entregar conteúdo independente de forma direta aos ouvintes” (LLINARES; FOX; BERRY, 2018, p. 5, tradução nossa).

Com base na noção apresentada por Morris e Patterson (2015) de que o *podcasting* se traduz em significados e práticas culturais, Llinares, Fox e Berry (2018) argumentam que assim como as práticas cinematográficas tiveram impactos na televisão, as práticas radiofônicas tiveram uma influência para os podcasts. Eles dizem que os trabalhos e as práticas culturais do *podcasting* envolvem “jornalismo, arte performática, comédia, drama, documentário, crítica e educação” (LLINARES; FOX; BERRY, 2018, p. 5, tradução nossa). Portanto, estudos de *podcasting* seriam mais que um campo de pesquisa interdisciplinar, mas também uma ferramenta para entender características de outros meios culturais.

Falcão (2021, p. 24) afirma que as relações entre podcast e rádio “já superaram a dicotomia do ‘ser ou não ser’”. A autora também salienta que

Ao mesmo tempo em que resgata formatos tradicionais do rádio, como a já extinta radionovela, a entrevista e o debate, o *podcast* também apresenta novos formatos, como o *true crime* e o próprio formato aqui estudado, de notícias diárias de análise aprofundada. Em relação à linguagem, sem dúvida, há maior liberdade no *podcast*, principalmente naqueles produzidos de forma independente, mas essa é uma questão muito relativa, já que cada dia mais as rádios brasileiras têm apostado na coloquialidade e abandonado padrões rígidos que limitam a atuação dos jornalistas (FALCÃO, 2021, p. 25).

Markman (2012) expõe que, a partir das raízes independentes e até amadoras das produções, seria possível perceber o *podcasting* como um tipo de conteúdo gerado pelo usuário²⁷ enraizado na cultura da convergência, especialmente pela diminuição de fronteiras entre quem é produtor e quem é consumidor.

Vicente (2018, p. 97) afirma que, para além da participação de emissoras convencionais, a produção em *podcasting* possui uma “autonomização” percebida por meio de sua linguagem e função social. O autor destaca que

Um ponto importante é o de que o *podcasting*, como já observamos aqui, refere-se à produção e transmissão de episódios de um único programa. Dessa forma, a relação com o ouvinte estabelece-se na periodicidade de produção de novos episódios: diária, semanal, mensal etc. Nesses termos,

²⁷ Em inglês, o termo é conhecido como user-generated content (UGC).

a prática do podcasting teria um equivalente aproximado em um serviço como o Netflix, que fornece séries, documentários e filmes — originais ou não — para exibição sob demanda e desvinculados da grade de programação de uma emissora (VICENTE, 2018, p. 97).

Murta (2016) considera podcast como modo de conversação em rede, não somente do ponto de vista de quem produz, mas também a partir das relações criadas entre fãs e demais ouvintes. O autor também destaca uma relação entre podcast e rádio e, desta forma, com as narrativas orais.

Rezende (2007) afirma que, no Brasil, os podcasts têm significativas referências da linguagem radiofônica. No entanto, diferenciando-o da programação radiofônica diária, Vicente (2018) afirma que o podcast permite um trabalho de edição mais complexo. Além disso, segundo ele, o podcast também possibilita uma aplicação explicitamente social a partir de uma linguagem mais direta e um contato mais próximo com seus ouvintes.

Neste sentido, há uma importância intrínseca nas conversas e nos diálogos oferecidos pela mídia sonora. Para Corrêa (2014, p. 77), é fundamental pensar “a linguagem radiofônica para além do meio, ainda que esta mídia nos ofereça muitas possibilidades para se conversar, para se realizar práticas comunicativas”.

Uma maior pesquisa sobre *podcasting* em âmbito nacional e internacional também acompanhou um crescimento econômico, tecnológico e da audiência de podcasts no mundo inteiro, o que, de certa forma, foi impulsionado com o maior uso de *smartphones* e *tablets*, bem como com a maior facilidade em baixar episódios nestes dispositivos (BUFARAH JÚNIOR, 2020; NUNES; JAOUDE, 2022).

Esta modalidade de consumo foi definida por Kischinevsky (2009) como a da cultura da portabilidade. Do ponto de vista de quem produz podcast, o aumento e barateamento de serviços de hospedagem — bem como um preço menor de equipamentos de gravação e edição de áudio — permitiram um crescimento do mercado de podcast em todo o mundo (PAVAN; ABREU, 2020).

Apesar disso, a percepção apenas econômica e de audiência do podcast tende a simplificar outros aspectos pertinentes do *podcasting*. Por isso, Llinares, Fox e Berry (2018) dizem que

Análises que se concentram apenas em números de audiência e potencial econômico ignoram o vasto espectro da cultura do podcast, suas formas e contextos, as razões pelas quais são feitos, por que são ouvidos e a complexidade e diversidade de seu impacto. De muitas maneiras, o podcast

continua sendo uma curiosidade na periferia da grande mídia, uma ramificação esotérica da cultura digital. Seu interesse e identidade, para nós, reside em sua liminaridade prática e conceitual e no jogo de possibilidades mediadoras que provoca (LLINARES; FOX; BERRY, 2018, p. 6, tradução nossa).

Por fim, não seria estranho afirmar que o podcast teria uma natureza híbrida por ser fruto do radiofônico e da internet. Fernandes (2019) argumenta que isso não só garante um tom inovador para o podcast, como também representa uma democratização da informação, questão que será abordada com maior profundidade nos tópicos sucessores.

2.3 Linha do tempo

Uma cronologia consistente e aprofundada do *podcasting* no Brasil ainda é incipiente, não apenas pela baixa quantidade de pesquisas sobre o tema nos anos 2000, mas também pela baixa preservação de podcasts na internet²⁸. Além disso, nem mesmo todas as produções que se mantiveram ao longo dos anos disponibilizam todos os episódios em seus *feeds*.

Nos últimos anos, a pesquisa em *podcasting* no Brasil cresceu, ao passo que a disseminação do formato também se intensificou ao longo dos últimos cinco anos, especialmente com a entrada de grandes marcas, produtoras e plataformas digitais. Isso fez com que diferentes marcos fossem descritos pelos pesquisadores ao longo do tempo.

O primeiro podcast brasileiro de que se tem registro é o Digital Minds, criado por Danilo Medeiros em outubro de 2004. Seu catálogo reuniu quase 20 episódios até 2006²⁹. Em outubro de 2017, Danilo ensaiou um retorno à podosfera³⁰, desta vez com o projeto Digitalminds Podcast 2.0, que durou cerca de dois meses³¹.

²⁸ Muitas conclusões podem ser tomadas neste sentido, mas observações mais consistentes são possíveis de serem feitas com futuras pesquisas. O que pode se destacar é que distribuir podcasts era possivelmente mais difícil no passado, o que também pode ter comprometido a memória destes trabalhos.

²⁹ Uma versão arquivada do feed RSS do Digital Minds pode ser vista em: <https://web.archive.org/web/20090512184526/http://www.digitalminds.com.br/rss>. Acesso em: 8 mai. 2022.

³⁰ Termo referente ao cenário/ecossistema de podcasts.

³¹ Disponível em: <https://chartable.com/podcasts/digitalminds-podcast-20-489871>. Acesso em: 8 mai. 2022.

Luiz (2014) destaca que, ainda em 2004, surgiram os programas Podcast do Gui Leite, Perhappiness (de Rodrigo Stulzer) e Código Livre (de Ricardo Macari). Em 2005, Curitiba recebeu a Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), primeiro evento do gênero. Durante a programação, foi fundada a Associação Brasileira de Podcasters (Abpod).

Em 2015, o podcaster Thiago Miro publicou o artigo Os Podcasts mais antigos em atividade no Brasil³², com as menções de Café Brasil, Escriba Cafe, Impressões Digitais, Irmãos.com, Melhores do Mundo (Mdm), Nerdcast, Pod sem Fio, Radiobla, Rapaduracast e Ricardo Vargas Podcast, todos com o primeiro episódio publicado entre 2005 a 2007.

Freire (2015) destaca, além dos primeiros podcasts entre 2004 a 2006, a categoria Podcast no Prêmio *iBest* em 2008, que ajudou a consolidar produções longevas do ramo, como o Nerdcast e Rapaduracast, já caracterizados por um formato mais tarde chamado de *mesacast* e que, ao longo dos anos, seria o mais comum no país (MACHADO, 2019).

Desta forma, Machado (2019) defende que o período entre os primeiros podcasts até o sucesso de produções como o Nerdcast corresponde a duas fases do *podcasting* brasileiro. Já para Ferraz e Gambaro (2020), a segunda fase dos podcasts brasileiros estaria atrelada ao desenvolvimento de smartphones e serviços de *streaming*.

Bonini (2020) descreveu a “segunda era do *podcasting*” nos EUA como um fenômeno ocorrido a partir de 2012, ocasionado por podcasts famosos que se desvincularam das empresas de rádio às quais pertenciam e, desta forma, passaram a ser financiados por *crowdfunding*³³, o que propiciou a formação de um ecossistema. Além disso, o autor observa que o *podcasting*, neste contexto, estaria se transformando “de um meio de nicho, amador, ‘faça-você-mesmo’, para um meio comercial massivo: do *narrowcasting* ao *broadcasting*” (BONINI, 2020, p. 29).

No Brasil, por outro lado, essa popularização levou mais tempo. A disseminação do podcast na década de 2010 envolveu alguns fatores: o aumento do consumo de smartphones, a ampliação da capacidade de armazenamento e

³² Disponível em: <https://mundopodcast.com.br/artigos/podcasts-mais-antigos-em-atividade/>. Acesso em: 8 mai. 2022.

³³ Segundo Felinto (2013, p. 140), *crowdfunding* “consiste num processo em que o próprio público colabora para o financiamento de um projeto”.

memória RAM desses equipamentos, a maior compactação de arquivos de áudio e a maior presença de redes Wi-Fi e cobertura 4G (PAVAN; ABREU, 2020).

De 2010 até 2017, alguns programas estrearam e obtiveram êxito de público. Em ordem cronológica de lançamento, vale mencionar 99Vidas (2010)³⁴, AntiCast (2011)³⁵, Dragões de Garagem (2012)³⁶, SciCast (2013)³⁷, Um Milkshake Chamado Wanda (2014)³⁸, Mamilos (2014)³⁹, Filosofia Pop (2015)⁴⁰, Decrépitos (2015)⁴¹, Projeto Humanos (2015)⁴², Xadrez Verbal (2015)⁴³, Não Ovo (2015)⁴⁴, Naruhodo (2016)⁴⁵ e Imagina Juntas (2017)⁴⁶, todos com mais de 500 mil downloads no CastBox⁴⁷.

Silva e Santos (2020) observam que parte dos podcasts mais ouvidos nas plataformas Spotify e Apple Podcasts no início de 2020 foram lançados entre 2018 e 2019. No ano anterior, o Spotify permitiu a inclusão de qualquer podcast dentro do seu catálogo (MÜLLER, 2018), o que pode ter contribuído para tornar 2018 um ano relevante para o podcast no Brasil.

Foi neste período, entre 2018 e 2019, que surgiram produções notáveis como Foro de Teresina, Flow Podcast, O Assunto, 37 Graus, PrimoCast, Esquizofrenias, Angu de Grilo e Bom dia, Obvious. Em 2019, também foi lançado o *hard news* diário Café da Manhã, carro-chefe de produções exclusivas do Spotify e executado em

³⁴ Disponível em:

<https://castbox.fm/channel/99Vidas---Nostalgia-e-Videogames-id1451333?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

³⁵ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/AntiCast-id1466361?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

³⁶ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Drag%C3%B5es-de-Garagem-id20567?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

³⁷ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Scicast-id396968?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

³⁸ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Um-Milkshake-Chamado-Wanda-id4288990?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

³⁹ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Mamilos-id3983655?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

⁴⁰ Disponível em: . Acesso em: 8 mai. 2022.

⁴¹ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Decr%C3%A9pitos-id3354702?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

⁴² Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Projeto-Humanos%3A-Altamira-id3937769?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

⁴³ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Xadrez-Verbal-id3615970?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

⁴⁴ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/N%C3%A3o-Ovo-id26566?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

⁴⁵ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Naruhodo-id2883899?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

⁴⁶ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Imagina-Juntas-id2806128?country=br>. Acesso em: 8 mai. 2022.

⁴⁷ CastBox é um player de podcasts. Um dos seus destaques em comparação a concorrentes como Spotify, Apple Podcasts e Deezer, são os números públicos de inscritos e reproduções de cada podcast. Disponível em: <https://castbox.fm/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

parceria com a Folha de S.Paulo. Em janeiro de 2021, a Globoplay anunciou o lançamento de uma série de podcasts originais e a incorporação de programas populares em seu catálogo, como Braincast e Mamilos, ambos produzidos pela produtora paulista B9.

Ao analisarem investimentos da plataforma de streaming Spotify e do Grupo Globo no mercado nacional de podcast, Silva e Santos (2020, n.p) afirmaram que “2019 pode ser considerado o novo ano de ouro dos podcasts”. Em novembro daquele ano, o Spotify promoveu o evento Spotify for Podcasters Summit Brasil em São Paulo, com palestras e participações de podcasters notáveis a um público de mil pessoas⁴⁸. De acordo com Alecrim (2020), a plataforma alcançou a marca de 1 milhão de podcasts disponíveis em seu catálogo em abril de 2020.

O crescimento de podcasts populares e longevos também acompanhou o surgimento expressivo de produtoras de podcasts. A maior parte delas iniciou suas atividades na década de 2010, apesar da existência prévia de empresas como a Radiofobia, que passou a assinar a parte técnica do Nerdcast em 2012 (ATAIDES, 2015). Nos últimos anos, destacaram-se nomes como B9⁴⁹, Central 3⁵⁰, Half Deaf⁵¹, Agência de Podcast⁵², Superplayer & Co⁵³, Rádio Novelo⁵⁴, Trovão Mídia⁵⁵, Estúdios

⁴⁸ Disponível em: <https://ads.spotify.com/pt-BR/noticias-insights/spotify-for-podcasters-summit/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁴⁹ Originalmente um portal de tecnologia, a B9 mantém podcasts relevantes como Braincast, Mamilos, Naruhudo, Autoconsciente, História Preta e outros. Disponível em: <https://www.b9.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁵⁰ Estúdio e produtora, a Central 3 é responsável por programas como Xadrez Verbal, Medo e Delírio em Brasília, Lado B do Rio e Encruzilhadas. Disponível em: <https://www.central3.com.br/sobre-nos-2/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁵¹ Criada em 2018, a Half Deaf é responsável por produções como AntiCast, Revolushow e Popcult. Também produz, em parceria com a Globoplay, programas como Projeto Humanos e Donos da Razão. Disponível em: <https://halfdeaf.com.br/sobre>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁵² Responsável por programas como Esquizofrenias, Eu tava lá e História pros brother, a Agência de Podcast atua desde 2018. Disponível em: <https://www.agenciadepodcast.com.br/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁵³ Atuante com podcasts desde 2019, a Superplayer & Co é responsável pelos programas Imagina Só, A Virada, Escriba Cafe, Introvertendo e outros, além de podcasts para terceiros. Disponível em: <https://www.superplayer.company/podcasts/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁵⁴ Fundada em 2019, a Rádio Novelo produz podcasts originais e em parceria com plataformas e empresas como Spotify, revista piauí e Globoplay. Suas produções próprias são Praia dos Ossos e Crime e Castigo. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁵⁵ Fundada em 2020, a Trovão Mídia produz podcasts originais e programas para terceiros, como Nós, Cerrados, Que dia é hoje? e Pavulagem. Disponível em: <https://www.trovaomidia.com/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

Flow⁵⁶ e Abrace Podcasts⁵⁷. Além disso, grupos de mídia, como Folha de S.Paulo, UOL, G1, Estadão e revista piauí⁵⁸, mantêm uma série de programas originais.

Apesar disso, são recorrentes os problemas de monetização para quem produz podcasts independentes no país. A PodPesquisa da Abpod traçou o perfil dos produtores entre 2020 e 2021. De acordo com os dados, 65,70% dos podcasters responderam que criam seus conteúdos como hobby. Dos quase 25% que têm algum tipo de receita, a maioria obtém por meio de *crowdfunding*. A pesquisa também destaca que 70,1% dos pesquisados começaram a atuar a partir de 2018 (ABPOD, 2021).

Nesse sentido, Freire (2015, p. 53) afirma que “o podcaster brasileiro é um amador aficionado”. Ou seja, produzir um podcast no Brasil ainda seria uma atividade predominantemente amadora, sem o uso de todos os equipamentos geralmente necessários, como microfones, mesas de som e softwares de edição. O autor também destaca que “a maioria dos podcasts no Brasil não chega a atingir 20 mil ouvintes, ou seja, falam para nichos distribuídos pelo território nacional” (FREIRE, 2015, p. 51).

⁵⁶ Fundado em torno da popularidade do Flow Podcast e dos podcasts em vídeo no geral, os Estúdios Flow tem programas como Ciência Sem Fim, Flow Sport Club e Canal Amplifica. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/flowpodcast/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁵⁷ Com produções voltadas a temas como paternidade, a Abrace mantém podcasts como Conta pra Mim?, Cartas de um Terapeuta, Coisa de Criança e Paizinho Vírgula. Disponível em: <https://abrace.digital/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁵⁸ De acordo com o manual de redação da piauí, a escrita com caixa baixa é uma opção do veículo. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2022/04/manual_2022B_0804_2.pdf. Acesso em: 11 jun. 2022.

3 PODCASTS SOBRE AUTISMO NO BRASIL

Ao longo dos anos, a produção em *podcasting* também tem sido utilizada como expressão de minorias sociais, como a população negra, LGBTQIAP+ e com deficiência, inclusive no Brasil. Silva (2021) nos lembra que, na década de 2010, surgiram as iniciativas #OPodcastÉDelas e #MulheresPodcasters, criadas por mulheres que desejavam incentivar uma maior equidade de gênero entre podcasters.

A hashtag #MulheresPodcasters foi criada por Ira Croft, enquanto a campanha #OPodcastÉDelas foi desenvolvida por Domenica Mendes e Rodrigo Basso. Especialmente no mês de março, podcasts com presença majoritariamente masculina reservam toda a participação e a apresentação de integrantes mulheres, ou convidadas mulheres com o intuito de participar das campanhas. Com o tempo, também surgiram múltiplos coletivos que representam outros grupos, como a #PodosferaPreta e a #LGBTPodcasters, que ainda não possuem o mesmo nível de exposição das iniciativas das mulheres.

Fox (2008) destaca que podcasters gays em comunidades marginalizadas podem ter, no uso de podcasts, uma forma de expressão e afirmação de suas identidades. Florini (2015), ao observar o surgimento de circuitos formados por podcasters negros, afirma que ouvintes que pertencem a uma minoria como a negra, por exemplo, podem se beneficiar de experiências e narrativas mesmo em ambientes em que a cultura branca é hegemônica. Isso porque, em sua perspectiva, muitos consumidores “geralmente confiam em fones de ouvido para criar um ‘casulo’ auditivo que os isola sonoramente de seus arredores” (FLORINI, 2015, p. 210).

No contexto da deficiência, no entanto, não existem registros de articulações coletivas de podcasters no Brasil e, nesse sentido, as produções são independentes, em geral. Um dos mais antigos podcasts de pessoas com deficiência ainda existente nas plataformas é o Papo Acessível, ativo desde 2012 e produzido por pessoas cegas (ANDRADE, 2015). Seu catálogo, com mais de 130 episódios, reúne apenas aqueles lançados a partir de 2016⁵⁹.

⁵⁹ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Papo-Acess%C3%ADvel-id2144361?country=br>. Acesso em: 16 mai. 2022.

Ao longo dos anos, também existiram outras produções notáveis que abordam a temática da deficiência. O Autismo Brasil Podcast⁶⁰, de 2014, foi uma criação independente de profissionais ligados ao autismo. Central PCD⁶¹, lançado em 2020, envolveu uma participação mista de pessoas com diferentes deficiências, como paralisia cerebral, deficiência visual e autismo. Papo Paralímpico⁶², de 2020, insere-se no âmbito esportivo como uma produção oficial do Comitê Paralímpico Brasileiro, com participação de pessoas com e sem deficiência.

Apenas dois podcasts sobre deficiência nos últimos anos foram assinados pelas tradicionais produtoras de podcast. O primeiro, Introvertendo⁶³, surgiu de forma independente em 2018 como iniciativa de estudantes autistas e, em 2020, tornou-se parte da Superplayer & Co. O segundo, Saber para Incluir⁶⁴, teve temporada única lançada em 2020 pela B9 com foco na deficiência visual.

Apesar de existir o uso de podcasts para a expressão de minorias, como pessoas com deficiência, essa produção em *podcasting* envolve questões de autonomia em relação à deficiência e aos sentimentos desses sujeitos em relação a temas considerados sensíveis, como o capacitismo. Pessoa e Salvino (2020) destacam que

Desmistificar estereótipos que circulam socialmente não é tarefa fácil para a maioria das pessoas em situação de vulnerabilidade. Ao longo dos anos, como apontamos, grupos sociais que experimentam modos de vida fugidios às normas padrões co-construídas estão em um lugar de desconforto, na ausência de melhor sintagma, tendo as suas existências expostas e questionadas em perspectivas que, em sua maioria, garantem uma visibilidade de afecção negativa e contraditória no que diz respeito às suas próprias convicções. Se as experiências são atravessadas por uma série de afetos que tensionam ainda mais a vida cotidiana, pessoas comuns se propõem a deslocar a visibilidade dada a elas para perspectivas gestadas por elas mesmas. (PESSOA; SALVINO, 2020, p. 73).

Mesmo com o fator de popularidade e urgência do *podcasting*, ainda são raros os estudos relativos ao uso deste meio em contextos de deficiência. As raras exceções, como Tynan (2006), Zdenek (2009) e Van Zantem (2012), possuem uma perspectiva pedagógica. Desta forma, não é comum encontrar, na literatura, uma

⁶⁰ Disponível em: <https://www.autismobrasil.org/autismo/escute-o-autismo-brasil.html>. Acesso em: 16 mai. 2022.

⁶¹ Disponível em: <https://anchor.fm/centralpcd>. Acesso em: 16 mai. 2022.

⁶² Disponível em: <https://anchor.fm/papoparalimpico>. Acesso em 16 mai. 2022.

⁶³ Disponível em: <https://superplayer.company/blog/podcasts/introvertendo/>. Acesso em: 16 mai. 2022.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/saberparaincluir/>. Acesso em: 16 mai. 2022.

noção de pessoas com deficiência atuantes como uma minoria social no âmbito do *podcasting*.

3.1 Linha do tempo

O mais antigo registro existente de podcast brasileiro sobre autismo até agora é de dezembro de 2007, com a criação temporária da Rádio Autismo, uma produção com dois episódios, hospedada no extinto servidor MyPodcast.com e assinada pela Casa da Esperança, uma instituição localizada em Fortaleza, no Ceará⁶⁵ (ABREU; PAVAN, 2021). O programa foi eliminado das plataformas de podcast em meados de 2010.

O psicólogo Alexandre Costa, apresentador da Rádio Autismo, também foi o criador do Autismo Brasil Podcast. Com o slogan “um podcast para pais, educadores, terapeutas e amigos de pessoas autistas”, a produção surgiu em abril de 2014 e teve seu último episódio publicado em abril de 2017 (ABREU; PAVAN, 2021).

Um retorno do Autismo Brasil Podcast chegou a ser cogitado em 2019, quando o podcaster se reuniu para gravar um episódio com duas mulheres autistas — que se tornou o piloto Neurodivergente, um podcast de apenas um episódio⁶⁶. O servidor que hospedava os episódios do programa foi eliminado em 2021⁶⁷.

De acordo com os mapeamentos de Pavan e Abreu (2020) e Abreu e Pavan (2021), até 2017 existiam os podcasts Mundo da Mi⁶⁸, de 2016, e Autismo no Rádio⁶⁹, de 2017. Em 2021, cinco episódios de Autismo no Rádio foram reciclados para um novo podcast chamado Autismo no AR⁷⁰.

⁶⁵ Uma versão arquivada do feed está disponível em: <https://web.archive.org/web/20090206030124/http://radioautismo.mypodcast.com/rss.xml>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁶⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7rceNgXZMHwhbPnXeRPA75>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁶⁷ A lista completa de episódios do Autismo Brasil Podcast ainda está disponível em: <https://www.stitcher.com/show/autismo-brasil-podcast>. Acesso: 16 jan. 2022.

⁶⁸ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Mundo-da-Mi-id3013940?country=br>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁶⁹ A lista completa de episódios do Autismo no Rádio ainda está disponível em: <https://www.listennotes.com/podcasts/autismo-no-r%C3%A1dio-r%C3%A1dio-nossa-onda-MfZSPH8n-Ka/>. Acesso: 16 jan. 2022.

⁷⁰ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6BUWfKdVktG6UuYL0d>. Acesso em: 16 jan. 2022.

A partir de 2018 e, mais especialmente, 2020, a quantidade de podcasts brasileiros sobre autismo com mínimo de 10 episódios aumentou exponencialmente, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 1 - Podcasts brasileiros sobre autismo com 10 ou mais episódios entre março de 2020 e abril de 2022

Nome do podcast	Ano de lançamento	Número de episódios	Produzido por	Feed ainda está disponível?
ABACast	2018	652	Profissionais, Famíliares	Sim
AlegraCast	2021	37	Profissionais, Famíliares	Sim
AspieGirl	2020	77	Autistas	Sim
Autismo Brasil Podcast	2014	20	Profissionais	Não
Autismo no Rádio	2017	20	Profissionais	Não
AutismoCast	2020	47	Profissionais	Sim
AutistaSemRegras - Theraplin	2020	25	Profissionais, Famíliares	Sim
Café com Espectro	2020	19	Autistas, Profissionais	Sim
Desfragmentando	2018	10	Autistas	Sim

Falando sobre Autismo	2020	31	Profissionais, Familiares	Sim
Introvertendo	2018	209	Autistas, Profissionais	Sim
Lógica Autista	2021	18	Autistas	Sim
MEU MUNDO AUTISTA	2020	94	Familiares	Sim
Mundo da Mi	2016	37	Familiares	Sim
O Mundo Autista	2020	21	Autistas	Sim
ONDACAST	2021	20	Autistas, Familiares e Profissionais	Sim
PodKast com K	2020	10	Autistas	Sim
Spectre	2020	31	Autistas	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Conforme Abreu e Pavan (2021), autistas se tornaram maioria entre os criadores de podcasts sobre autismo no ano de 2021. No entanto, não só para profissionais e familiares, identificar um podcast como feito por uma pessoa autista depende de sua autodeclaração, o que por si só já limita a possibilidade de encontrar conteúdos feitos por indivíduos no espectro que não se assumem publicamente como tais.

Apesar da predominância autista recente, ainda há uma porção significativa de obras assinadas por profissionais. No mapeamento, entende-se profissionais como pessoas que trabalham com a temática do autismo, seja no campo da saúde e

do atendimento clínico, na educação ou no âmbito da pesquisa científica⁷¹. Podcasts assinados por familiares são minoria, uma tendência também observada no exterior (PAVAN; ABREU, 2020).

3.2 Procedimentos metodológicos

Para que sejam alcançados os objetivos propostos em questão, é importante a delimitação de quais procedimentos metodológicos serão utilizados no encaminhamento teórico. A partir destes pressupostos, define-se que um fenômeno pode ser analisado a partir das abordagens qualitativa ou quantitativa, ambas de teor científico. Nisso, a metodologia de pesquisa é definida por um conjunto de fatores, os quais incluem análise da natureza do problema em questão, de seus objetivos gerais e específicos e o nível de aprofundamento buscado.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo. De acordo com Creswell (2010, p. 209), a pesquisa qualitativa é “uma forma de investigação interpretativa” com uma participação ativa do pesquisador como instrumento de coleta de dados, frequentemente baseada em pressupostos teóricos, com múltiplas fontes de dados, análise de dados indutiva e que resulta em um quadro mais abrangente de um processo ou fenômeno.

A pesquisa qualitativa, segundo Deslauriers e Kérisit (2012, p. 131), além de ter o objetivo de estudar fenômenos complexos, é dotada de três elementos comuns: “o contexto, a história (ou a diacronia) e a mudança social”.

Nesta pesquisa, a abordagem qualitativa permite compreender os múltiplos aspectos do conteúdo dos episódios de podcasts, e possibilita uma flexibilidade de análise no contexto em questão que se articula de forma eficaz com múltiplas fontes de dados.

Nas Ciências Sociais, uma pesquisa qualitativa rigorosa deve ter padrões de confiabilidade, ser replicável e auditável para que as interpretações dadas não sejam baseadas nas crenças de quem pesquisa para, assim, poder garantir o máximo possível de ética e rigor (JACKSON; DRUMMOND; CAMARA, 2007).

No contexto da pesquisa qualitativa, foi desenvolvida uma análise de conteúdo de um episódio de cada podcast — ABACast, AspieGirl, AutismoCast e

⁷¹ Alguns autores como Schmidt (2014) e Silva (2015) abordam a dificuldade de separar algumas ações profissionais sobre o autismo no campo da saúde e da educação, comumente integradas.

Introvertendo, dois deles produzidos por autistas e dois por profissionais. Schreier (2012) define análise de conteúdo como um método para a descrição sistemática de material qualitativo por meio de classificações.

Neuendorf (2002) destaca que a análise de conteúdo observa as características da mensagem de forma sistemática e possui uma aplicação presente em múltiplas áreas do conhecimento. Jackson, Drummond e Camara (2007) afirmam que a análise de conteúdo é uma das formas metodológicas mais comuns de explorar textos. Krippendorff (2004, p. 18, tradução nossa) entende a análise de conteúdo como uma “técnica de pesquisa para fazer inferências replicáveis e válidas de textos (ou outro tópico significativo) para os contextos de seu uso”.⁷²

Bengtsson (2016) ressalta que, apesar das análises de conteúdo qualitativa e quantitativa terem origens distintas, nenhuma das duas está exclusivamente ligada a algum campo da ciência. Para o autor, na análise de conteúdo qualitativa, “os dados são apresentados em palavras e temas, o que permite traçar algumas interpretações dos resultados” (BENGTSSON, 2016, p. 10, tradução nossa).⁷³

Sampaio e Lyncarião (2018) argumentam que, do ponto de vista epistemológico, a análise de conteúdo possui três grandes princípios: validade (o quanto representativa é a análise), replicabilidade (o nível em que a pesquisa pode ser replicável) e confiabilidade (a frequência em que os resultados são iguais ou similares fora da pesquisa original).

No Brasil e no campo da comunicação, a análise de conteúdo passou a ser disseminada a partir dos estudos de Jornalismo Comparado inspirados pelo método de Jacques Kayser e pelos trabalhos do Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (Ciespal), ainda na década de 1960 (FELICIANO, 2003).

A análise de conteúdo foi escolhida para esta pesquisa por permitir uma observação sistemática do conteúdo a partir de uma classificação. A escolha também se dá por ser um método flexível que requer uma interpretação dos dados. Além disso, a análise de conteúdo qualitativa permite uma redução dos dados e um enfoque nos aspectos mais relevantes do material estudado (SCHREIER, 2012).

⁷² “Content analysis is a research technique for making replicable and valid inferences from texts (or other meaningful matter) to the contexts of their use.”

⁷³ “In qualitative content analysis, data are presented in words and themes, which makes it possible to draw some interpretation of the results.”

Os manuais de Sampaio e Lyncarião (2021) e Schreier (2012) foram escolhidos como base para a pesquisa. A escolha parte da compreensão de que existem debates sobre um uso superestimado no Brasil do manual de Laurence Bardin, obra irrelevante na maioria dos países onde a análise de conteúdo é utilizada (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016; SAMPAIO; LYNCARIÃO, 2021), e de que os manuais em questão fornecem uma descrição mais aprofundada das etapas da pesquisa, sobretudo em relação aos testes de confiabilidade.

Sampaio e Lyncarião (2021) propõem três etapas para a análise de conteúdo, que são: 1) Conceituação; 2) Desenho; 3) Análise, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 2 - Etapas da análise de conteúdo

Conceituação
1. Identificar o problema (revisão de literatura)
2. Questões de pesquisa e hipóteses
Desenho
3. Selecionar a(s) unidade(s) e subunidade(s) de análise
4. Criar e definir categorias
a. elaboração do livro de códigos
b. elaborar a planilha de codificação
5. Amostragem
6. Pré-teste das categorias e das regras de codificação
a. treinamento
b. revisão do livro de códigos
c. teste de confiabilidade-piloto
7. Treinamento final e teste de confiabilidade das categorias
8. Codificação
9. Testes de confiabilidade intermediário e final
Análise

10. Tabulação e aplicação de procedimentos estatísticos
11. Interpretar e reportar os resultados
12. Validação e replicabilidade

Fonte: Sampaio e Lyncarião, 2021.

Na conceituação, o problema de pesquisa é identificado, bem como sua respectiva hipótese (SAMPAIO; LYNCARIÃO, 2021). É uma etapa caracterizada principalmente por um levantamento bibliográfico que, nesta investigação, diz respeito aos conceitos de autismo e *podcasting*. No contexto do estudo em questão, foi percebida a inexistência de literatura que relacione diretamente podcast e autismo, o que fez com que a questão de pesquisa se centrasse em um aspecto introdutório do tema: como se expressam os distanciamentos e as aproximações de podcasts de autistas e profissionais?

A etapa de desenho diz respeito à seleção da unidade de análise, das categorias, da amostragem, das técnicas probabilísticas e dos seus respectivos testes de codificação (SAMPAIO; LYNCARIÃO, 2021). É, provavelmente, a etapa mais complexa e central do processo de análise de conteúdo.

A unidade amostral diz respeito a quais são as porções de texto ou de conteúdo a serem analisadas. Nesta pesquisa, a unidade amostral é cada um dos 4 episódios de podcasts. A unidade de análise é, segundo Moraes (1999), o elemento unitário de conteúdo que será classificado e, neste caso, é a parte textual de cada episódio. A unidade de contexto, que complementa a análise quando necessário, consiste em título do episódio, descrição e capa.

Ainda na etapa de desenho, a definição de categorias também se faz presente, além da criação do livro de códigos e da planilha de codificação, mais comum em pesquisas quantitativas. Em uma abordagem qualitativa, as categorias são: 1) Afirmções referentes ao autismo enquanto modo de vida; 2) Afirmções sobre intervenções ou terapias. Uma terceira categoria, chamada Afirmções sobre a comunidade do autismo, chegou a ser cogitada, mas não passou nos pré-testes por falta de conteúdo sobre comunidade do autismo nos podcasts em questão.

A amostragem é baseada em técnicas não probabilísticas pelo fato dos podcasts contarem com temas variáveis. Desta forma, é impossível trabalhar as categorias com base em uma amostragem randomizada. Apesar disso, a escolha de

episódios contou com os seguintes pré-requisitos: 1) Todos os episódios lançados em 2021; 2) Duração dos materiais similar, conforme o tipo de podcast, isso é, se feito por profissionais ou por autistas.

Para a análise de ABACast, AspieGirl e AutismoCast foi utilizada uma amostragem por propósito ou relevância, com a escolha de episódios que trouxessem, no título, algo diretamente e mais amplamente relacionado ao autismo. Já no caso de Introvertendo, para reduzir conflitos de interesse, foi utilizada uma amostragem por conveniência, cujo episódio escolhido esteve entre aqueles sem qualquer participação do autor⁷⁴.

Desta forma, em sequência de lançamento, os episódios escolhidos são: SOBRE SER AUTISTA - AspieGirl (15 de abril de 2021, 9 minutos), Como identificar os sinais do autismo | Chá Comigo Podcast #011 - AutismoCast (13 de setembro de 2021, 53 minutos), O que é o Autismo? - ABACast (30 de outubro de 2021, 3 minutos), e #196 - Sedentarismo - Introvertendo (19 de novembro de 2021, 26 minutos); e suas especificações técnicas estão no quadro a seguir.

Quadro 3 - Episódios escolhidos para a análise de conteúdo

Nome do podcast	Número do episódio no feed RSS	Servidor de áudio	Título do episódio	Data de lançamento	Duração
ABACast	538 ⁷⁵	Anchor	O que é o Autismo?	30 de outubro de 2021	03:20
AspieGirl	39 ⁷⁶	Anchor	SOBRE SER AUTISTA	15 de abril de 2021	09:27
AutismoCast	41 ⁷⁷	Anchor	Como identificar os sinais do autismo Chá Comigo	13 de setembro de 2021	53:22

⁷⁴ A lista completa de episódios sem a participação do autor está em: <https://www.introvertendo.com.br/integrantes/>. Acesso em: 3 jan. 2022.

⁷⁵ Disponível em: <https://anchor.fm/s/4b7f260/podcast/rss>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁷⁶ Disponível em: <https://anchor.fm/s/3ba1b194/podcast/rss>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁷⁷ Disponível em: <https://anchor.fm/s/12be7834/podcast/rss>. Acesso em: 16 jan. 2022.

			Podcast #011		
Introvertendo	197 ⁷⁸	Simplecast	#196 - Sedentaris mo	19 de novembro de 2021	26:57

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Apesar de esta pesquisa partir da compreensão de que testes de confiabilidade são um dos aspectos mais importantes da análise de conteúdo, não foi possível testar as categorias de forma independente, pela impossibilidade de se ter múltiplos codificadores no processo, o que exigiria mais recursos indisponíveis. Por isso, foi seguida a recomendação de Schreier (2012) de fazer uma recodificação posterior, com a separação de 14 dias entre cada uma.

A ideia de confiabilidade pode sugerir uma noção de que a análise de conteúdo deve ser completamente objetiva, o que não é necessariamente um consenso entre os autores. Sampaio e Lyncarião (2021) argumentam por uma noção de intersubjetividade em vez de simples objetividade. Assim, os testes de confiabilidade não têm o objetivo de anular a subjetividade do codificador, mas de nivelar as formas com que diferentes codificadores compreendem as mesmas categorias analíticas. Isso aumenta a chance de que o conteúdo analisado possa ter uma base interpretativa que seja comum entre os codificadores.

Por fim, segundo Sampaio e Lyncarião (2021), a análise se concentra na tabulação e aplicação de procedimentos estatísticos, na interpretação e exportação dos resultados e, por fim, na validação e na replicabilidade, que estão mais correlacionadas a um caráter quantitativo da análise de conteúdo. Na pesquisa em questão, foram utilizadas as noções de Schreier (2012) para o processo de análise manual qualitativa: primeiro, as categorias foram aplicadas ao conteúdo dos episódios e, em seguida, descritas no tópico a seguir.

3.3 Os podcasts analisados

Os podcasts escolhidos para a pesquisa são, em ordem alfabética: ABACast, AspieGirl, AutismoCast e Introvertendo. As produções de profissionais são

⁷⁸ Disponível em: <https://feeds.simplecast.com/MEvJImFW>. Acesso em: 16 jan. 2022.

representadas pelo ABACast⁷⁹ e AutismoCast⁸⁰ pois, dentre produções do tipo, são os que possuem a maior audiência entre ouvintes de podcasts de acordo com o número de downloads públicos no CastBox.

AspieGirl⁸¹ e Introvertendo⁸² representam as produções feitas por autistas. Introvertendo é o podcast brasileiro sobre autismo de maior notoriedade e já possui cobertura significativa na literatura (CHIMURA, 2020; MENDONÇA; PESSOA, 2021; PINHEIRO, 2020; QUEIROZ, 2021). AspieGirl carrega a particularidade de ser gravado por uma mulher autista, o que permite enriquecer a análise — já que autismo e questões de gênero são um tema relevante em múltiplas pesquisas (LAI et al., 2015; PEREIRA; SOUTO, 2019).

Além disso, os quatro podcasts escolhidos carregam características que se cruzam e permitem uma sistematização mais equitativa da pesquisa. ABACast e Introvertendo possuem mais de 200 episódios, enquanto AutismoCast e AspieGirl, menos de 100; os episódios de Introvertendo e AutismoCast oscilam dentro de uma média de 30 a 40 minutos, enquanto ABACast e AspieGirl frequentemente oscilam de minutos a horas.

3.3.1 ABACast

Com o primeiro episódio lançado em 7 de junho de 2018, ABACast é a extensão do canal Michelli Freitas no YouTube, cuja criação data em 31 de agosto de 2015. Apesar de inicialmente ser apresentado como um podcast sobre educação e Análise do Comportamento Aplicada (ABA)⁸³, o autismo é um tema presente em grande parte dos episódios do catálogo do podcast.

Figura 1 - Capa de ABACast

⁷⁹ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/ABACast-id1314348?country=br>. Acesso em: 3 jan. 2022.

⁸⁰ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/AutismoCast-id2640690?country=br>. Acesso em: 3 jan. 2022.

⁸¹ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/AspieGirl-id3437137?country=br>. Acesso em: 3 jan. 2022.

⁸² Disponível em: <https://castbox.fm/channel/Introvertendo---Autismo-por-Autistas-id2537853?country=br>. Acesso em: 3 jan. 2022.

⁸³ Apesar de fazer parte de um contexto e aplicação maior, no âmbito do autismo a análise do comportamento aplicada é apresentada como uma ciência que é base da maioria das intervenções para o ensino de habilidades sociais para autistas. Grande parte do seu referencial é baseado no behaviorismo radical do pesquisador e filósofo B. F. Skinner. Para os aspectos da Análise do comportamento aplicada no âmbito do autismo, ver Camargo e Rispoli (2013).



Fonte: Anchor⁸⁴.

A descrição do programa destaca o público-alvo ao dizer que é do interesse da podcaster mostrar como ABA “pode ajudar o seu filho, aluno, ou paciente a ter uma aprendizagem de maior qualidade”, e que “não importa se é autismo, transtorno do déficit de atenção com ou sem hiperatividade”.

Em seu canal no YouTube, com 24 mil inscritos, Michelli Freitas afirma ser pedagoga, psicopedagoga e analista de comportamento. Também, na aba “Sobre” de seu canal, ela afirma que é mãe de um menino autista⁸⁵. A informação de que Michelli é familiar de uma pessoa no espectro não é mencionada explicitamente no podcast, nem na capa, nem na descrição do programa.

Apesar de ser o podcast de perfil profissional com o maior volume de episódios e de audiência sobre o autismo encontrado nesta pesquisa, ele registra pouco mais de 2 mil downloads no CastBox⁸⁶, o que não permite afirmar que o conteúdo do ABACast representa com precisão a seara profissional sobre o autismo, não tão numericamente presente como em outras plataformas, como o YouTube.

⁸⁴ Disponível em: <https://anchor.fm/abacast>. Acesso em: 16 jun. 2022.

⁸⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/MichelliFreitas/about>. Acesso em: 17 mai. 2022.

⁸⁶ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/ABACast-id1314348?country=br>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Em termos de catálogo, os episódios de ABACast são bastante variáveis e, por vezes, caracterizam-se por serem versões em áudio de vídeos que Michelli publica no YouTube. Desta forma, é possível afirmar que o programa está inserido em uma lógica *crossmedia* — aqui entendendo *crossmedia* como uma estratégia de “promoção cruzada entre plataformas” de mídia (IBRUS; SCOLARI, 2012, p. 7, tradução nossa).

O único elemento típico de um podcast presente no programa é uma vinheta de abertura, cuja duração é de 30 segundos — e que não está presente em todos os episódios. O conteúdo da vinheta inclui sons de crianças, giz em quadro negro e a seguinte locução: “Começa agora o ABACast, o podcast sobre educação e análise do comportamento. Apresentação: Michelli Freitas. Um oferecimento do Instituto de Educação e Análise do Comportamento” (ABACAST, 2021).

O episódio Os erros das avaliações de linguagem e comunicação, por exemplo, publicado em 29 de abril de 2022 no ABACast⁸⁷ e também no canal de Michelli⁸⁸, é um caso prático do *crossmedia*, com a vinheta da introdução sendo o único aspecto adicional da versão em áudio.

Ou seja, no ABACast, não existe uma aproximação óbvia com elementos geralmente tidos como comuns no podcast, como a periodicidade, ou nem mesmo com o típico formato de mesacast de muitos programas. Consequentemente, não há múltiplos aspectos claramente radiofônicos no projeto. Portanto, é possível afirmar que a produção do ABACast é baseada na simples cópia do conteúdo originalmente pensado como vídeo para o podcast.

Outro aspecto relevante do programa é que não há um padrão de frequência. É possível encontrar episódios com quase 2h de duração e lançamentos com menos de 5 minutos. Além do autismo, os temas dos episódios incluem avaliações para diagnóstico, estratégias de ensino e aspectos relacionados a ABA.

Por fim, o podcast é assinado por IEAC, o Instituto de Educação e Análise do Comportamento, que mantém site próprio e tem sede em Goiânia⁸⁹. Neste contexto, ter um programa em áudio pode ser uma forma de demonstrar autoridade sobre um tema e vender serviços, como cursos sobre o autismo.

⁸⁷ Disponível em:

<https://castbox.fm/episode/Os-erros-das-avalia%C3%A7%C3%B5es-de-linguagem-e-comunica%C3%A7%C3%A3o-id1314348-id490491000>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁸⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HPXLRNHRYVQ>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁸⁹ Disponível em: <https://ieac.net.br/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

3.3.2 AspieGirl

Desenvolvido por Victória Elsner, que não divulga no programa suas redes ou qualquer identificação adicional além da foto de capa do podcast, AspieGirl tem a seguinte e breve descrição: “Conversas num mundo autista”. O episódio mais antigo publicado nas plataformas é de 15 de outubro de 2020.

Figura 2 - Capa de AspieGirl



Fonte: Anchor⁹⁰.

Os temas explorados no podcast incluem questões pessoais da podcaster, relacionamentos com amigos e família, escolhas profissionais, opiniões sobre o autismo, atendimento com profissionais, além de outros assuntos como séries e filmes. Não há uma frequência específica. A duração dos episódios também é variável, sendo possível encontrar episódios com 20 minutos e outros com mais de 1h. Em geral, os títulos dos episódios são escritos com todas as letras maiúsculas.

A audiência do AspieGirl pode ser considerada baixa, com 8 downloads de acordo com os dados públicos do CastBox⁹¹. Apesar de grande parte dos episódios

⁹⁰ Disponível em: <https://anchor.fm/victoria-assis-elsner>. Acesso em: 16 jun. 2022.

⁹¹ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/AspieGirl-id3437137?country=br>. Acesso em: 18 jun. 2022.

consistirem em monólogos de Victória, a produção já teve convidados remotos, como Leo Akira e Matheus Carvalho, e também já contou com a participação de dois amigos, que apareceram presencialmente⁹² em diálogos com a podcaster.

AspieGirl é hospedado no Anchor, plataforma que pertence ao Spotify e permite não apenas a hospedagem de podcasts, bem como também gravação, edição e até mesmo criação de capas⁹³. É possível perceber que, no caso do programa em questão, há um uso dos recursos de edição oferecidos pelo Anchor, como trilhas sonoras ao fundo. Isso permite que seja possível produzir um episódio inteiro de podcast utilizando apenas o celular para gravar, editar e distribuir. O podcast tem créditos de produção apenas para Victória.

O episódio EXALTANDO FORTEMENTE O ❤️ AMOR ❤️, lançado em 11 de junho de 2022, por exemplo, inicia-se com uma das trilhas do banco sonoro do Anchor. No conteúdo, Victória afirma que cantará músicas de sofrimento para zombar do Dia dos Namorados, como Dormi na Praça, de Bruno & Marrone, e Página de Amigos, de Chitãozinho & Xororó. Mas a trilha se mantém no mesmo volume enquanto a podcaster canta. As gravações também não contam com qualquer tipo de corte ou edição mais aprofundada. Neste episódio, a podcaster chega a buscar vídeos durante a gravação e reclama da execução de uma propaganda.

A estética amadora do programa sugere proximidade com os ouvintes e nenhum objetivo profissional, ao contrário do ABACast, por exemplo. Este tipo de produção, como um diário pessoal, livre das convenções radiofônicas, dificilmente teria espaço no rádio tradicional.

Apesar de não fornecer nenhum tipo de contato por email no podcast, todos os episódios de AspieGirl incluem uma mensagem automática do Anchor na descrição⁹⁴, a qual indica uma forma que fãs podem enviar uma mensagem em áudio para o podcast⁹⁵. Não existe qualquer site relacionado ao podcast.

⁹² Disponível em:

<https://castbox.fm/episode/CONHE%C3%87AM-MINHA-AMIGA-ANA!-id3437137-id440374856>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁹³ Disponível em:

<https://help.anchor.fm/hc/en-us/articles/360016501412-Creating-your-podcast-cover-art>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁹⁴ Disponível em:

<https://castbox.fm/episode/Voc%C3%AA-n%C3%A3o-precisa-suportar-pessoas-insuport%C3%A1veis-id3437137-id497919450>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁹⁵ Não existem pesquisas que avaliem o impacto dessa ferramenta de mensagem por voz do Anchor em podcasts brasileiros.

3.3.3 AutismoCast

Apresentado pela fonoaudióloga Carla Ulliane, o AutismoCast estreou em 20 de fevereiro de 2020 e teve 121 downloads nos dados públicos do CastBox⁹⁶. Conforme consta na descrição do próprio podcast, o objetivo da produção é abordar autismo, parentalidade atípica e educação parental e, para isso, “tirar as suas principais dúvidas sobre como você pode ajudar seu filho autista a se tornar um adulto mais independente e autônomo”.

Figura 3 - Capa de AutismoCast



Fonte: Anchor⁹⁷.

A duração dos episódios varia de 40 minutos a 1h. Inicialmente, cada episódio era publicado às quintas-feiras. Com o decorrer do tempo, as novas publicações variaram para outras datas da semana, sem um padrão específico. O lançamento mais recente publicado no AutismoCast é de outubro de 2021. Desta forma, é o único programa desta pesquisa cujo feed pode ser considerado atualmente inativo.

⁹⁶ Disponível em: <https://castbox.fm/channel/AutismoCast-id2640690?country=br>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁹⁷ Disponível em: <https://anchor.fm/autismocast>. Acesso em: 16 jun. 2022.

A maioria dos episódios do AutismoCast consiste em falas individuais de Carla, com um trecho em destaque na introdução. Em outros, ela traz também diálogos a partir de relatos de familiares, especialmente mães, que conseguiram desenvolver habilidades comunicativas de seus filhos. Os temas circundam questões de comunicação e fonoaudiologia no autismo, como estímulo de desenvolvimento de fala e contato visual.

Os episódios do programa são versões em áudio de vídeos presentes no canal de Carla no YouTube, o que aponta para uma estratégia de convergência *crossmedia*. Apesar disso, o programa não se configura como uma mera cópia do canal. Isso porque a linguagem destes materiais é relacionada aos podcasts, desde o uso de um microfone condensador, mais típico de produções em áudio, até menções explícitas no título e nos diálogos a podcast. Outra razão é que vídeos que não são relacionados ao formato não são publicados no feed, sendo encontrados apenas no YouTube. Os episódios também não contam com uma edição significativa, exceto a inclusão do trecho em destaque no início. Desta forma, é possível considerar que o podcast em questão é um projeto *transmedia*⁹⁸.

Um aspecto interessante sobre o AutismoCast é que, a partir de um certo período, Carla parou de publicar novos episódios em áudio, mas continuou produzindo vídeos, intitulando alguns como podcast nas *thumbnails*⁹⁹. São vídeos geralmente caracterizados por entrevistas, o que nos faz pensar o quanto entrevistas em vídeo no YouTube têm sido interpretadas como se fossem podcasts, dado o sucesso de produções como Flow Podcast e Podpah. A importância do YouTube pode ser percebida na capa do programa, que traz o logotipo da plataforma de vídeos ao lado de Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Deezer.

A interação com a audiência de AutismoCast é mais direta que nos outros podcasts até então apresentados, sobretudo pelo fato da maior parte dos materiais serem aulas promovidas pela podcaster com comentários de alunos. Na versão em vídeo, Ulliane projeta as perguntas e responde as dúvidas¹⁰⁰. Na descrição do programa, há o seguinte texto: “Se você quiser participar, toda quarta-feira, às 10h,

⁹⁸ Segundo Ibrus e Scolari (2012), uma produção *transmedia* une uma estratégia *crossmedia* com uma narrativa que se adapta a cada plataforma. Uma produção *transmedia* também pode permitir a contribuição e participação da audiência na construção da narrativa.

⁹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZMWREeUBN8>. Acesso em: 17 jun. 2022.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zZr8sjYBxqw>. Acesso em: 17 jun. 2022.

estaremos AO VIVO, para a gravação do podcast! Então coloca na agenda e venha participar”.

Por fim, o podcast é assinado por Carla, que mantém site próprio¹⁰¹. O portal apresenta textos, um *e-book* gratuito e links para entrevistas com Carla feitas por veículos jornalísticos, como a Gazeta do Povo e TV Sergipe, o que contribui para a construção de uma imagem como autoridade sobre autismo. No site, é indicado que o trabalho de Ulliane se dá em Aracaju.

3.3.4 Introvertendo

Fundado em 11 de maio de 2018 a partir de um grupo terapêutico para estudantes autistas da Universidade Federal de Goiás (UFG), o Introvertendo foi originalmente produzido de forma independente por Tiago Abreu, Luca Nolasco, Michael Ulian, Otávio Crosara e Marcos Carnielo Neto, com a adição de mais três alunos da mesma instituição: Abner Matheus, Guilherme Pires e Leticia Lyns, que deixaram a equipe entre o final de 2018 e início de 2019.

Inicialmente, os temas apresentados nos episódios abordavam assuntos além do próprio autismo, como vida universitária, paleontologia, a banda britânica Queen e celulares. Thaís Mösken e Paulo Alarcón ingressaram no final de 2018¹⁰², e Yara Delgado no início de 2019, o que fez as gravações, outrora apenas presenciais, tornarem-se predominantemente remotas.

Em 2020, o Introvertendo passou a ser um programa da produtora Superplayer & Co e a produção do projeto, a partir daquele ano, tornou-se mais séria e mais focada em temas relacionados ao autismo¹⁰³. No início de 2020, o youtuber e pesquisador Willian Chimura passou a ser um dos integrantes do projeto. Em janeiro de 2021, Carol Cardoso, a podcaster mais recente da atual formação, ingressou na equipe.

¹⁰¹ No período desta pesquisa, o site estava fora do ar. Versão arquivada disponível em: <https://web.archive.org/web/20220305155502/https://carlaulliane.com/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

¹⁰² Em entrevista a agência de notícias do Centro de Ensino Unificado de Brasília (Uniceub), Thaís e Paulo contam que foram convidados a se tornar integrantes do podcast após participação no episódio 26 - Mercado de Trabalho. Ambos eram ouvintes da produção. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/cultura/jovens-com-autismo-explicam-carreiras-profissionais-e-como-se-veem-representados-pelas-artes/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/autistas-contam-historias-sobre-direcao-de-carros-e-autismo/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

Figura 4 - Capa de Introvertendo



Fonte: Simplecast¹⁰⁴.

Entre todos os programas analisados, o Introvertendo é o que possui maior audiência no Brasil, com 28 mil downloads nos dados públicos do CastBox¹⁰⁵. Em julho de 2020, o podcast figurou pela primeira vez na parada de podcasts mais ouvidos da Apple Podcasts, chegando ao 8º lugar no ranking brasileiro¹⁰⁶. No final de 2020, a plataforma o escolheu (ao lado de outros 12 podcasts) como um dos melhores do ano¹⁰⁷.

Apesar de originalmente se configurar como um podcast de autistas, o Introvertendo foi se profissionalizando na medida em que os integrantes concluíram seus cursos de graduação. Isso também abrangeu a própria atuação profissional de alguns integrantes no âmbito do autismo. Willian Chimura, por exemplo, ganhou espaço não apenas como palestrante e divulgador científico, mas também como

¹⁰⁴ Disponível em: <https://introvertendo.simplecast.com/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

¹⁰⁵ Disponível em:

<https://castbox.fm/channel/Introvertendo---Autismo-por-Autistas-id2537853?country=br>. Acesso em: 18 jun. 2022.

¹⁰⁶ Disponível em:

<http://www.itunescharts.net/bra/artists/podcast/superplayer-co/podcasts/introvertendo-autismo-por-autistas/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://olharesdoautismo.com.br/2020/12/31/retrospectiva-2020/amp/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

professor em cursos relacionados ao autismo¹⁰⁸. Isso tornou o *Introvertendo* um híbrido entre uma percepção do autismo baseada apenas em experiências pessoais e uma percepção externa e profissional. O episódio escolhido por esta pesquisa, no entanto, foi produzido por Thaís Mösken, Paulo Alarcón e Michael Ulian, que não são profissionais do âmbito do autismo.

Os episódios do *Introvertendo*, a partir de 2020, seguem uma duração média de 25 a 40 minutos, com introdução, bloco de discussão e uma seção de recados, seja com e-mails ou áudios de ouvintes. Além dos integrantes, os episódios também contêm convidados, a maior parte deles pessoas autistas e, ocasionalmente, profissionais e familiares. Desde o início, os episódios são geralmente publicados às sextas-feiras.

O podcast também possui um site¹⁰⁹, o qual inclui publicações sobre os episódios, informações sobre os integrantes, uma página informativa sobre o autismo e outra página de ficha técnica¹¹⁰. De todos os podcasts presentes nesta pesquisa, o *Introvertendo* é o único que não possui produção totalmente independente nos aspectos de áudio e design. Os episódios passam por cortes, edição e mixagem, bem como a inserção de trilhas. Além disso, cada episódio tem uma capa personalizada referente ao tema.

A interação com a audiência, além do bloco de recados presente dentro do podcast, se faz a partir de contatos nas redes sociais e dois endereços de e-mail disponibilizados na página *Fale conosco*¹¹¹. A reprodução de áudios gravados no WhatsApp por ouvintes como forma de interação com a audiência, segundo Gambaro (2021), também é um recurso explorado nas programações radiofônicas nos últimos anos.

Assim como outros podcasts produzidos por autistas, o *Introvertendo* parece ter, como objetivo, a exposição de experiências, mas também um viés informativo, de conscientização. Na página *O podcast*, é dito que “Acreditamos que sermos autistas e falarmos de nós para o mundo seja bastante relevante para que as pessoas conheçam um pouco deste universo complexo e multifacetado chamado

¹⁰⁸ Disponível em:

<https://omundoautista.uai.com.br/especializacao-em-sexualidades-no-espectro-autista/>. Acesso em: 24 mai. 2022.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.introvertendo.com.br/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.introvertendo.com.br/ficha-tecnica/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

¹¹¹ Disponível em: <https://www.introvertendo.com.br/fale-conosco/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

autismo”¹¹². Ao mesmo tempo, os integrantes afirmam que não desejam falar por todos os autistas.

3.4 Análise de conteúdo

O processo de codificação dos episódios de podcasts em questão se iniciou a partir do texto transcrito manualmente. Para obter as transcrições de 3 dos 4 episódios de podcasts, foram utilizadas ferramentas para a geração de um conteúdo semiautomático, como o Transcriber Bot, uma conta do Telegram capaz de transcrever arquivos de áudio em múltiplos idiomas, incluindo o português. A única exceção é para Introvertendo, que possui transcrições em texto disponíveis da maior parte de seus episódios (PINHEIRO, 2020). As transcrições automáticas passaram, em seguida, por um processo de revisão manual.

Em seguida, uma leitura do texto foi realizada e, posteriormente, a reunião de trechos em destaque. Para uma análise mais sólida, considerou-se dividi-la a partir das duas categorias: afirmações sobre o autismo enquanto modo de vida e afirmações sobre intervenções e terapias.

3.4.1 Afirmações sobre o autismo enquanto modo de vida

O processo de análise de conteúdo iniciou-se a partir da categoria sobre afirmações sobre o autismo enquanto modo de vida, a mais diretamente relacionada com o tema da pesquisa. Entende-se por “afirmações sobre o autismo enquanto modo de vida” todas as menções sobre características do autismo, definições sobre o autismo ou menções sobre como é estar no espectro do autismo. Após a codificação, com separação de trechos específicos, foi montado o quadro a seguir:

Quadro 4 - Trechos dos episódios referentes a afirmações sobre autismo enquanto modo de vida

Podcast	Trecho	Início
ABACast	“(…) tem pessoas que não sabem que autismo é a mesma coisa que Transtorno do Espectro Autista? Sim, é, é a mesma coisa”	00:43

¹¹² Disponível em: <https://www.introvertendo.com.br/o-podcast/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

	“São os transtornos que compartilham déficits significativos, aonde? Na interação social como a sua principal característica definidora”.	00:57
	“(…) o autismo não tem nada de leve. O autismo é sim um atraso no desenvolvimento grande.”	01:47
	“É um transtorno complexo do desenvolvimento que envolve atrasos e comprometimentos nas áreas de interação social e linguagem, incluindo uma ampla gama de sintomas emocionais, cognitivos, motores e sociais”	02:32
AspieGirl	“(…) eu vou falar sobre a questão das mulheres, OK? Porque é o meu, é o... é o... o meu local onde eu me sinto confortável pra falar porque eu sou mulher e sou autista”	00:08
	“As mulheres autistas são retraídas (...)”	00:23
	“Então assim, tendo isso em vista, a questão maior é que nós mulheres camuflamos os sinais característicos”	01:01
	“Então isso é uma coisa que eu noto bastante em mim enquanto autista, esse medo das novas experiências”	07:41
	“Então essa questão do autismo em mulheres tem essas nuances em função dessa... dessa camuflagem, né, que é um detalhe esse... esse comportamento de que se camuflar, né?”	08:38
AutismoCast	“É uma condição neurológica ou neurobiológica, e é uma forma diferente do cérebro... cérebro funcionar”.	01:27
	“(…) o autismo não é uma doença, por isso que a gente não fala em cura, tá?”	02:11
	“Pra alguns autistas é muito difícil ter essa in... é... poder iniciar essa interação”.	19:50
	“Alguns autistas têm uma é... inflexibilidade cognitiva que acaba é... desencadeando uma rigidez também, num comportamento muito grande de querer fazer sempre as mesmas coisas, do mesmo jeito, na mesma ordem (...)”	34:43
	“Obviamente que nenhum autista é igual ao outro, então alguns podem ser (riso)... alguns podem ser mais é... serem mais presos a rotina, outras nem tanto, certo?”	35:02

	“(...) são três estudos publicados, o mais recente foi julho de 2019, que fala que o autismo é 81% genético hereditário”	37:55
	“(...) eu sei que criança é criança, antes mesmo de ser autista é uma criança (...)”	43:09
Introvertendo	Thaís: “(...) tem uma questão relacionada tanto ao nosso modo de vida, começando na escola, com a dificuldade de interação (...)”	02:05
	Thaís: “existe uma relação que geralmente se faz entre autistas serem pessoas mais desajeitadas ou pelo menos mais propensas a serem fisicamente desajeitadas”	14:17
	Michael: “(...) uma das coisas mais estereotipadas do autismo é o comportamento estereotipado, o comportamento ser repetitivo e eu sou horrível nisso. Eu tenho uma dificuldade enorme, é algo que leva muitos médicos a dizerem que eu tenho autismo e déficit de atenção junto”.	16:25
	Thaís: “(...) a gente já tratou aqui sobre várias das dificuldades que nós já vivenciamos ao longo das nossas vidas e que tem alguma relação entre o autismo de cada um de nós”	17:14
	Paulo: “E essa é uma questão bem complicada na verdade pra bastante autistas. Quando tem essa tendência a ter essa seletividade alimentar, o cardápio acaba ficando muitas vezes com uma alimentação que é muito rica em gorduras e açúcares”	23:26
	Michael: “(...) a questão da rotina, sem dúvida é fundamental e transversal. Acho que é uma das poucas coisas dentro do autismo que é universal. Tipo, ter uma rotina muito bem definida é algo muito importante, a gente para de funcionar se a gente não tem uma rotina meio estabelecida”.	24:23

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Durante a aplicação nos episódios de AspieGirl, no Apêndice B, e ABACast, no Apêndice A, perceberam-se contrastes significativos entre as duas produções. Em AspieGirl, a podcaster se posiciona em primeira pessoa, ao afirmar que sua abordagem sobre ser autista está centrada no âmbito das mulheres autistas.

No episódio, ocorre uma descrição inicial sobre as dificuldades sociais vividas por mulheres autistas e questões que as diferenciam de homens no espectro. Em destaque, a podcaster cita a camuflagem que, segundo ela, seria a habilidade de mulheres disfarçarem suas características autísticas em sociedade. A implicação disso, no entanto, seria uma exaustão e desgaste físico.

No contexto do possível subdiagnóstico de mulheres autistas, Hull, Petretos e Mandy (2020) salientam a existência de duas correntes que tentam explicar o fenômeno. A primeira estaria centrada nas questões genéticas e ambientais que "protegem" mulheres do autismo, a segunda seria relacionada a vieses diagnósticos e de avaliação do autismo. Os autores concluem que, apesar da camuflagem ser um fenômeno comumente citado por autistas sem deficiência intelectual, ainda se trata de um tema com menos estudos de natureza empírica e que, desta forma, acabam por ser mais baseados em relatos de experiência.

No *AspieGirl*, a podcaster traz, em primeira pessoa, situações práticas que envolvem suas dificuldades, incluindo um processo de recrutamento profissional cujo desfecho foi negativo, bem como questões de ansiedade e uso de medicações.

Para *ABAcast*, no entanto, há uma diferença fundamental. Enquanto a abordagem trazida em *AspieGirl* é centrada em experiências, *ABAcast* é autointitulado como um podcast sobre ABA e educação.

Desta forma, para a apresentadora do *ABAcast*, e ao contrário do que autores como Cascio (2019) defendem, autismo é sinônimo de Transtorno do Espectro do Autismo — e, para ela, argumentar isso é “tão bobo, tão óbvio” (ABACAST, 2021). Ela define autismo como um conjunto de transtornos que são definidos pelos déficits na interação social e na linguagem, o que ela argumenta estar baseado em um informativo da Autism Society of America, em Volkmar e Wiesner (2018), e não do seu próprio pensamento.

Apesar de ocorrer certa similaridade no material de *ABAcast* e *AspieGirl* em entender o autismo a partir de implicações negativas que seriam, para as podcasters, inerentes ao tema, também há uma percepção negativa em relação a posicionamentos pessoais em *ABAcast*. Já para a pessoa autista em *AspieGirl*, é a experiência individual e o uso do lugar de fala¹¹³ que embasa o raciocínio.

¹¹³ No episódio, a podcaster utiliza a noção de lugar de fala como seu repertório e características de origem, como mulher autista. Ela argumenta que é “onde eu me sinto confortável pra falar”.

Mesmo utilizando-se das suas experiências, a podcaster de AspieGirl também faz uso de estudo citado no texto jornalístico “Dia Mundial do Autismo: meninas autistas podem estar deixando de receber tratamento por falta de diagnóstico correto”, publicado na BBC Brasil em abril de 2019, para embasar características específicas do autismo em mulheres¹¹⁴.

No AutismoCast, como exposto no Apêndice C, há duas menções diretas a obras e pesquisas. A primeira é o livro O cérebro autista de Grandin (2015) e também a pesquisa de Bai et al. (2019), sobre as origens etiológicas do TEA. O episódio do Introvertendo traz um texto jornalístico que se baseia no estudo de Levy et al. (2019), que é voltado a questões de peso no âmbito do autismo.

O episódio #196 - Sedentarismo, do Introvertendo, carrega uma diferença dos demais três episódios por ser um conteúdo centrado em atividades físicas e não em uma explicação específica sobre o autismo. Porém, a apresentadora inicia o debate afirmando que, apesar de não ter um embasamento científico exato para a discussão, o episódio está centrado nas vivências dos integrantes, enquanto autistas, algo que ela considera comum nos episódios do Introvertendo.

Em AutismoCast, o autismo é apresentado sob a metáfora de um computador com configuração e sistema operacional distintos em comparação a um funcionamento divergente do cérebro. A profissional descreve o autismo a partir de critérios diagnósticos — algo que, neste sentido, é assemelhado ao conteúdo do ABACast, que também reforça as noções do DSM-V de impedimentos na comunicação social e presença de comportamentos repetitivos.

Durante os debates, Thaís Mösken, apresentadora do Introvertendo, reforça uma ideia semelhante de configuração distinta do funcionamento autista apresentada pelo AutismoCast. E, assim como no episódio de AspieGirl, em Introvertendo, as características se traduzem em histórias e vivências dos podcasters participantes com experiências escolares e pós-escolares com esportes e atividades físicas.

Já no contexto do AutismoCast, a maioria dos exemplos e relatos apresentados pela podcaster são baseados na experiência de mães cujos filhos Carla atende. Uma das histórias contadas centrou-se na dificuldade apresentada por uma criança autista no contato visual com outras pessoas. Outro relato se tratava de

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47779342>. Acesso em: 13 abr. 2022.

um menino que, num parquinho com outras crianças, entendeu literalmente que teria um jacaré ali em vez de compreender que se tratava de uma brincadeira entre seus pares.

Não é totalmente claro se o autismo é visto como algo positivo ou negativo para todos os podcasters. Observa-se uma ênfase maior e mais direta de Michelli Freitas, que afirmou explicitamente que “o autismo não tem nada de leve. O autismo é sim um atraso no desenvolvimento grande” (ABACAST, 2021). Com base nisso, ABACast (2021) justifica que “por isso que a gente precisa entender sobre desenvolvimento infantil”. Ela também afirma que “esse déficit social que nós temos no autismo, ele é bastante severo e a sua gravidade e o seu início precoce, eles levam a problemas também na aprendizagem, na adaptação do indivíduo no ambiente” (ABACAST, 2021).

No caso de *Introvertendo*, não há uma menção valorativa sobre o autismo que seja explícita, mas Thaís Mösken chega a afirmar que existem dificuldades vivenciadas ao longo da vida e que têm relação com o transtorno. Michael Ulian, no mesmo episódio, chega a afirmar que a insistência em uma rotina específica é uma experiência “fundamental e transversal” (INTROVERTENDO, 2021). E, por isso, a ausência de padrões ritualizados seria um problema em sua percepção, pois “a gente para de funcionar se a gente não tem uma rotina meio estabelecida”¹¹⁵.

Da mesma forma, a apresentadora de *AspieGirl* (2021) associa características do autismo com situações negativas. Ela afirma que o hiperfoco “me causa ansiedade, muitas vezes”¹¹⁶ e ainda descreve a dificuldade em lidar com situações novas como um impeditivo para apreciar contextos sociais novos.

Além da citação de Temple Grandin e da metáfora do autismo como um sistema operacional diferente no *AutismoCast* — o pode estar associado a um discurso mais próximo dos autistas —, Carla também afirma que “o autismo não é uma doença, por isso que a gente não fala em cura, tá?” (AUTISMOCAST, 2021). Por outro lado, o episódio é centrado em características do autismo que, na visão da podcaster, estão associadas a prejuízos.

De modo a reforçar os diálogos em comum de *AspieGirl* e *Introvertendo* sobre rotinas, Carla afirma que autistas podem ter uma “inflexibilidade cognitiva que acaba

¹¹⁵ Transcrição disponível em:

<https://www.introvertendo.com.br/podcast/introvertendo-196-sedentarismo/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

¹¹⁶ A transcrição na íntegra encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

desencadeando uma rigidez também, num comportamento muito grande de querer fazer sempre as mesmas coisas, do mesmo jeito, na mesma ordem” (AUTISMOCAST, 2021). Por essas características, que se traduzem em prejuízos na vida social, intervenções são mencionadas, o que será discutido no tópico a seguir.

3.4.2 Afirmações sobre intervenções e terapias

A discussão sobre saúde, como uma das mais relevantes no contexto do autismo, acabou por ser escolhida para a categoria “Afirmações sobre terapias e intervenções”. Neste caso, foram buscados trechos que fazem menção explícita aos tratamentos relacionados ao autismo e o papel dos profissionais da saúde e educação. Após a codificação, com separação de trechos específicos, foi montado o quadro a seguir:

Quadro 5 - Trechos dos episódios referentes a afirmações sobre terapias e intervenções

Podcast	Trecho	Início
AutismoCast	“E aí é o que acontece, eu percebo, né, que alguns pais cometem o erro... e... eu vou falar disso também mais adiante e até alguns pediatras, né? Muitas vezes pedem pra esperar, né? Ah, deixa ele esperar ele completar dois anos e meio... vou falar mais sobre isso mais adiante e isso é péssimo porque atrasa bastante e a questão do tratamento da criança, tá bom?”	05:07
	“A partir de um ano e meio a criança já começa a brincar um pouco é... também de é... de um brincar mais simbólico, colocar uma boneca pra dormir, dar comida, dar banho, às vezes até antes de um ano e meio, tá? Eu já tive paciente que antes de um ano e meio já fazia isso porque os pais estimulavam muito”.	14:13
	“Então veja, por isso que é importante a gente avaliar as crianças a partir dessa perspectiva, né? Não só a interação com crianças mais velhas ou com adultos, mas como é a interação do seu filho, da sua filha, com as crianças da mesma idade. Porque aí a gente consegue observar como é que está o brincar, em que nível do brincar o seu filho está, ver a questão do da linguagem mesmo, né, o atraso de linguagem”.	17:14

	<p>“Então isso também é importante a gente observar uma boa terapeuta ocupacional que trabalha com integração sensorial vai ajudar pra que você faça esse trabalho de fazer avaliação e fazer a... o perfil sensorial da criança pra poder aplicar. Você poder aplicar em casa e também no consultório”.</p>	31:49
	<p>“Caso o seu filho tenha uma seletividade, uma restrição alimentar, aí você procura um nutricionista, um terapeuta ocupacional que trabalha com integração sensorial”.</p>	37:02
	<p>“Teve até uma mãe que comentou lá no post meu falando assim que o neuropediatra disse que era pra esperar, que era pra esperar até três ou quatro anos não recordo a idade, mas era bem avançada e falou que não era pra fazer fono porque o fono só iria atrapalhar (risos) a estimulação natural dele, espontânea”.</p>	39:58
	<p>“(...) a gente sabe que se for autismo precisa de intervenção e se não for autismo também precisa de intervenção”.</p>	40:40
	<p>“O outro erro também muito comum, que eu já tinha falado anteriormente, é esperar o tempo da criança. ‘Ah então ele está com atraso na fala ou então ele já está falando algumas palavras mas não se comunica ainda ou então ele interage muito pouco, mas eu vou esperar porque ele vai ter o tempo dele e não precisa fazer nada, não precisa de avaliação, não precisa de intervenção’. E sendo bem sincera, pela minha experiência. Eu atuo com autismo praticamente há quase 6 anos. Então, desde que eu comecei a trabalhar, estudar autismo, eu foquei somente em autismo, só trabalho com autismo. Quem perde somente é a criança. E isso eu falo de coração”.</p>	49:13
	<p>“Mas, gente, mesmo que não seja, se a criança já tem o atraso, já tem um déficit na comunicação e na socialização já é um motivo mais do que suficiente pra vocês procurarem ajuda, pra vocês procurarem o tratamento”.</p>	50:02
	<p>“Independentemente se você já tem o diagnóstico ou não, mas se o seu filho já apresenta déficit na comunicação social, que é a parte da comunicação e da interação, é importante vocês começarem o quanto antes a terapia. Tá bom? Porque como eu falei, repito, né, pra finalizar, é que a criança ela não vai ser</p>	52:21

	prejudicada em hipótese alguma, muito pelo contrário, ela só vai ser mais estimulada, né? E cada vez mais a ampliar suas habilidades de comunicação, de socialização, de aprendizagem, motoras e de vidas diária e por aí vai, tá bom?”	
Introvertendo	Thaís: “Hoje eu entendo que a ideia de ter os esportes na escola é justamente pra tentar melhorar o entrosamento entre as crianças, melhorar a interação mesmo entre as crianças, mas se a gente for pensar hoje em dia com o que a gente sabe sobre autismo, esse é um processo muito pouco inclusivo. Então programa de educação física como um todo é pra mim pelo menos me parece muito focado em quem é neurotípico e quem não for provavelmente vai ser excluído daquilo, não vai conseguir absorver o que é a proposta, e muitas vezes vai sair com esse tipo de sensação de que aquele é o momento perdido, aquela é a pior aula, a pior disciplina e por aí vai”.	07:37
	Thaís: “Então eu acho que tem uma chance maior de a gente conseguir uma interação social a partir de um esporte que a gente gosta com um pequeno grupo de pessoas que também gostam daquilo, compartilhar de fato um tema que interessa pra gente do que simplesmente o oposto, né? Que a gente ser jogado antes do esporte, que a gente não sabe o que está acontecendo e com um monte de gente. Acho que até se a gente for pensar em termos de como funciona o processamento de uma pessoa autista, esse tipo de programa não faz sentido, mas deve existir formas que espero que pessoas estudem pra isso pra criar programas mais inclusivos, para evitar que mais pessoas, mais autistas se afastem do esporte, seja por se sentir excluído, mas seja também por às vezes se sentirem uma situação muito incômoda pelos mais diversos motivos ali”.	10:23

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Diferentemente da categoria Afirmções sobre o autismo enquanto modo de vida, aqui nem todos os episódios de podcasts contêm trechos explícitos a intervenções e terapias descritos no quadro acima. Isso pode ser explicado pela curta duração dos episódios de ABACast e AspieGirl, quanto também pela temática, já que o episódio de ABACast é centrado nos conceitos em torno do autismo, enquanto AspieGirl foca na experiência sobre ser autista.

O episódio do Introvertendo tangencia parcialmente intervenções e terapias. Por ser centralizado em uma discussão sobre saúde física de autistas, o conteúdo acaba por estar focado em programas de inclusão no esporte para pessoas no espectro do autismo.

Neste episódio Thaís Mösken afirma que, no contexto das atividades físicas coletivas e do interesse por um esporte no ambiente escolar, exercícios em grupos maiores não são uma forma recomendada. Segundo ela:

Acho que até se a gente for pensar em termos de como funciona o processamento de uma pessoa autista, esse tipo de programa não faz sentido, mas deve existir formas que espero que pessoas estudem pra isso pra criar programas mais inclusivos, para evitar que mais pessoas, mais autistas se afastem do esporte, seja por se sentir excluído, mas seja também por às vezes se sentirem uma situação muito incômoda pelos mais diversos motivos ali (INTROVERTENDO, 2021).

Nos debates do Introvertendo, é possível destacar que as atividades de educação física não surgem como uma forma de necessariamente desenvolver habilidades de todos os estudantes, e sim para cumprir uma exigência curricular. Neste sentido, os podcasters defendem que os esportes propostos eram, em regra, coletivos e que abarcavam o máximo de alunos em uma só atividade. Esta lógica, então, excluiria pessoas que têm interesses esportivos fora do comum e menos habilidades sociais.

Neste sentido, Thaís Mösken e Paulo Alarcón chegam a afirmar que, na infância, consideravam as aulas de educação física aversivas por conta dos estímulos sensoriais e dos impedimentos na interação social. Thaís disse que “eu passei a maior parte da minha vida relacionando esportes como algo ruim, algo que pra mim trazia mal estar”, enquanto Paulo também falava do impacto social das suas dificuldades nas atividades em ser visto pelos colegas como um “jogador inútil” (INTROVERTENDO, 2021).

O episódio do AutismoCast, apesar de também descrever as características do autismo, aborda de forma significativa intervenções e terapias voltadas a autistas. Carla Ulliane, como fonoaudióloga, acaba por focar em aspectos de atraso e desenvolvimento de fala.

AutismoCast (2021) afirma que “(...) a gente sabe que se for autismo precisa de intervenção e se não for autismo também precisa de intervenção”. Além disso, também há a crítica ao discurso de alguns profissionais sobre esperar o tempo da

criança. Com isso, ela argumenta que “mesmo que não seja [autismo], se a criança já tem o atraso, já tem um déficit na comunicação e na socialização já é um motivo mais do que suficiente pra vocês procurarem ajuda, pra vocês procurarem o tratamento” (AUTISMOCAST, 2021).

No final do episódio de AutismoCast (2021), Carla destaca a importância dos profissionais dotados de “experiência com autismo” que, na sua visão, seriam importantes para a avaliação de uma hipótese de autismo. Segundo ela, são psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, neuropediatras e psiquiatras da infância.

Mesmo que não haja menções diretas a intervenções e tratamentos no ABAcast, é possível afirmar que há um consenso por parte da podcaster em relação à manifestação de prejuízos precoces no autismo. Michelli argumenta que os déficits do autismo trazem impactos na aprendizagem e na adaptação dos sujeitos aos ambientes.

Apesar de não ser algo diretamente relacionado a intervenções e terapias, também há menções a uso de medicações nos podcasts AspieGirl e Introvertendo. A apresentadora de AspieGirl chegou a dizer que, diante de uma situação de ansiedade, “tive até que tomar um Rivotril” (ASPIEGIRL, 2021). Em outro momento, Victória afirmou fazer uso de medicações para depressão e ansiedade, sem especificar o nome dos produtos. No caso de Introvertendo, os integrantes comentam os efeitos da Risperidona, um antipsicótico atípico comumente utilizado por autistas (NIKOLOV; JONKER; SCAHILL, 2006).

Da mesma forma em que não há uma posição direta se o autismo é algo bom ou ruim, as falas dos integrantes de podcasts produzidos por autistas também fazem pensar sobre os limites entre ser ou não saudável. No caso de Introvertendo, Paulo Alarcón relaciona a sua seletividade alimentar com o consumo de comidas ricas em gordura e açúcar. Durante o episódio, ele afirma: “As comidas que eu mais gosto não são exatamente as mais saudáveis” (INTROVERTENDO, 2021).

Araújo e Cardoso (2007), numa interface entre comunicação e saúde, observam relações de poder e produções de sentido no âmbito da saúde pública brasileira. Ramos (2019), numa direção semelhante, lembra que significados e sentidos se alteram conforme a sociedade se transforma em relação à saúde, o que

inclui a própria questão da alimentação e como discursos midiáticos a abordam. Segundo ela,

A alimentação 'saudável' é vista como um dos principais fatores para a conquista da saúde e bem-estar. A partir dela, são atribuídos inúmeros discursos, provenientes de instâncias públicas e privadas, na forma de manuais de prevenção e promoção da saúde associadas à melhoria do estilo de vida. Entretanto, a utilização do adjetivo 'saudável', ao indicar um específico tipo de alimentação, pode não atender às individualidades dos sujeitos. Isso ocorre devido à presente conotação valorativa de sentido, que provoca a exclusão e/ou rejeição do que se comporta diferentemente ao considerado ideal (RAMOS, 2019, p. 2).

Na dinâmica das mídias e do diagnóstico tardio, há de se pensar também na ausência de intervenções. O contexto de descoberta do autismo dos integrantes do Introvertendo e, ao que tudo indica, do AspieGirl, aponta para um diagnóstico tardio. Sem o acompanhamento precoce dos sinais, como abordado no AutismoCast, autistas que sabem de sua condição apenas a partir da vida adulta podem criar suas próprias estratégias para contornar possíveis dificuldades relacionadas ao transtorno.

Apesar desta experiência tardia do autismo ser menos documentada e, por consequência, ter validação mais demorada no âmbito da pesquisa do autismo, Carla, do AutismoCast, recorrentemente cita a importância dos relatos autistas, seja em questões como diagnóstico tardio de mulheres, ecolalia, hiperfoco ou até mesmo traços autistas em familiares de pessoas no espectro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disseminação de materiais sobre o autismo tem levantado debates não apenas sobre um maior entendimento sobre o transtorno, mas também em relação ao nível das contribuições profissionais, familiares e até das próprias pessoas que estão no espectro sobre o tema. Ao entender que o autismo pode ser compreendido muito além de um diagnóstico ou tema médico, o transtorno também se insere no contexto midiático e até político, ao fornecer subsídios para a criação de políticas públicas, como o reconhecimento do autismo como deficiência.

Os marcos históricos do autismo e as suas relações com o campo da comunicação, inclusive no Brasil, fazem com que seja possível perceber o impacto de publicações midiáticas e culturais, como jornais, revistas, filmes e séries, ao entendimento popular sobre o autismo. E ao pensar cultura como uma teia de significados, bem como as relações entre pessoas da comunidade do autismo no processo de conhecimento sobre o diagnóstico, também é permitido refletir sobre essa comunidade no âmbito da *podosfera*, cujas produções geralmente se constroem de forma coletiva.

Um estereótipo pessoal contrariado durante o processo de pesquisa residia exatamente sobre a função e a atuação dessas figuras — autistas, familiares e profissionais — na comunidade do autismo. É possível classificar e separar esses três grupos por uma função analítica, mas cotidianamente eles se entrelaçam entre si, seja por suas próprias características ou por seus discursos em produções culturais.

A presente dissertação também abordou os aspectos cronológicos da produção em *podcasting* no Brasil no âmbito da deficiência e para além dela, bem como as congruências e diferenças entre esse meio com a produção radiofônica e, desta forma, como está inserido nas experiências midiáticas de escuta. Também foi possível pontuar que o podcast, com sua multiplicidade de formatos e enquadramentos, pode ser utilizado para que vozes minoritárias possam ser ouvidas por seus pares e, também, por indivíduos que se encontram fora de suas bolhas.

Por meio da discussão bibliográfica, também foi possível perceber como o *podcasting* permite uma maior proximidade de produtores e ouvintes, bem como o impacto recente dos podcasts no debate midiático, sobretudo no Brasil. As

produções aqui estudadas, embora recentes, fazem parte das expressões de um grupo social cada vez mais relevante e que demanda, a partir de múltiplas estratégias midiáticas e políticas, visibilidade e reconhecimento.

Outra contribuição pertinente no processo de aprendizagem e na construção desta pesquisa foi a formação de uma reflexão metodológica sobre a análise de conteúdo e seus aspectos epistemológicos. E com base em uma observação acerca do estado da arte da técnica, foi possível se munir de manuais que levam em consideração as discussões mais recentes sobre a confiabilidade e a replicabilidade da análise de conteúdo e, assim, promover uma tentativa de trazer uma discussão mais sólida sobre o seu uso.

Com base nisto, a partir da observação exercida nos quatro podcasts em questão com o uso da análise de conteúdo, uma pergunta possível de ser feita é se os episódios ajudam a compreender o que é o autismo. Em que pese a baixa amostragem, a análise não revela isso com a precisão devida, porque os programas analisados podem dialogar com públicos muito heterogêneos dentro do próprio autismo. Os relatos sobre crises de ansiedade de uma pessoa adulta autista promovidos no AspieGirl, por exemplo, podem dizer muito pouco sobre o que é o autismo, assim como a afirmação de que o autismo é um transtorno grave no ABACast oferece, provavelmente, nenhuma resposta para quem está na vida adulta e suspeita estar no espectro.

Por outro lado, os podcasters profissionais parecem divergir dos podcasters autistas sobre quais são os seus públicos-alvo, considerando o que está explicitado na descrição dos programas. Enquanto programas assinados por profissionais podem incorporar um discurso do autismo mais voltado à infância, esse também pode ser direcionado a familiares que estão em processo de investigação ou que desejam desenvolver habilidades sociais e comunicativas de seus filhos. Os podcasts produzidos por autistas podem tanto ser alvo de interesse desses mesmos responsáveis, bem como atrair a atenção de outras pessoas no espectro que não necessariamente se sentirão contempladas com um discurso de diagnóstico no âmbito infantil.

A convivência com o autismo afeta como os sujeitos se comunicam e interagem e, ao que a análise indica, influencia no que podem relatar. É possível compartilhar da noção de Ries (2017), que observa as implicações da noção de

dispositivos interacionais no âmbito do autismo. O diagnóstico leva pessoas a buscar informações, trocar experiências e se articular coletivamente, entre familiares e entre pessoas que compartilham do autismo enquanto forma de ser e existir.

Neste sentido, independentemente de serem sujeitos com mídias de alcance global ou com menos de 10 downloads, os seus respectivos podcasts fazem parte de um cenário em que o compartilhamento de histórias e narrativas pessoais ou de terceiros é possível, como observado nos quatro programas observados. Desse modo, programas sobre autismo podem se associar com naturalidade aos modos de funcionamento da podosfera, sobretudo quanto à formação de comunidades de fãs que se identificam com o material produzido por seus criadores.

A análise indicou que os programas analisados, de forma geral, inserem-se em maior parte num contexto mais amador de produção. A duração é variável conforme o propósito da produção; têm como referenciais estudos científicos ou conteúdo jornalístico baseado nessas mesmas pesquisas; podem se adaptar conforme os recursos de gravação ou edição disponíveis pelos servidores de hospedagem; podem se estruturar apenas como compartilhamento de relatos pessoais ou de terceiros; podem ser utilizados para a enunciação de uma autoridade no tema, e não necessariamente incorporam elementos radiofônicos, embora haja estratégias *crossmedia* e *transmedia* na disseminação do conteúdo, sobretudo nas duas produções profissionais.

Entre o tipo de produtor, *AspieGirl* e *Introvertendo* possuem as diferenças mais radicais entre si. Enquanto *AspieGirl* não possui duração fixa, blocos definidos e nem um recorte de temas, o *Introvertendo* carrega um estilo semelhante a cada episódio, centraliza os seus conteúdos (geralmente apenas focados no autismo) dentro de uma duração média. *ABACast* e *AutismoCast*, apesar de carregarem semelhanças quanto ao propósito de demonstrar autoridade sobre o autismo, também divergem quanto a estrutura técnica do programa. Enquanto *ABACast* possui uma frequência e um volume de episódios sem um padrão definido, o *AutismoCast* segue convenções geralmente obedecidas por programas em áudio, como duração fixa e periodicidade, além do foco em questões de fala e linguagem.

A partir dos resultados obtidos na análise, também é possível afirmar quão restrita ainda pode ser a audiência de podcasts sobre autismo. Não necessariamente apenas pelos números em si, pela fragmentação da comunidade

do autismo, ou pelos debates constituídos nos episódios, mas também pela pouca adesão das grandes produtoras e marcas com programas voltados à temática do autismo e de outras deficiências em geral, sendo o *Introvertendo* uma de suas exceções. Ou seja, mesmo que o *podcasting* possa ser um meio útil para a expressão de certos grupos sociais minorizados, se esses sujeitos não são reconhecidos e não tem espaço entre a cena de podcasters, a emancipação que se supõe ser não é tão factível.

Outra hipótese, a partir desse cenário, também é a possível baixa adesão dos próprios sujeitos interessados no autismo em relação aos podcasts em comparação com as mídias sociais e os vídeos no YouTube, em que não é difícil encontrar, por exemplo, canais dedicados ao autismo com mais de 100 mil inscritos. Acessar um podcast atualmente é mais fácil que no início da década de 2010, época em que a portabilidade dos smartphones não permitia ouvir episódios de outras formas que não fossem baixar arquivos de áudio manualmente pelo computador. Mas, mesmo assim, ainda vale questionar quão engajada a comunidade do autismo está sobre o que é um podcast e como acessá-lo.

O contato, a menção e a interação com a audiência também não é um ponto tão explorado pelos podcasts analisados, exceto *Introvertendo*, que traz uma seção de e-mails e áudios enviados pelos ouvintes por meio do WhatsApp; e o *AutismoCast*, que extrapola a própria experiência do podcast em áudio para se relacionar com o público com outras plataformas em uma estratégia *transmedia* como forma de diversificar o material não apenas do ponto de vista criativo, mas também como uma promoção cruzada de conteúdo como modelo de negócio no ambiente midiático convergente.

Com base na mesma premissa, é importante ponderar que a escuta de um podcast possui um contraste significativo com canais do YouTube, por exemplo, em que a audiência pode curtir, comentar e interagir diretamente com o criador. Portanto, servidores de áudio e plataformas de *streaming* têm oferecido recursos para aproveitar o maior engajamento de usuários com a mídia em rede. O desenvolvimento de ferramentas como o envio de áudios diretamente pelo Anchor, como exemplo, pode se consolidar como parte das novas estratégias de interação no cenário do *podcasting*.

Podcasts produzidos por produtoras geralmente contam com a participação de profissionais da comunicação, como jornalistas e publicitários, que geralmente possuem uma leitura mais apurada sobre qual deve ser o público-alvo e sobre a elaboração dos aspectos técnicos destes programas, como a construção de roteiros. Para produções que não dispõem de profissionais com um olhar treinado, criar um podcast acaba por ser uma atividade mais próxima do lazer.

Da mesma forma, a produção radiofônica exige um nível de compromisso e conhecimento técnico que é flexibilizado na produção em *podcasting*. A partir das próprias características do autismo, como a dificuldade de interação e comunicação, é possível afirmar que produzir um podcast dentro de casa, sem os estímulos presentes em novos ambientes e com a autonomia possível para a criação de um programa sem intermédio de terceiros, acaba por ser um processo mais acessível em comparação a estrutura, as regras e as formas de criação dos veículos tradicionais. Assim, é difícil conceber a ideia de que autistas conseguiriam atuar no rádio como atuam em podcasts.

Nos últimos anos, a desconstrução da ideia de que podcast é sinônimo de mesacast, com o surgimento de novos formatos, como produções narrativas feitas apenas por uma pessoa, tornou possível a existência de projetos como o *AspieGirl*. Ou seja, diferentemente das noções existentes na podosfera de que um podcast só existiria com conversas coletivas, autistas podem expor suas experiências mesmo que não tenham vínculos sociais significativos.

Portanto, mesmo sem todo o domínio técnico talvez esperado, as experiências de autistas com diagnóstico tardio fazem parte dos novos sentidos atribuídos ao autismo, sobretudo por agregar questões até então pouco exploradas no debate do transtorno. Desta forma, vale considerar a observação feita por Ramos (2019, p. 9) de que “o discurso leigo demonstra certa consideração aos contextos dos sujeitos, por dialogar sobre a forma de lidarem com seus corpos”.

REFERÊNCIAS

ABACAST 538: O que é o Autismo?. Locução de: Michelli Freitas. [S. l]: IEAC, 30 out. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://d3ctxlq1ktw2nl.cloudfront.net/staging/2021-9-30/227729336-44100-2-3093a2434eaf4.m4a>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ABREU, Tiago. **O que é neurodiversidade?**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2022.

ABREU, Tiago. Por que precisamos sobre um pensamento brasileiro sobre a neurodiversidade, por Tiago Abreu. **Olhares do Autismo**, 2020. Disponível em: <https://www.olharesdoautismo.com.br/2020/06/18/neurodiversidade/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ABREU, Tiago; PAVAN, Ricardo. Podcasts sobre autismo no Brasil: uma introdução. In: XIV Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação, 2021, Goiânia. **Anais do XIV Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação**. Goiânia: UFG, 2021, p. 974-984, 2021.

ALECRIM, Emerson. Spotify chega a 286 milhões de usuários e a 1 milhão de podcasts. **Tecnoblog**, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/336223/spotify-resultados-financeiros-1-tri-2020-286-milhoes-usuarios/>. Acesso em 2 dez. 2020.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION *et al.* Definitions of communication disorders and variations. 1993. Disponível em: <https://www.asha.org/policy/rp1993-00208/>. Acesso em: 6 dez. 2021.

ANDRADE, Sidney Vicente de. **Leitura literária e deficiência visual no contexto das mídias digitais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/2417/2/PDF%20-%20Sidney%20Vicente%20de%20Andrade.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2021.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

ASPERGER, Hans. Die “Autistischen psychopathen” im kindesalter. **Archiv für psychiatrie und nervenkrankheiten**, v. 117, n. 1, p. 76-136, 1944. Disponível em: <http://www.th-hoffmann.eu/archiv/asperger/asperger.1944.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ASPIEGIRL 39: SOBRE SER AUTISTA. Locução de: Victória Elsner. [S. l]: Victória Elsner, 15 abr. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://d3ctxlq1ktw2nl.cloudfront.net/staging/2021-3-15/175903106-44100-2-5cd6270a68c92.m4a>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS (ABPod). PodPesquisa: 2020-2021: produtores. ABPod: [s.l.], 2021. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Ab pod-Resultados.pdf. Acesso em: 7 dez. 2021.

ATAIDES, Raila Spindola de. **Tô de próxima: programa de podcast sobre videogames com foco na produção independente brasileira**. 2015. 85 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/12510>. Acesso em: 15 mai. 2022.

AUTISMOCAST 41: Como identificar os sinais do autismo | Chá Comigo Podcast #011. Locução de: Carla Ulliane. [S. l.]: Carla Ulliane, 13 set. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://d3ctxlq1ktw2nl.cloudfront.net/staging/2021-6-2/95899465-36bd-cc72-e20b-4d792ccd69ef.mp3>. Acesso em: 18 jun. 2022.

BAI, Dan *et al.* Association of genetic and environmental factors with autism in a 5-country cohort. **JAMA psychiatry**, v. 76, n. 10, p. 1035-1043, 2019. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2737582>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BENGTSSON, Mariette. How to plan and perform a qualitative study using content analysis. **NursingPlus Open**, v. 2, p. 8-14, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352900816000029>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias—Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>. Acesso em: 11 dez. 2021.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011a. Disponível em: http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/ojs/index.php/versoereverso/article/view/924. Acesso em: 19 jun. 2021.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. **Encontro Anual da Compós**, v. 20, p. 1-15, 2011b. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/35160767/68580483-dispositivos-interacionais-braga.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRAGA, José Luiz. O que é comunicação?. **LÍBERO**, v. 19, n. 38, p. 15-20, 2016. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/794>. Acesso em: 19 jun. 2021.

BUFARAH JÚNIOR, Alvaro. Podcast e as novas possibilidades de monetização na radiodifusão. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4316/3403>. Acesso em 11 dez. 2020.

BUMILLER, Kristin. Caring for autism: Toward a more responsive state. In: **Worlds of autism: Across the spectrum of neurological difference**. Minneapolis: University of Minnesota Press p. 143-168, 2013.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/educacaoespecial/article/view/6994>. Acesso em: 2 fev. 2022.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>. Acesso em: 3 jan. 2022.

CASCIO, M. Ariel. Comentário: do que estamos falando quando falamos sobre autismo?. In: **Autismo em tradução: uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2019. p. 311-322.

CASCIO, M. Ariel. Cross-cultural autism studies, neurodiversity, and conceptualizations of autism. **Culture, Medicine, and Psychiatry**, v. 39, n. 2, p. 207-212, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11013-015-9450-y>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CAVALCANTE, Fátima Gonçalves. **Pessoas muito especiais: a construção social do portador de deficiência e a reinvenção da família**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

CZECH, Herwig. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. **Molecular autism**, v. 9, n. 1, p. 29, 2018. Disponível em: <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em: 24 jan. 2022.

CHIMURA, Willian. Autismo e ativismo pela Internet. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde**, v. 21, n. 1, p. 129-139, 2020. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/bis/article/view/36736>. Acesso em: 7 dez. 2021.

CONN, Rory; BHUGRA, Dinesh. The portrayal of autism in Hollywood films. **International Journal of Culture and Mental Health**, v. 5, n. 1, p. 54-62, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17542863.2011.553369>. Acesso em: 24 jan. 2022.

CORCORAN, Jacqueline; BERRY, Amber; HILL, Stephanie. The lived experience of US parents of children with autism spectrum disorders: a systematic review and meta-synthesis. **Journal of Intellectual Disabilities**, v. 19, n. 4, p. 356-366, 2015.

Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1744629515577876>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CORRÊA, Luiz Otávio. As audiografias: uma conversa histórica através dos sons. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 22, n. 2, p. 73-80, 2014.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645781>. Acesso em: 2 fev. 2022.

CÔRTEZ, Maria do Socorro Mendes; ALBUQUERQUE, Alessandra Rocha de. Contribuições para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista: de Kanner ao DSM-V. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 3, n. 7, p. 864-880, 2020.

Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/248>. Acesso em: 24 jan. 2022.

CORTEZIA, Fabiola Scherer. **O desamparo de mães de crianças autistas: impacto das características de espectro do autismo na maternidade**.

Monografia (Especialização em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141453>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAVIDSON, Joyce. Autistic culture online: Virtual communication and cultural expression on the spectrum. **Social & cultural geography**, v. 9, n. 7, p. 791-806, 2008. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14649360802382586>. Acesso em: 7 dez. 2021.

DE HOOGE, Anna N. Binary Boys: Autism, Aspie Supremacy and Post/Humanist Normativity. **Disability Studies Quarterly**, v. 39, n. 1, 2019.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento da pesquisa qualitativa. IN: POUPART, Jean. *Et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DIAS, Luciene de Oliveira; ABREU, Tiago. Reciprocidade e cidadania: reaprender comunicação social a partir da convivência com o autismo. Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. 2015. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0267-1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DIAS, Sandra. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 18, p. 307-313, 2015.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/9WR3H6wHtdktmJpPkyLcJYs/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra sintonia: a história do autismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

DOYLE, Nancy. Neurodiversity at work: a biopsychosocial model and the impact on working adults. **British Medical Bulletin**, v. 135, n. 1, p. 108, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7732033/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. **O que é, afinal, Estudos Culturais**, v. 3, p. 133-166, 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5745079/mod_resource/content/0/Aula%2012b_Silva_Escosteguy%20-%20O%20que%20e%2C%20afinal%2C%20Estudos%20Culturais.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.

ESPADA, Agustín Eduardo. Nuevos modelos radiofónicos: las redes de podcast en Argentina. **Question**, 2018. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/4683>. Acesso em: 1 mai. 2022.

FALCÃO, Bárbara Mendes. **Podcasts de notícias diárias de análise aprofundada e cidadania no contexto do jornalismo pós-industrial**. 2021. 209 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11761>. Acesso em: 8 mai. 2022.

FELICIANO, Fátima. Iniciação científica em jornalismo: o trabalho pioneiro de Marques de Melo. **Idade Mídia**, São Paulo, ano II, n. 03, 2003. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/mem_137-143_im3.pdf. Acesso em: 18 mai. 2022.

FELINTO, Erick. Crowdfunding: entre as Multidões e as Corporações. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 9, n. 26, p. 137-150, 2013. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/347>. Acesso em: 11 jun. 2022.

FERNANDES, Laís Cerqueira. **Histórias reais sobre pessoas reais: um estudo sobre as estratégias de storytelling do podcast Projeto Humanos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/9965/2/laiscerqueirafernandes.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 30º Congresso Brasileiro de Comunicação**. Santos, 1º set. 2007. Disponível em: https://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/convergencia_tecnologica_ferrareto.pdf. Acesso em: 6 dez. 2021.

FERRAZ, Nivaldo; GAMBARO, Daniel. Podcast e radiojornalismo. **Novos Olhares: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos midiáticos**, v. 9, n. 1, p. 155-172, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/166393>. Acesso em: 11 dez. 2021.

FLORINI, Sarah. The podcast “Chitlin’Circuit”: Black podcasters, alternative media, and audio enclaves. **Journal of Radio & Audio Media**, v. 22, n. 2, p. 209-219, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19376529.2015.1083373>. Acesso em: 15 mai. 2022.

FREIRE, Gabriel Ribeiro. Ideias sem fio: **Um panorama sobre podcasts no Brasil**. 2015. Monografia (Graduação em Comunicação Organizacional) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/11527>. Acesso em: 6 dez. 2021.

FREITAS, Bárbara “**Toda mãe de autista sabe do que eu estou falando**”: **narrativas compartilhadas por mães de autistas em uma plataforma digital de vídeos**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/47328>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FOX, Ragan. Sober Drag Queens, Digital Forests, and Bloated “Lesbians” Performing Gay Identities Online. **Qualitative Inquiry**, v. 14, n. 7, p. 1245-1263, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1077800408321719>. Acesso em: 15 mai. 2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

HACKING, Ian. Autistic autobiography. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 364, n. 1522, p. 1467-1473, 2009. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/abs/10.1098/rstb.2008.0329>. Acesso em: 6 jul. 2021.

HACKING, Ian. Autism fiction: a mirror of an Internet decade?. **University of Toronto Quarterly**, v. 79, n. 2, p. 632-655, 2010. Disponível em: <https://www.utpjournals.press/doi/abs/10.3138/utq.79.2.632>. Acesso em: 13 dez. 2021.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143031143004.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HEPP, Andreas; HASEBRINK, Uwe. Interação humana e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades midiáticas. **Parágrafo**, v. 3, n. 2, p. 75-90, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/333/0>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HERSINTA, Hersinta. Narrating Autism: Autistic Presence and Voice on the internet in Indonesia. Trabalho apresentado no ICA 2019. 2021. Disponível em: <https://eudl.eu/doi/10.4108/eai.16-10-2019.2304297>. Acesso em: 30 jun. 2021.

HJARVARD, Stig. Mídia: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143023787004.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HULL, Laura; PETRIDES, K. V.; MANDY, William. The female autism phenotype and camouflaging: A narrative review. **Review Journal of Autism and Developmental Disorders**, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40489-020-00197-9>. Acesso em: 20 jan. 2022.

IBRUS, Indrek; SCOLARI, Carlos A. **Crossmedia innovations**. Frankfurt: Peter Lang GmbH, 2012.

ICD-11. **International Classification of Diseases 11th Revision The global standard for diagnostic health information**. 2018. Disponível em: <https://icd.who.int/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

INTROVERTENDO 196: Sedentarismo. Locução de: Michael Ulian, Paulo Alarcón e Thaís Mösken. [S. l]: Superplayer & Co, 19 nov. 2021. *Podcast*. Disponível em: https://cdn.simplecast.com/audio/1d58e646-86d9-41e8-b6d7-e470133c729d/episode/s/471f6d3a-652b-46cf-920d-2d208f96be7c/audio/8d3901eb-6efc-4300-aa0a-a5f97d53042e/default_tc.mp3. Acesso em: 18 jun. 2022.

JACKSON, Ronald L.; DRUMMOND, Darlene K.; CAMARA, Sakile. What is qualitative research?. **Qualitative research reports in communication**, v. 8, n. 1, p. 21-28, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17459430701617879>. Acesso em: 10 dez. 2021.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous child**, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943. Disponível em: http://mail.neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

KAPP, Steven K (org). **Autistic community and the neurodiversity movement: Stories from the Frontline**. Springer Nature, 2020.

KISCHINEVSKY, Marcelo. Cultura da Portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. **Observatório Journal**, Lisboa (Portugal), nº 8,

2009, p. 223-238. Disponível em:
<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/271>. Acesso em 2 fev. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; BENZECRY, Lena. Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos.

Radiofonias–Revista de Estudos em Mídia Sonora, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4333>. Acesso em: 1 mai. 2022.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 1, p.3-11, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbhCsndB9Sf5ph5KBYGD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2022.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis**: an introduction to its methodology. Londres: Sage Publications, 2004.

LACERDA, Lucelmo. Luz, Câmera, Estereótipo-Ação! A representação do autismo nas séries de TV. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 193, p. 13-22, 2017.

Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33887>. Acesso em: 20 jun. 2021.

LAI, Meng-Chuan *et al.* Sex/gender differences and autism: setting the scene for future research. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 54, n. 1, p. 11-24, 2015. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0890856714007254>. Acesso em: 17 dez. 2021.

LAVOR, Matheus De Luna Seixas Soares *et al.* O autismo: aspectos genéticos e seus biomarcadores: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3274-3289, 2021. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/24948>. Acesso em: 24 jan. 2022.

LEVY, Susan E. *et al.* Relationship of weight outcomes, co-occurring conditions, and severity of autism spectrum disorder in the study to explore early development. **The Journal of pediatrics**, v. 205, p. 202-209, 2019. Disponível em:

[https://www.jpeds.com/article/S0022-3476\(18\)31263-0/fulltext](https://www.jpeds.com/article/S0022-3476(18)31263-0/fulltext). Acesso em: 13 abr. 2022.

LLINARES, Dario; FOX, Neil; BERRY, Richard. Introduction: Podcasting and podcasts—Parameters of a new aural culture. In: **Podcasting**. Palgrave Macmillan, Cham, 2018. p. 1-13. Disponível em:

https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-90056-8_1. Acesso em: 8 mai. 2022.

LOPES, Bruna Alves. **Não Existe Mãe-Geladeira: Uma análise feminista da construção do ativismo de mães de autistas no Brasil (1940-2019)**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta

Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em:
<https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2922>. Acesso em: 15 nov. 2021.

LOPES, Leo. Alô Técnica! #61 - Digital Minds: o primeiro podcast do Brasil. Disponível em:
<https://radiofobia.com.br/podcast/2017/12/alo-tenica-61-digital-mindso-primeiro-podcast-do-brasil/>. 2017. Acesso em 30 nov. 2021.

LUIZ, Lucio. **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014.

MACHADO, Alison Patrick Oliveira. **O podcast como produto: um modelo para produção de podcasts a partir da análise do Nerdcast em relação ao Não Ouvo e Mamilos**. 2019. Monografia (Graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5967>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MAENNER, Matthew J. *et al.* Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years—autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States, 2018. **MMWR Surveillance Summaries**, v. 70, n. 11, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/ss/ss7011a1.htm>. Acesso em: 5 dez. 2021.

MAGNONI, Antônio Francisco; DE ALMEIDA, William Douglas; LEITE, Wellington. Radiodifusão, web rádio e podcast: o ensino do jornalismo em áudio. *Conhecimento & Diversidade*, v. 12, n. 27, p. 144-157, 2020. Disponível em:
https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/7177. Acesso em: 2 fev. 2022.

MARKMAN, Kris M. Doing radio, making friends, and having fun: Exploring the motivations of independent audio podcasters. **New Media & Society**, v. 14, n. 4, p. 547-565, 2012. Disponível em:
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444811420848>. Acesso em: 8 mai. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 36, p. 111-117, 2008. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550192015.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2021.

MATTOS, Laura Kemp de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnósticos de autismo na Educação Infantil. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, p. 129-141, jun. 2011. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1989>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MELLO, Ana Maria *et al.* **Retratos do autismo no Brasil**. São Paulo: Associação dos Amigos do Autista, p. 174, 2013.

MENDONÇA, Sophia Silva de.; PESSOA, Sônia Caldas. Acessibilidade afetiva por e para autistas na pandemia da COVID-19. **Culturas Midiáticas**, [S. l.], v. 15, p. 21,

2021. DOI: 10.22478/ufpb.2763-9398.2021v15n.59942. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/59942>. Acesso em: 3 jan. 2022.

MENDONÇA, Sophia; SILVA, Selma Sueli. **Autismo no Feminino: A voz da mulher autista**. Belo Horizonte: Mundo Asperger, 2022.

MENDONÇA, Sophia. **Neurodivergentes: autismo na contemporaneidade**. Belo Horizonte: Manduruvá Edições Especiais, 2019.

MONTES, Aline Lucia Baggio; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Déficit ou diferença? Um estudo sobre o autismo em pesquisas educacionais. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/3131/313158902102/313158902102.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 3 jan. 2022.

MORESCO, Marcielly Cristina; RIBEIRO, Regiane. O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 14, n. 27, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/animus/article/view/13570>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. In: **E-Compós**. 2004. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/9>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MORRIS, Jeremy Wade; PATTERSON, Eleanor. Podcasting and its apps: Software, sound, and the interfaces of digital audio. **Journal of Radio & Audio Media**, v. 22, n. 2, p. 220-230, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19376529.2015.1083374>. Acesso em: 8 mai. 2022.

MÜLLER, Léo. Spotify abre suas portas para todo tipo de podcast. **Tecmundo**, 2018. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/134928-spotify-abre-portas-tipo-podcast.htm>. Acesso em: 7 dez. 2021.

MURTA, Cíntia Maria Gomes. Podcast: conversação em rede. In: **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade de São Paulo. 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1187-1.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

NEUENDORF, Kimberly A. **The Content Analysis Guidebook**. Londres: Sage Publications, 2002.

NIKOLOV, Roumen; JONKER, Jacob; SCAHILL, Lawrence. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 28, p. 39-46, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/mQqCJBBZj3kmG7cZy85dB7s/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

NUNES, Lilian Donisete Geraldini; JAOUDE, Felipe Galesi. Podcast: percepção de ouvintes de rádio sobre a mídia como canal de comunicação em Piracicaba. **Quaestum**, v. 3, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://revista.ipecege.com/quaestum/article/view/604>. Acesso em: 8 mai. 2022.

NUNES, Fernanda; ORTEGA, Francisco. Ativismo político de pais de autistas no Rio de Janeiro: reflexões sobre o “direito ao tratamento”. **Saúde e Sociedade**, v. 25, p. 964-975, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2016.v25n4/964-975/pt/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

O'DELL, Lindsay *et al.* Critical autism studies: exploring epistemic dialogues and intersections, challenging dominant understandings of autism. **Disability & Society**, v. 31, n. 2, p. 166-179, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2016.1164026>. Acesso em: 1 jul. 2021.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça; ABREU, Tiago. A percepção do aluno com transtorno do espectro autista sobre o processo de inclusão na Universidade Federal de Goiás (UFG). **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 6, n. 2, p. 59-76, 2019. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/8897>. Acesso em: 10 jan. 2022.

OLIVER, Mike. The social model of disability: Thirty years on. **Disability & Society**, v. 28, n. 7, p. 1024-1026, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2013.818773>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ORSINI, Michael; DAVIDSON, Joyce. Critical autism studies: Notes on an emerging field. In: **Worlds of autism: Across the spectrum of neurological difference**. Minneapolis: University of Minnesota Press, p. 1-28, 2013.

ORTEGA, Francisco. Comentário: “Por que não ambos?”. Negociando ideias sobre autismo na Itália, no Brasil e nos EUA. In: **Autismo em tradução: uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2019. p. 119-139.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 14, p. 67-77, 2009. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v14n1/a12v14n1.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, v. 14, p. 477-509, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela; RIOS, Clarice. The biopolitics of autism in Brazil. In: RUNSWICK-COLE, K.; MALLETT, R.; TIMIMI, S. (Orgs.). **Re-thinking autism: diagnosis, identity and equality**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2016. p. 67-89.

ORTIZ, Renato. Estudos culturais. **Tempo social**, v. 16, p. 119-127, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/C7ycvjMMTCRVFY99PTFrj3h/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PARSLOE, Sarah M. Discourses of disability, narratives of community: Reclaiming an autistic identity online. **Journal of Applied Communication Research**, v. 43, n. 3, p. 336-356, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00909882.2015.1052829>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PASEK, Anne. Errant bodies: Relational aesthetics, digital communication, and the autistic analogy. **Disability Studies Quarterly**, v. 35, n. 4, 2015. Disponível em: <https://dsq-sds.org/article/view/4656>. Acesso em: 27 jun. 2021.

PAVAN, Ricardo; ABREU, Tiago. A comunicação das diferenças: um mapeamento dos podcasts sobre o autismo no mundo. In: MAIA, Juarez Ferraz de; BORGES, Rosana Maria Ribeiro; FARIAS, Salvio Juliano Peixoto. (Org.). **Estudos Contemporâneos em Jornalismo**. 1ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2020, v. 8, p. 259-271. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/76/o/E-book_2020.pdf?1607086179. Acesso em: 7 dez. 2021.

PEREIRA, Anne Karolyne Mendes; SOUTO, Virgínia Tiradentes. A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres. **Anais do 9º CIDI e 9º CONGIC**, 1403–1411, 2019. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/9cidi/3.0294.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

PESSOA, Sônia Caldas; SALVINO, Matheus Henrique da Silva. Podcast, acessibilidade afetiva e inclusão: introvertendo movimentos sonoros e de afetação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 2, p. 66-76, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/68275>. Acesso em: 16 jan. 2022.

PINCHEVSKI, Amit; PETERS, John Durham. Autism and new media: Disability between technology and society. **New Media & Society**, v. 18, n. 11, p. 2507-2523, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444815594441>. Acesso em: 27 jun. 2021.

PINHEIRO, Elton Bruno Barbosa. Podcast e acessibilidade: apontamentos teóricos e metodológicos. **Revista GEMInIS**, v. 11, n. 2, p. 45-66, 2020. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/570>. Acesso em: 09 dez. 2021.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto: revista do mestrado da comunicação UFRGS**. Vol. 2, n. 12 (jul./dez. 2005), p. 1-23, 2005.

PRINCE, Barbara F. Podcasts: The potential and possibilities. **Teaching Sociology**, v. 48, n. 4, p. 269-271, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0092055X20959837>. Acesso em: 1 mai. 2022.

QUEIROZ, Artur de Medeiros. **Podcasts acessíveis sobre os aspectos educacionais e sociais da síndrome de berardinelli e síndrome de down**. 2021. 189f. Dissertação (Mestrado Profissional em Inovação em Tecnologias Educacionais) - Instituto Metrópole Digital, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

RAMOS, Raíssa Vieira Ribeiro. Comunicação e Saúde: as negociações de sentidos da alimentação “saudável” na contemporaneidade. In: **42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belém: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0164-1.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

REZENDE, Djaine Damiaty. Podcast: reinvenção da comunicação sonora. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

RIES, Igor Lucas. Grupos virtuais sobre autismo: aspectos culturais e as configurações comunicativas construídas por dispositivos interacionais. Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-2092-1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

RIES, Igor Lucas; LIMA, Bany Narondy Cabral. Mulheres neurodivergentes: conexões que enunciam vulnerabilidades e a luta por reconhecimento. Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_A82KO9BC2XO0U1YBWJPR_30_8681_26_02_2020_16_53_03.pdf. Acesso em: 4 dez. 2021.

RINGLAND, Kathryn E. “Autosome”: Fostering an Autistic Identity in an Online Minecraft Community for Youth with Autism. In: **International Conference on Information**. Springer, Cham, 2019. p. 132-143. Disponível em:

https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-15742-5_12. Acesso em: 27 jun. 2021.

RIOS, Clarice *et al.* Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, p. 325-336, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/jkNFyTCb3kGM7bxxYRpL37M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2021.

RIOS, Clarice. *Expert* em seu próprio filho, *expert* em seu próprio mundo - Reinventando a(s) expertise(s) sobre o autismo. In: **Autismo em tradução: Uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, p. 231-257, 2019.

ROSEN, Nicole E.; LORD, Catherine; VOLKMAR, Fred R. The diagnosis of autism: from kanner to DSM-III to DSM-5 and beyond. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 51, n. 12, p. 4253-4270, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-021-04904-1>. Acesso em: 17 abr. 2022.

RUNSWICK-COLE, Katherine; MALLETT, Rebecca; TIMIMI, Sami (org). **Re-thinking autism: Diagnosis, identity and equality**. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2016.

RUNSWICK-COLE, Katherine. 'Us' and 'them': the limits and possibilities of a 'politics of neurodiversity' in neoliberal times. **Disability & Society**, v. 29, n. 7, p. 1117-1129, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2014.910107>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SALVADOR, Larissa Royer. **A representação do autismo na mídia: os discursos produzidos**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/212655>. Acesso em: 5 dez. 2021.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf. Acesso em: 9 dez. 2021.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. **Revista de Sociologia e Política**, v. 26, p. 31-47, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/TPx77JGgGq9qBm4BSn6nW3F/>. Acesso em: 2 jan. 2022.

SASAYAMA, Daimei *et al.* Brief Report: Cumulative Incidence of Autism Spectrum Disorder Before School Entry in a Thoroughly Screened Population. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-020-04619-9>. Acesso em: 28 nov. 2021.

SCHMIDT, Carlo. Autismo, educação e transdisciplinaridade. Campinas: Papyrus Editora, 2014.

SCHREIER, Margrit. **Qualitative content analysis in practice**. Londres: Sage Publications, 2012.

SFEZ, Lucien. Informação, saber e comunicação. **INFORMARE: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-13, 1996. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/06/pdf_0ea6abe0e8_0017444.pdf. Acesso em: 2 dez. 2021.

SIGNATES, Luiz (org). **Epistemologia da comunicação**: reflexões metateóricas sobre o especificamente comunicacional. Goiânia: Cegraf, 2021.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 133-148, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24573/14150>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SILBERMAN, Steve. **Neurotribes**: The legacy of autism and the future of neurodiversity. Londres: Penguin, 2015.

SILVA, Alice dos Santos. **#Mulherespodcasters: uma análise da resistência feminista na podesfera brasileira**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14539/2/ALICE_SANTOS_SILVA.pdf. Acesso em: 7 dez. 2021.

SILVA, Davi Cavalcante Roque da. Medicalização e controle na educação: o autismo como analisador das práticas inclusivas. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: **Psicologia da Educação**. ISSN 2175-3520, n. 41, p. 109-117, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/27848>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVA, Sérgio Pinheiro da; SANTOS, Régis Salvarani dos. O que faz sucesso em podcast?. **Radiofonias–Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/index.php/radiofonias/article/view/4317/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SILVA, Wanessa Kesya Moreira Gonçalves da. **A influência da Teoria de Winnicott na clínica contemporânea com crianças autistas**. 2016. 45 f. Monografia (Especialização em Teoria Psicanalítica) – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016.

SIMMONS, William Paul; BOYNTON, Janyce; LANDMAN, Todd. Facilitated communication, neurodiversity, and human rights. **Human Rights Quarterly**, v. 43,

n. 1, p. 138-167, 2021. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/783996/summary>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SINCLAIR, Jim. Don't mourn for us. *Our voice*. Autism Network International, v. 1, n. 3, 1993.

SINGER, Judy. **Neurodiversity**: The birth of an idea. Amazon Digital Services, LLC: Judy Singer, 2017.

SMITH, Olivia; JONES, Sandra C. 'Coming Out'with Autism: Identity in People with an Asperger's Diagnosis After DSM-5. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 50, n. 2, p. 592-602, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-019-04294-5>. Acesso em: 1 jul. 2021.

STRAND, Lauren Rose. Charting Relations between Intersectionality Theory and the Neurodiversity Paradigm. **Disability Studies Quarterly**, v. 37, n. 2, 2017.

TAMANAHAN, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do autismo infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342008000300015&script=sci_arttext. Acesso em: 05 jul. 2021.

TAVARES, Janderson de Jesus *et al.* Filhos autistas e os fatores de insegurança da mãe quanto ao seu futuro. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 12736-12753, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/16831>. Acesso em: 20 jan. 2022.

THORNTON, Sarah. **Club cultures**: Music, media, and subcultural capital. Oxford: Polity Press, 2013.

TRENTO, Francisco B. Crip teleportation: the animal that therefore I am-or I am not. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 22, jul./dez. 2020, p. 91-104. Disponível em: <https://taju.uniarts.fi/handle/10024/7249>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TOPAL, Zehra *et al.* Social communication disorder: A narrative review on current insights. **Neuropsychiatric disease and treatment**, v. 14, p. 2039, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6095123/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

TUFTE, Thomas. Estudos de mídia na América Latina. **Comunicação & Sociedade**, n. 25, 1996. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/viewFile/8017/6735>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TYNAN, Belinda; COLBRAN, Stephen. Podcasting, student learning and expectations. In: **Proceedings ASCILITE 2006: 23rd Annual conference of the Australasian Society for computers in learning in tertiary education**. Sydney: Sydney University Press, 2006.

VAN ZANTEN, Rob; SOMOGYI, Simon; CURRO, Gina. Purpose and preference in educational podcasting. **British Journal of Educational Technology**, v. 43, n. 1, p. 130-138, 2012. Disponível em: <https://bera-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8535.2010.01153.x>. Acesso em: 22 out. 2021.

VARÃO, Rafiza. A teoria hipodérmica reconsiderada. Trabalho apresentado no NP Teorias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2152-1.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2021.

VASILOPOULOU, Eleni; NISBET, Joy. The quality of life of parents of children with autism spectrum disorder: A systematic review. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 23, p. 36-49, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1750946715300064>. Acesso em: 20 jan. 2022.

VOLKMAR, Fred R.; KLIN, Ami. Asperger's disorder and higher functioning autism: same or different?. In: International review of research in mental retardation. **Academic Press**, 2000. p. 83-110. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0074775000800075>. Acesso em: 5 dez. 2021.

VOLKMAR, Fred R.; WIESNER, Lisa A. **Autismo**: guia essencial para compreensão e tratamento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2018.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. São Paulo: ECA/USP, p. 88-107, 2018. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002906541.pdf>. Acesso em 6 dez. 2021.

WILLIAMS, Donna. **The Jumbled Jigsaw**: an insider's approach to the treatment of autistic spectrum 'Fruit Salads'. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **The long revolution**. Londres: Penguin Books, 1965. 367p.

WING, Lorna. Asperger's syndrome: a clinical account. **Psychological medicine**, v. 11, n. 1, p. 115-129, 1981. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/psychological-medicine/article/aspergers-syndrome-a-clinical-account/D32E7EB0D467FD05D1A51D267B1F4A72>. Acesso em: 3 dez. 2021.

WING, Lorna. The history of Asperger syndrome. In: **Asperger syndrome or high-functioning autism?**. Springer, Boston, MA, 1998. p. 11-28. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4615-5369-4_2. Acesso em: 5 dez. 2021.

WOODS, Richard *et al.* Redefining critical autism studies: A more inclusive interpretation. **Disability & Society**, v. 33, n. 6, p. 974-979, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09687599.2018.1454380>. Acesso em: 13 jul. 2021.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Apontamentos sobre os estudos culturais no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 4, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/SYYp5qDJr5CMKtJTb9mNNmf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

WUO, Andrea Soares. Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008-2016). **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 210-223, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2019.v28n3/210-223/pt>. Acesso em: 10 jan. 2022.

XAVIER, Monalisa Pontes; BATISTA, Ana Lúcia de Medeiros Batista. Dispositivos interacionais: atravessamentos e redefinições de fronteiras na sociedade em mídiatização. **Contracampo**, v. 35, n. 2, p. 73-86, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17573>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ZDENEK, Sean. Accessible podcasting: College students on the margins in the new media classroom. **Computers and Composition Online**, Texas, p. 1-21, 2009. Disponível em: http://www.cconlinejournal.org/Zdenek_Word_version_CConline.pdf. Acesso em: 5 dez. 2021.

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DE EPISÓDIO DO ABACAST

Começa agora o ABACast, o podcast sobre educação e análise do comportamento. Apresentação: Michelli Freitas. Um oferecimento do Instituto de Educação e Análise do Comportamento.

Michelli: Voltamos aqui a alguns conceitos referentes o autismo. Então, a gente tem o autismo e as condições relacionadas chamadas aí de TEA - Transtorno do Espectro Autista, não tem pessoas que não sabem que autismo é a mesma coisa que Transtorno do Espectro Autista? Sim, é, é a mesma coisa. Pra gente parece tão bobo, tão óbvio, porque a gente trabalha com isso o tempo todo, mas pra muita gente não é. Então, o que que é isso, né? São os transtornos que compartilham déficit significativos, aonde? Na interação social como a sua principal característica definidora. Então nós temos aí um grande déficit na interação social. Então esse déficit social que nós temos no autismo ele é bastante severo e a sua gravidade e o seu início precoce eles levam a problemas também na aprendizagem, na adaptação do indivíduo no ambiente. Então, por isso que muitas vezes a gente vê muitas crianças autistas com problemas de comportamento, mesmo autismo no nível 1 que as pessoas gostam de chamar de leve, que nem existe mais essa classificação “leve”, “severa” e “moderado”, não existe isso mais. É nível 1, nível 2 e nível 3. Então mesmo autista [corte], pessoas, né, chamam popularmente de “leve”, o autismo não tem nada de leve. O autismo é sim um atraso no desenvolvimento grande. Só que ele afeta as pessoas de diferentes formas em diferentes níveis. Definido como tipos de comportamento, o autismo ele é o Transtorno do Espectro Autista, ele é uma condição de espectro que afeta os indivíduos de forma diferente e em diferentes níveis. É o que eu acabei de falar pra vocês né? Então nós temos aí esse conceito da Associação de Autismo da América. O outro conceito que eu trouxe vocês foi de quem? Do Volkmar e do Weisner, tá? 2019. Então esses conceitos aqui não estão saindo da minha cabecinha, estão saindo da literatura. É um transtorno complexo do desenvolvimento que envolve atrasos e comprometimentos nas áreas de interação social e linguagem, incluindo uma ampla gama de sintomas emocionais, cognitivos, motores e sociais. Então nós vamos ver o autismo afetar todas essas áreas, afetar o cognitivo, afetar a parte emocional, afetar a parte motora, afetar a parte sensorial. Por isso que a gente precisa entender sobre desenvolvimento infantil que está

ligado, está vendo? Aquilo que eu sempre falei desde o dia 1, as coisas estão conectadas. Alguns termos sinônimos aí, Transtorno Autista, autismo na infância, autismo infantil, Transtorno do Espectro Autista, autismo. Então todos termos sinônimos para falar do autismo.

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DE EPISÓDIO DO ASPIEGIRL

Olá. Hoje nós vamos falar um pouco sobre autismo. Então... mulheres autistas, eu vou falar sobre a questão das mulheres, OK? Porque é o meu, é o... é o... o meu local onde eu me sinto confortável pra falar porque eu sou mulher e sou autista. Então é onde eu me sinto confortável pra falar. As mulheres autistas são retraídas, tendem a ser mais passivas nas relações sociais, tendem a ser mais comportadas, tendem a ser mais deprimidas, procuram não se envolver tanto em situações que vivenciam; tendem a ser aficionadas em temas específicos, mas que não estão ligados à tecnologia ou aos ramos das exatas; tendem a se esforçar mais pra se adequarem aos padrões; tendem a ser menos isoladas que os meninos e inclusive um estudo feito no Reino Unido indica que 23% das mulheres hospitalizadas com quadro de anorexia se encaixavam nos critérios diagnósticos pra Transtorno do Espectro Autista. Então assim, tendo isso em vista, a questão maior é que nós mulheres camuflamos os sinais característicos. Nós... é... temos uma... uma nuance em função da tal camuflagem, né? Esse comportamento de se camuflar, né? é... essa questão de poder disfarçar em alguns momentos os sintomas. Por isso que muitas de nós conseguimos estabelecer uma vida relativamente normal, seja no trabalho, nos estudos, na vida pessoal. Porém é um quadro de estresse, exaustão física e ansiedade extrema. Tá? E realmente... Hã... isso é bem complicado de lidar, tá? A gente... sof... eu tenho, sofro de ansiedade, tomo... tomo remédios, tomo antidepressivo, é..., tomo remédio pra ansiedade né? Então é complicado resolver essa situação assim porque tem essa questão também do hiperfoco que às vezes me deixa ansiosa. O meu hiperfoco me causa ansiedade muitas vezes. E aí complica mais ainda, né? Porque agora o meu hiperfoco está sendo a faculdade. E aí ele me cau... isso me causa uma... me gera uma ansiedade tão grande porque eu quero tentar fazer as coisas o melhor que eu posso e nem sempre eu consigo, entende? E nem sempre dá certo. E eu me esforço muito pra... pra me adequar aos padrões. Então é aquela coisa de eu ficar me esforçando pra tar no padrão, pra tar no padrão, e... e de não ser uma pessoa totalmente isolada, me forço a não ser uma pessoa totalmente isolada, mas isso me estressa muito mais do que se eu simplesmente me isolasse. Porque daí começam a vir as cobranças sociais, as cobranças das pessoas que eu que eu me aproximo e que, digamos assim, elas querem atenção e eu não consigo dar essa atenção pra elas porque eu... porque eu

tenho que dar atenção pra mim, pras minhas urgências. E aí chega um momento que eu explodo, chega um momento que daí vem o tal do meltdown, vem, né, a crise, então é... por conta dessa necessidade tenho, às vezes, de de dizer: “não, eu dou conta de tudo, eu vou dar conta de de fazer isso, de fazer aquilo e daqu... e daquilo outro”, e quando chega na hora, como as pessoas costumam falar, quando chega na hora do vamos ver, eu simplesmente entro em pânico, eu simplesmente me deprimi, entende? É... e entro numa situação de total... de total, assim, pânico mesmo, pavor, sabe? Olha, eu vou dar um exemplo... um exemplo. Eu postei meu currículo, coloquei meu currículo lá no na Defensoria Pública. Aí meu currículo foi chamado. O meu e mais seis. Aí eu fui pra entrevista. Aí beleza. Estava super empolgada. Aí o que aconteceu? Estava super empolgada pra essa entrevista. Fiz a entrevista, fiquei bem nervosa, tá? Eu fiz uma... uma... várias anotações um dia antes, anotei num papel várias... várias possíveis falas que eu poderia, né, utilizar em possíveis diálogos, em possíveis perguntas. Fiz toda uma análise, fiz toda uma pesquisa assim de... de perguntas que podem ser feitas em entrevistas e o que que eu poderia responder e como seria a melhor forma de me... de me portar e etc etc, todo um todo um aparato que eu... que eu disponibilizei pra mim mesma, né? Estudando um dia antes na entrevista pra me preparar, pra me sentir preparada pra... pra esse momento. No fim das contas, quando eu saí da entrevista, eu estava assim nervosa. Ao invés de estar me sentindo aliviada, eu estava nervosa pensando: “se eu passar nessa entrevista, eu vou ter que aprender a andar de ônibus em Porto Alegre, eu vou ter que aprender a andar de ônibus e ir até lá, e ir até o meu trabalho, será que eu vou conseguir andar no centro de Porto Alegre, andar por ali, andar de pegar um ônibus e andar por ali?”. E começou isso a me dar um nervosismo, um nervosismo, um nervosismo e esse ficou ali, fiquei ali focada naquilo, sabe? Naquela, naquele pavor, tive até que tomar um Rivotril. Aí no fim... bom, não passei na entrevista porque outro rapaz estava um semestre acima do meu, né? Explicaram isso, né, que foi porque o outro rapaz estava um semestre acima, então ele foi escolhido. E me deu um alívio aquilo porque eu fiquei pensando: “meu Deus, eu ia... eu eu tenho prova, eu tenho um monte de coisa pra fazer da faculdade, eu não ia conseguir mais dar conta de tudo”. Mas entende que eu tentei fugir do... fugir do... do usual que por exemplo... é... Não sei se eu estou conseguindo ser clara. Mas assim, eu me deprimi, eu me... eu me deprimi por

coisas que acontecem na minha vida, eu vivo elas com muito mais intensidade. Eu vivo elas com um nervosismo... ao mesmo tempo que... ao mesmo tempo que eu quero vivenciar as coisas, eu não quero vivenciar elas. Porque elas me causam... me dão medo, elas me dão muito medo, eu me apavoro muito facilmente. Então isso é uma coisa que eu noto bastante em mim enquanto autista, esse medo das novas experiências. Mas ao mesmo tempo eu tento, me esforço, pra ir até essas novas experiências. Então isso... isso é o complicado. Eu me esforço pra ir até as novas experiências, mas quando chega na hora de realmente vivenciá-las, eu fico com medo. E nesse caso eu não recuei, mas sim, não tive opção. Mas talvez eu recuasse. Talvez eu não... eu não... eu não me sentisse apta pra dar conta dessa situação. Então eu não sei dizer se eu iria recuar. Talvez por medo. Sabe? Hã... Então essa questão do autismo em mulheres tem essas nuances em função dessa... dessa camuflagem, né, que é um detalhe esse... esse comportamento de que se camuflar, né? Então a gente consegue disfarçar em alguns momentos os sintomas, né, e por isso muitas vezes conseguimos estabelecer uma vida relativamente normal, seja no trabalho, nos estudos e na vida pessoal, entre tantos quadros de estresse são acentuados, né? Exaustão física, ansiedade extrema, né? Então tem tudo isso. E bom gente, é isso que eu gostaria de comentar com vocês, tá? É isso que eu gostaria de comentar por hoje. Até um próximo episódio. Tchau.

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DE EPISÓDIO DO AUTISMOCAST

O outro erro também muito comum, que eu já tinha falado anteriormente, é esperar o tempo da criança. “Ah então ele está com atraso na fala ou então ele já está falando algumas palavras mas não se comunica ainda ou então ele interage muito pouco, mas eu vou esperar porque ele vai ter o tempo dele e não precisa fazer nada, não precisa de avaliação, não precisa de intervenção”. E sendo bem sincera, pela minha experiência. Eu atuo com autismo praticamente há quase 6 anos. Então, desde que eu comecei a trabalhar, estudar autismo, eu foquei somente em autismo, só trabalho com autismo. Quem perde somente é a criança. E isso eu falo de coração. Assim, não tenho medo nenhum, assim, porque realmente, só quem perde é a criança. Eu sei que muitos pais sofrem, ficam angustiados, ansiosos, ficam negando, ficam com medo. Ah, mas será que é mesmo? Acho que não é. Mas, gente, mesmo que não seja, se a criança já tem o atraso, já tem um déficit na comunicação e na socialização já é um motivo mais do que suficiente pra vocês procurarem ajuda pra [interrupção].

Boa noite pessoal, então sejam muito bem vindos, seja muito bem-vinda pro Chá Comigo. Nesta aula vocês além de tomarem o chá comigo, né, eu vou ensinar como que os pais podem ajudar os seus filhos autistas a se comunicarem, tá bom? Eu sou a Carla Ulliane e hoje a gente vai conversar sobre sinais do autismo. Antes de iniciar essa parte mesmo dos sinais, as características, né, os critérios diagnósticos, eu vou falar aqui de uma forma resumida, o que seria o autismo, né? É uma condição neurológica ou neurobiológica, e é uma forma diferente do cérebro... cérebro funcionar. É... eu costumo dizer que é uma configuração diferente, né? Você pensa num computador, é a forma que... o (inaudível) aqui entende mais do que eu nesta parte da... do processador, a forma como vai processar as informações é diferente do cérebro como a gente chama das pessoas neurotípicas ou típicas, está bom? Então eu sempre sugiro que... é... acho que não sei se dá pra ver... a leitura desse livro, O Cérebro Autista, que dá pra entender bastante sobre como é o funcionamento do cérebro do autista, tem muitas pesquisas interessantes escrito por uma própria... pela... por uma autista também, né, adulta, então é bem legal pra

vocês entenderem. Então o autismo não é uma doença, por isso que a gente não fala em cura, tá? A gente não fala em cura em autismo porque não é uma doença, certo? É uma forma diferente do cérebro funcionar. Está bom? E é... não vou me adentrar muito nessa parte porque eu já vou pra parte dos critérios de diagnósticos ou as características, né, os sinais, como vocês conhecem. Pra que se feche um diagnóstico de autismo seja na infância, na juventude, na vida adulta, não importa, precisa preencher dois critério... É preciso preencher critérios diagnósticos importantes. O primeiro é o déficit na comunicação social e o segundo é a presença de comportamentos, interesses restritos e repetitivos. Está bom? O primeiro tópico, né, como eu falei déficit na comunicação social, anteriormente era separado. Hoje eles colocaram juntos porque a comunicação e a socialização ou a comunicação e interação social andam muito juntas, né? Então por isso que eles colocaram em um único critério, acredito que pra facilitar também. Está bom? Então a gente vai começar falando sobre o déficit na comunicação social. Antes de mais nada, eu vou falar aqui brevemente o que que a gente espera no... na aquisição de linguagem da criança, tá bom? É porque eu vejo que muitos pais às vezes é o primeiro filho, a primeira filha e ficam um pouco perdidos ou perdidas, né, sem saber é... como agir e o que esperar de cada faixa etária. Uma criança, né, como a gente fala com desenvolvimento típico, né, um desenvolvimento de linguagem esperado para a idade, as primeiras palavras surgem por volta de um ano de idade. Às vezes aparecem antes, tá? Às vezes com 10, 11 meses, palavras como... palavras quando digo assim, não são muitas palavras, vou falar isso mais adiante, palavras como “papa”, “mama” ou “aua”, algumas palavras com funcionalidade para se referir ao pai, a mãe, a água, a avó, “bobó”, alguma coisa que seja do interesse dela, certo? Então normalmente essa... essas primeiras palavras aparecem por volta de um ano. Pode acontecer de aparecer antes, certo? E aí por volta de 18 meses, né? Ou um ano e meio, é... a criança ela já fala em torno de vinte palavras, dependendo da criança entre vinte, trinta palavrinhas, certo? E com dois anos de idade a criança ela tem um boom muito grande no vocabulário. Então ela já fala frases com duas, três palavras. Né? Tem criança que até com quatro (risos). É... e que falam entre duzentas, entre duzentas e trezentas palavras. E aí você pode pensar: “ah Carla, mas isso é muito. Uma criança de dois anos falar duzentas palavras”. Mas se você for parar pra pensar, desde que eu comecei a falar aqui tem o quê? Tem menos de

cinco minutos e eu já falei quantas palavras, né? Porque a gente não para pra contar, né? E a criança, à medida que ela vai crescendo, ela... e vocês vão apresentando o mundo pra ela, né? Que ela vai conhecendo o nome das coisas, dos brinquedos, das letras, dos animais, das cores, tudo isso na palavra, tudo isso é vocabulário, está bom?

Então a criança ela vai... a gente espera que ela aumente esse... esse vocabulário cada vez mais. E aí é o que acontece, eu percebo, né, que alguns pais cometem o erro... e... eu vou falar disso também mais adiante e até alguns pediatras, né? Muitas vezes pedem pra esperar, né? Ah, deixa ele esperar ele completar dois anos e meio... vou falar mais sobre isso mais adiante e isso é péssimo porque atrasa bastante e a questão do tratamento da criança, tá bom? Então isso é de forma resumida. Então algumas crianças, né, autistas apresentam esse atraso na fala. Eu percebo que muitos pais eles falam comigo lá no Instagram ou até quando vem pra marcar... querem marcar consulta é sempre com essa queixa: “ah, meu filho tem dois anos e não fala... será que ele é autista?”. Então... eu percebo que, claro que isso não vai ser uma regra geral pra todos os pais, mas eu percebo que pelo menos os que entram em contato comigo o que chama atenção, o sinal de alerta, é esse atraso da fala. Então a criança com dois anos e não fala, estão com dois anos e alguns meses e não fala nada e aí os pais começam a ligar tipo... a... o sinal de alerta, né? “Ah, tem uma coisa diferente. Vamos investigar”. Certo? É... e também tem além desse atraso na fala que pode ocorrer ou não, já já eu sobre isso, há também um prejuízo em habilidades que a gente chama habilidades pré-linguísticas, certo? Que habilidades são essas? O contato visual, muitas vezes é um contato visual pobre, está bom? É... uma... a criança não tem atenção compartilhada, ou seja, ela não compartilha com outra pessoa um objeto de interesse, um desenho que ela assiste, um animal que ela viu passar na rua. Então crianças com essa idade, né, como eu falei, criança com um ano de idade, ela já consegue compartilhar, ela já aponta pra mostrar, ela aponta, olha pro adulto e dá aquele sorriso, então aponta e mostra o que ela está fazendo, o que ela está vendo no livro, então é uma habilidade também pra linguística importante e que apresenta déficit no autismo. A linguagem não verbal também... depois os pais começam a observar: “é, realmente, ele... ele não aponta ainda, ele me puxa pela mão, né, pra levar até o objeto que deseja”. E

quando chega próximo levanta as mãos pra que o adulto coloca a criança no braço ou então fica puxando o braço do adulto pra baixo pra que ele... é... pegue o objeto, às vezes olha, então realmente aquela função mais instrumental, né? Utiliza o adulto como instrumento, né, como uma ferramenta. A partir do momento que chega próximo do objeto que consegue... é... é... pegar esse objeto, a criança já não interage mais, não compartilha mais com o adulto, não chama pra brincar, não mostra o que está fazendo. Então isso também é importante a gente observar. Então a criança que tem pobre contato visual... é... e lembrando que esse contato visual, foi bom ter lembrado disso porque eu estava... estava conversando com... até com uma aluna minha ontem. Então ela falou assim, Carla... é... os meus filhos, eles... eles olham pra mim, olham pro pai, mas quando são outras pessoas eles não olham, eles realmente têm muita dificuldade e não é questão de não fixar, é realmente não olhar. Então isso também é um sinal importante, né? Às vezes a criança até olha pros pais, pras pessoas mais próximas, que tem mais vínculo, mas com outras pessoas e eu digo outras pessoas incluindo adultos e crianças, tá? Crianças da mesma idade, crianças mais velhas, às vezes o contato visual não é... é... é um pobre contato visual, né? Como... como eu falei anteriormente. Então prestar atenção nisso, na questão do contato visual, é... da atenção compartilhada, da... da imitação também que é uma habilidade muito importante. Então a criança ela não imita, por exemplo você faz, canta uma música pra ela, a criança ela tem muita dificuldade de fazer imitação motora, né? Bater a palma, bater o pé, fazer coreografias, é... coreografias simples ou até mesmo durante uma brincadeira, você fez uma coisa e a criança te imitar... é... espontaneamente, é aquela criança que precisa que você sempre dê o suporte físico, de você mostrar pra ela como é que imita porque senão ela fica perdida. Isso também envolve a questão da imitação verbal, né? De por exemplo, ela não conseguir imitar alguns sons. Você está brincando com os animais, por exemplo, e você começa a fazer o som dos animais. O “au au”, “miau”, o “bé”. E a criança ela não consegue... é... te imitar. Ela o... ela nem olha pra você, olha muito pouco, olha e não fixa, né? E não consegue imitar esses sons, né, que é eu falei anteriormente da imitação motora e agora da imitação verbal. Então a imitação ela é muito importante... é... as pessoas me perguntam: “Ah, imitação é importante pra fala?”. Sim, mas não é somente pra fala. A imitação ela é importante para o aprendizado de várias habilidades porque nós somos seres

sociais. Nós estamos o tempo todo observando as pessoas... é... eu costumo trazer esse exemplo porque foi uma autista adulta que compartilhou uma vez no Instagram, achei interessante. Ela disse assim que quando ela recebeu o diagnóstico ela tinha o quê? 27 anos, 26 pra 27, ela tinha muita dificuldade quando ela chegava, por exemplo, em um ambiente novo, que tivesse... que tinham muitas pessoas reunidas e que ela precisava, tipo, ter um meio com um protocolo de saber o que fazer. E ela ficava perdida, porque ela não sabia o que fazer primeiro, onde buscava, dava um exemplo de um restaurante, ela chegava num restaurante e aí ela ficava meio que perdida, sem saber pra onde ir ou onde pegar comida, onde pegar os talheres, onde pagar e ela não tinha muito isso de observar as outras pessoas e imitar e seguir as outras pessoas pra fazer junto, né? Pra ver onde é que elas estavam, é..., buscando os objetos, né? Realizando o pagamento. Então, é uma coisa que para a gente pode ser simples, né, pra nós, neurotípicos pra ela era muito difícil, ela... era muita informação, era um estímulo, era um ambiente com muitos... muitos estímulos, né, visuais, auditivos, sensoriais também, táteis. Sensoriais não, que os outros também são sensoriais. Táteis e isso... é... acabava dificultando, ela meio que não conseguia saber... é... o que fazer, qual o primeiro passo e também tinha essa dificuldade na imitação. Então esse foi um exemplo aqui já na vida adulta. Porque eu já tinha falado do exemplo da... da criança na brincadeira mesmo. Por exemplo, crianças que você está lá brincando com ela e aí você pede pra realizar alguma ação na brincadeira. “Ah vamos dar banho no... no bichinho. Dá um banho no cachorro”. E aí a criança não consegue. Ou então você está cantando a música e faz um som diferente com a boca e ela não... não... não imita. É importante estar atento a isso também. Certo? Então são habilidades pré-linguísticas que são muito importantes que você precisa observar. Porque às vezes os pais ou até mesmo os professores por não terem conhecimento, né, sobre aquisição de linguagem, sobre o desenvolvimento infantil como um todo também, ficam assim um pouco perdidos, né, sem saber o que esperar pra cada faixa etária, né, e acaba que essas coisas acabam passando despercebido. Por exemplo, a atenção compartilhada é um exemplo, né, que os pais depois que recebem diagnóstico de autismo, é que eles pais começam a observar: “nossa, é mesmo, ele não me chamava pra brincar, ele não mostrava o que ele estava brincando, não apontava pros livros, não mostrava o desenho, não tinha essa triangulação mesmo do olhar,

de olhar pra mim, sorrir, olhar pro... pro... pro objeto, por exemplo, e mostrar e ter essa troca, né?”. É... então isso é muito importante, certo? E é uma outra coisa também que eu coloquei aqui, quando eu falei de déficit na comunicação social é a dificuldade na interação social, certo?

É...lembrando que a gente interage com adultos, com pessoas da mesma idade, né, é... e falando de crianças elas vão interagir tanto com crianças da mesma idade como crianças mais velhas ou adultos. Isso é muito importante porque muitas vezes os pais e alguns profissionais ficam muito presos assim: “ah, mas ele interage”. Certo, como é a interação dele com crianças da mesma idade? “Ah, ele prefere brincar com adultos, ele prefere brincar com crianças mais velhas”. Não tem problema, isso é interação também, certo? Só que é importante a gente entender e avaliar como é a interação com as crianças da mesma idade ou como é... alguns falam com seus pais, né? Quando você fala: “ah, seus pais” porque são crianças da mesma idade. Por quê? Porque assim a gente consegue avaliar a competência social, competência linguística porque a gente espera, certo, pensando agora na aquisição da linguagem. Dentro de um desenvolvimento que a gente chama típico ou desenvolvimento esperado, existem etapas de aquisição da linguagem. Então, a gente espera que crianças de dois anos, elas estejam na mesma etapa ou parecida. Por que que eu digo parecida? Porque lembra que eu falei anteriormente de que as primeiras palavras aparecem com um ano? Tem crianças que falam um pouquinho antes. Tem umas crianças que falam um pouquinho depois, às vezes um mês, um ano e um mês, um ano e dois meses. Eu costumo brincar que é o chamado desvio padrão. O que eu não concordo é de você ficar tipo, a criança está seis meses, quatro, seis meses de atraso e você: “ah, eu vou esperar mais seis meses, vou esperar mais quatro meses”, entende? Então, é importante a gente entender o que é esperado pra cada faixa... faixa etária pra gente poder também se basear. Então a gente espera algo. Uma criança com dois anos... é... o que que a gente espera dela? Ah ela dá oi, né? Dá tchau, ela chama pra brincar. A partir de um ano e meio a criança já começa a brincar um pouco é... também de é... de um brincar mais simbólico, colocar uma boneca pra dormir, dar comida, dar banho, às vezes até antes de um ano e meio, tá? Eu já tive paciente que antes de um ano e meio já fazia isso porque os pais estimulavam muito. Então, o que que acontece? Aí você tem

duas crianças na mesma faixa etária. Certo? Vou colocar aqui o exemplo de dois anos. E aí na hora da interação o seu filho que ainda não fala e que tem uma dificuldade na socialização, quando você coloca ele junto com outra criança de dois anos, pode acontecer... podem acontecer várias coisas, né? Mas eu vou dar aqui dois exemplos. Ou o seu filho vai ficar um pouco sem saber como fazer, como conduzir a brincadeira porque ele consegue se comunicar muitas vezes não só por meio da fala, mas nem por gestos, nem por comunicação alternativa, nem forma nenhuma. E a outra criança também pode se irritar um pouco, pode ficar desinteressada. Porque: “ah, mas ele não fala. Então eu chamo pra brincar e ele não se interessa pela brincadeira”. Ele... enfim, não tem essa comunicativa, entende? E aí as crianças acabam não interagindo. É... eu vou dar um exemplo agora, só que esse exemplo é de uma criança que já tem um diagnóstico de autismo, só pra vocês entenderem isso de competência linguística, social, pensando com a... é... interação com os pais. É... essa é... essa história é bem legal. É uma criança de 3 anos e pouco e a mãe foi brincar com ele no parquinho e ele estava brincando com outras crianças. Crianças tanto da mesma idade que ele como crianças de idades assim próximas. E aí as crianças começaram a brincar no parquinho... parquinho, né, de escorrega, balanço, atividades motoras. Não... não eram brincadeiras que tinham regras bem definidas e tinha aquela coisa do faz de conta, era uma brincadeira mais motora, né, de escorrega, balanço e aí uma criança fala assim: “ah, vamos brincar de jacaré”. E aí ele começou a brincar com essas crianças. Aí ele: “ah, vamos brincar de jacaré”. Aí está certo, aí: “ah, vamos brincar de jacaré”. Ele já falava bastante até, já estava falando muito e aí as crianças começaram a brincar de pular de uma poça pra outra. Começou a brincar de pular de uma força pra outra e falou: “ah, o jacaré! Cuidado com o jacaré. Cuidado que o jacaré vai te pegar” e tal. Então eles estavam brincando de faz de conta. Eles estavam imaginando que tinha um jacaré ali. Essa criança ela ainda estava numa fase... ele... ele estava numa fase bem concreta né? Tipo, bem literal. Então pra ele pra ter um jacaré de fato teria que ter o jacaré ali. Como não tinha, a brincadeira não estava muito interessante, não fazia muito sentido pra ele. Porque era aquela coisa, né, ele ainda não estava nesse nível de... de brincar e de pensamento mesmo, de pensamento mais abstrato, de você conseguir imaginar. E aí ele saiu da brincadeira frustrado. E aí chegou pra mãe todo cabisbaixo e não falou nada. E ela falou assim: “o que foi filho?”. Aí ele

ficou lá todo assim desanimado, né, triste. Ela disse: “por que você não vai brincar com seus amigos?”. Aí ele fez: “não tem jacaré”. Então veja, por isso que é importante a gente avaliar as crianças a partir dessa perspectiva, né? Não só a interação com crianças mais velhas ou com adultos, mas como é a interação do seu filho, da sua filha, com as crianças da mesma idade. Porque aí a gente consegue observar como é que está o brincar, em que nível do brincar o seu filho está, ver a questão do da linguagem mesmo, né, o atraso de linguagem. Por exemplo: ah, o seu filho tem dois anos mas a linguagem dele ali é uma criança de um ano ainda. Como é que está a questão motora dele e tantas outras habilidades que são importantes. Por isso que a gente tem que é... ter mais esse cuidado. Porque às vezes os pais deixam isso passar é... despercebido, né? É... deixa eu ver outra coisa que eu coloquei aqui importante. A dificuldade em iniciar e manter. Eu também acho importante a gente falar sobre isso porque eu também recebo muito essa... essa... essa queixa, né? “Ah Carla, mas ele interage”. Eu: “certo, e como é que ele interage?”. “Ah, ele chama as crianças pra brincar, ele puxa, pega pela mão, ele leva, ele mostra a bola”. Eu pergunto: “certo, mas ele consegue sustentar essa interação? Se sim, por quanto tempo? Cinco minutos, dez, quinze minutos?”. E o que é sustentar? É... vamos imaginar que você encontrou uma amiga, um amigo seu no shopping, em algum evento, em algum local. E aí você encontrou essa amiga, está bom? Uma coisa é você passar por essa amiga e falar: “oi!”. Ela: “oi”, ou então: “oi, tudo bem?”. E ela responder: “eu também, e você?”. E aí cada um segue. Vocês iniciaram uma interação, né, de modo espontâneo, cumprimentaram uma a outra e depois vocês seguiram o caminho. Está bom? Uma outra coisa é você encontrar um amigo ou uma amiga e aí você parar e você começar a dialogar, você ter trocas, né, de turnos com essa pessoa. A pessoa fala, você responde, você pergunta, ela te responde. E vocês começam a conversar. E vocês começam a ter essa troca. E a interação ela se mantém por mais tempo. Sabe? Então é importante vocês observarem isso. Tem crianças autistas que conseguem iniciar, mas tem muita dificuldade em sustentar, porque elas ainda não tem... exige dela uma demanda muito grande tanto de habilidades sociais como comunicativas que ela ainda não dá conta. Certo? É... então fica difícil. Já tem outros que eu conheço muitos autistas adultos que falam assim pra mim: “Carla, eu não consigo iniciar. Eu não sei chegar e dar um oi”. Então pra gente que é neurotípico: nossa, deve ser super simples, né?

“Oi!”. “Oi, tudo bem?”. Mas pra alguns autistas, né, é..., por isso que eu digo alguns, porque não são todos. Pra alguns autistas é muito difícil ter essa in... é... poder iniciar essa interação. Falar “oi, oi, tudo bem”. E aí quando outra pessoa responde, eles até conseguem sustentar um pouco mais principalmente se o assunto for do interesse deles. Né? É... não quer dizer que eles não possam falar de outros assuntos que não sejam dos interesses. Eles podem e conseguem. É... mas normalmente quando é do hiperfoco deles ficam mais empolgados, ficam mais felizes, está bom? Então é importante a gente observar isso também, tanto com crianças da mesma idade, com crianças mais velhas e com adultos. Seu filho ou filha tem iniciativa comunicativa? Ela procura o outro? Ela cumprimenta ou chama pra brincar? Como é que ela chama? E quando ela chama, ela fica com você ou ela pega o brinquedo de você e sai, te deixa brincando sozinho? Ou te der as costas e vai brincar sozinho? Entende? Então são essas coisas, essas nuances, que a gente precisa ficar atento. Né? A gente precisa observar esses detalhes da interação.

Porque eu sempre costumo dizer assim que pra nós né que somos neurotípicos é algo mais espontâneo. Tipo dizer oi, dizer bom dia, boa noite, boa tarde, é... tchau, perguntar como é que você está e coisas do tipo. Ou até mesmo é... saber o que perguntar pra pessoa, né? Porque envolve muitas questões, envolve saber o nível de intimidade que você tem com essa pessoa, pra você saber qual profundidade de assunto você vai ter com ela, se é uma pessoa que não é tão próxima assim, é uma colega de trabalho, uma pessoa que você vê esporadicamente, você não vai entrar em assuntos mais, é... espontâneo não, desculpa. Assuntos mais pessoais ou assuntos mais profundos, né? Que é o... exige uma carga emocional maior. Então tudo isso precisa ser é... ser dosado. Então quando é... as crianças autistas elas ainda são muito pequenas e não tem habilidades sociais e comunicativas, elas muitas vezes não tem... é... recursos mesmo linguísticos e é... linguísticos, quando digo linguísticos, é vocabulário e frases e também emocionais, né, de poder falar sobre o que elas estão sentindo e também conversar sobre o que o outro está sentindo. Então é importante a gente entender esses detalhes que às vezes passam meio que despercebido. Está bom?

E agora falando sobre a parte dos comportamentos restritos e repetitivos, né? Só pra ampliar, né, eu gosto de falar que são os comportamentos, interesses ou atividades restritas e repetitivas. Está bom? Que é um outro critério diagnóstico para o autismo. É... Eu percebo também que alguns seguidores e alguns alunos meus eles falam assim pra mim: “ah Carla, mas o meu filho ele só preenche o critério um que é o déficit na comunicação social. Ele tem sim uma dificuldade na interação, uma dificuldade na socialização (desculpe, interação e socialização são a mesma coisa), na comunicação e na interação, mas eu não observo comportamentos e interesses inscritos e repetitivos”. Aí eu pergunto pra pessoa começar a falar mais sobre, né? “Não, é porque ele não faz o flapping”, né, que é o famoso flapping que é balançar os braços. Ah porque ele não faz o flapping ou então... que são os stims, né? Eu falo stims porque observo que a maioria dos autistas preferem stims. Mas na linguagem que vocês conhecem eu acredito que é... é por estereotípias. Mas são a mesma coisa. É... então eu percebo assim que vocês ficam muito presos a observar aqueles stims que são mais conhecidos, como flapping, o balançar de tronco, o girar em torno do próprio eixo. E às vezes a criança faz alguns stims e vocês não percebem. Porque vocês não sabem que aquilo é um movimento repetitivo. Já aconteceu isso com uma aluna minha. Ela falou assim: “mas ele não tem comportamento, atividades interesses restritos e repetitivos”. E aí quando ela começou a descrever, né, a..., os comportamentos dele, eu falei: “ó, mas você já observou que isso e isso e aquilo...”. Ele já tinha um laudo e tal, só que ela ainda tava assim, como posso dizer, questionando e na dúvida mesmo se de fato era. E aí eu falei pra ela: “Você já observou isso aqui, isso aqui e tal?”. Ele tem realmente os interesses bem restritos, ele brinca sempre do mesmo jeito, ele guarda os brinquedos sempre no mesmo lugar, do mesmo jeito, ele tem um ritual pra brincar. Enfim, são várias coisas, certo? E aí eu coloquei aqui pra gente conversar sobre ecolalia, que é a repetição de sons, de palavras, que pode ser tanto imediata como tardia. Às vezes acontece de ser uma mistura dos dois também. Pra criança juntar alguns trechos da sua fala no momento que você fala e também de trechos de filmes, desenhos, vinhetas que ela gosta, então pode acontecer também dessa forma. Então é aquela coisa você pergunta assim: “você quer suco?”. Aí a criança responde “suco” ou então “você quer suco?” que isso é o que a gente chama de ecolalia imediata, né? Eco vem de repetição, lalia fala. Então repetição da fala, uma

repetição imediata. Mas também pode ser uma repetição tardia. Como eu falei, né, de é... trechos de desenhos, de filmes que ele gosta muito. E ele pode repetir essas falas às vezes dentro de um contexto que você fez uma pergunta, ele utilizou esse recorte, né, da fala desse personagem preferido pra poder te responder. Às vezes nem sempre é com intenção comunicativa. Pode ser no sentido mesmo pra se regular. Até porque entra os stims, né, são os comportamentos restritos repetitivos ajudam muito na autorregulação do autista. Então na autorregulação... é, autorregulação deles.

Então é...vou falar mais disso sobre mais adiante na parte sensorial. Então as ecolalias também ajudam pra que eles se acalmem, pra que eles se regulem. Está bom? Então ecolalia ela não é exclusiva, né, do autismo, outras condições também apresentam ecolalias, mas é... mas é bem bem comum, é uma característica bem peculiar da linguagem do autista, a ecolalia, certo? E aí é bom observarem porque às vezes os pais falam assim: “ah, mas ele fala”. Certo é... que eu... que eu que... queria falar sobre isso também, né? Que é aquela coisa: a criança ela até fala no tempo esperado, né, como eu falei anteriormente as vezes ela não tem um atraso. ela até fala do tempo esperado. Mas assim, essa fala ainda não é como a intenção de se comunicar com o outro, né? Não é pra responder o outro, pra fazer perguntas, pra fazer protestos, é... fazer comentários. Então muitas vezes acontece isso também, da criança ela não ter o atraso de fala e ela começar a se comunicar com você por meio da ecolalia. As vezes dentro de um contexto, às vezes não. Certo? Por isso a importância da gente é... ampliar a ecolalia, né, de validar e de ampliá-la também, pra que cada vez mais a criança amplie o repertório dela linguístico pra que ela cada vez mais consiga falar frases maiores. E aí com o tempo a... a ecolalia pode diminuir. É... muitas pessoas falam assim: “ah, como acabar com a ecolalia, como diminuir a ecolalia?”. É...eu conheço alguns autistas adultos e eles ainda fazem a ecolalia. Alguns mais, outros menos, muitos utilizam pra se acalmar. É...outras vezes usam mesmo dentro do diálogo, dentro de um contexto. Eu acredito que o foco é em você ampliar, você validar e você ampliar pra você ensinar novas palavras pra... pra criança, né, autista no caso. é... e não você focar em diminuir, né, extinguir a ecolalia, tá bom? Uma outra coisa também que entra nessa parte são os stims, né, ou estereotípias como vocês conhecem. Certo? Que são, por exemplo,

além desses que vocês conhecem ali do flapping, do balançar de tronco, então existem outros também.

É... por exemplo eu já tive alguns pacientes no consultório que fazem muito isso com a mãozinha. Acho que vocês conseguem ver. E aí eles fazem... eu não sei fazer muito esse olhar lateralizado porque eu não tenho o hábito. Mas eles faziam muito assim. Eles olhava pro lado e balançava a mão. Também assim. Né? Assim. Às vezes assim, que se machuca, né? Bater com a cabeça, é... andar várias e várias vezes de um lado pro outro. Pular e bater palma várias e várias vezes. Entende? Entenda. Por isso é importante a gente observar. Aí você pode: “Ah, Carla, mas isso é coisa de criança”. Eu vou trazer um exemplo pra vocês pra ficar mais claro.

É... certa vez uma mãe mandou um vídeo pra mim assim: “Carla...”, ele já tem diagnóstico e tudo. Mas ela falou assim: “oh Carla”, é... uma pessoa que não tem o olhar mais apurado, né, acaba meio que deixa passar. Ela já já tem o diagnóstico dele mas muitas pessoas da família assim como eles... ela muda de cidade, então muitas pessoas não... não... não entendem sobre autismo e não... não conhecem a criança muito bem ainda. E aí ela fez um vídeo. Era uma festa de aniversário e era no salão né, no... tipo numa garagem tinha uma coluna no meio. Enquanto as crianças estavam brincando ao redor da mesa, estavam interagindo entre elas, ele ficou praticamente a festa toda andando em círculos. Só que ele não estava andando em círculos em torno do próprio eixo. Ele não estava girando em torno do próprio eixo. Aqui era a coluna e ele estava girando em torno da coluna, várias e várias vezes. E aí a mãe conseguiu filmar e me mandou, né, pra eu poder ver. E aí eu disse: “Nossa, ele fez isso quanto tempo?”. Ela disse: “Não, ele ficou praticamente a noite toda. Tinha vezes que ele saía, eu chegava perto assim da criança, olhava, depois voltava a andar em círculos. É... às vezes a criança chamava, ele voltava. Ele, ele preferia realmente ficar nesse comportamento repetitivo”. Então algumas pessoas da família que estavam lá falaram: “ah, isso é coisa de criança, deixa ele e tal”. Então é importante a gente observar, né? Às vezes você fala assim: “Ah mas eu não sabia que isso é um comportamento, né, um movimento repetitivo”, né? Mas assim, você perceba que não é uma coisa pontual,

tipo: “ah, fez uma vez” e pronto. A criança ela faz várias e várias vezes. Às vezes os mesmos, as vezes muda, às vezes faz mais um e para e depois começa outro. Aí você percebe que há uma intensidade, uma frequência, uma duração maior, certo? Então a gente precisa observar isso também. Tá bom? As questões sensoriais também entram aqui nessa parte dos comportamentos restritos e repetitivos, certo? Aqui daria uma outra aula só pra poder me aprofundar mais, certo, sobre isso, mas também existe essa possibilidade, né? Então, algumas crianças, é... são mais hipossensíveis, outras são hipersensíveis. E lembrando que existem vários sistemas. Então a criança ela pode ter, por exemplo, uma hipersensibilidade auditiva e uma hipossensibilidade tátil, por exemplo. Não quer dizer que ela vai ser hipossensível em todos os sistemas, né, sensoriais ou que ela vai ser hipersensível em todos. Não, ela vai realmente mudar a partir dependendo do sistema, é... seja ele auditivo. É que eu fico falando sistemas e é melhor explicar, né? Que as vezes a pessoa é nova no (inaudível)... Então sistema... os sistemas que a gente estuda, né, na escola é o visual, o auditivo, o tátil, o olfato e o paladar e tem mais dois que é o vestibular e a propriocepção, certo? Então são sete. Então algumas crianças apren... por exemplo, uma hipersensibilidade aos sons. Não quer dizer também que... que isso vai acontecer com todos os sons. Pode acontecer com... pode acontecer com alguns sons específicos. Está bom? Então eu tenho um paciente que ela se incomoda quando a gente canta os parabéns e bate palmas. Mas se ela for pra uma festa ou aniversário que tiver uma... como é que chama? Paredão, né? Não sei se em todos os lugares chamam assim. Mas aquele som bem grande no fundo do carro ou até mesmo trio elétrico ela fica tranquilamente. Ela não se incomoda tanto assim. Mas alguns sons são bem aversivos e causam muito desconforto pra ela sensorial e ela tapa os ouvidos. Certo? Já ao mesmo tempo ela é bem hip... ela tem hipossensibilidade tátil, então ela gosta muito de abraço, de abraço apertado, ela gosta de sentir a pressão, que ela precisa de mais força pra poder sentir o estímulo. Ela é hipossensível no sistema tátil. Então isso também é importante a gente observar uma boa terapeuta ocupacional que trabalha com integração sensorial vai ajudar pra que você faça esse trabalho de fazer avaliação e fazer a... o perfil sensorial da criança pra poder aplicar. Você poder aplicar em casa e também no consultório. Está bom? Uma outra coisa também que entra aqui é o hiperfoco, né, que é o interesse... é um interesse muito intenso em algo. E esse... esse hiperfoco

pode ser em qualquer coisa. Pode ser em dinossauros, pode... podem ser é... pode ser animal, é... deixa eu ver o que mais. É... aprender idiomas, às vezes começa com inglês, depois a criança começa a estudar outros idiomas também. É... deixa eu ver o que mais, que agora... séries, pode ser hiperfoco em séries, Star Wars, pode ser o que for. Então a criança ela desenvolve um interesse muito grande sobre aquilo. Então ela começa a querer assistir desenhos ou filmes relacionados a aquilo. Se ela tiver os personagens, os bonecos, os... ela vai querer carregar, dormir, levar pra todo lugar. É... as vezes não levar pros lugares, mas gosta de brincar mais com aqueles com aqueles personagens que são do interesse, gostam de folhear livros, se a criança já consegue se comunicar seja por meio da fala, comunicação alternativa, ela vai pedir mais pra assistir aquele desenho ou pra falar sobre determinado personagem. Então o hiperfoco também entra nessa parte aqui dos interesses, é... teve uma... uma amiga minha que eu não conversava há muito tempo, muito tempo mesmo. Ela falou comigo no final de semana e ela disse assim: “Carla, o meu filho é assim. Ele conversa muito, ele fala tudo. É... e ele gosta muito de assistir vídeo no YouTube, então ele adora assistir vídeo no YouTube e ele assiste os vídeos e depois ele vai... ele vem pra mim ou pra outra pessoa, algum adulto, pra contar o que e assistiu. E ele gosta de assistir sempre os mesmos filmes e ele só gosta de falar sobre esses filmes e esses vídeos que ele assiste no YouTube”. Então ele não gosta muito de falar sobre outros assuntos. Então quando você pergunta, ele é monossilábico, fala: “ah tudo bem?”. Então não, sim e as vezes até responde, mas não... não sustenta o diálogo, certo? É... ele não tem diagnóstico de autismo, ele tem oito anos. E só que ela começou a me falar um pouco sobre ele, né, que ele estava assim, ele ainda não sabia ler e tal e ela disse que... que estava observando. Aí eu falei pra ela: “oh, é... é bom a gente observar, passar por uma avaliação com o neuropediatra e tal, observar algumas características de autismo e tal”. Me chamou muita atenção isso da... dos interesses dele, por ele sempre querer falar das mesmas coisas e assistir os mesmos vídeos e tal. É importante a gente investigar de uma forma mais cuidadosa porque pode ser o... o hiperfoco, né? Que é um... entra na parte dos comportamentos restritos e repetitivos aí nos critérios diagnósticos do autismo.

A inflexibilidade cognitiva também. Alguns autistas tem uma é... inflexibilidade cognitiva que acaba é... desencadeando uma rigidez também, num comportamento muito grande de querer fazer sempre as mesmas coisas, do mesmo jeito, na mesma ordem, é... as vezes ir pelo mesmo caminho e aí se você muda de caminho a criança pode ficar muito desorganizada, muito estressada, até desencaminhar uma crise. Obviamente que nenhum autista é igual ao outro, então alguns podem ser (riso)... alguns podem ser mais é... serem mais presos a rotina, outras nem tanto, certo? Mas é importante também a gente investigar essa inflexibilidade cognitiva. Como é o brincar? Ah, quer brincar com o mesmo brinquedo, do mesmo jeito, na mesma ordem, se eu mudo uma coisinha, a criança já não aceita, fica resistente, se desorganiza e tem uma... (risos) uma rigidez muito grande, né, na... na hora do brincar, na interação, cria alguns rituais. Então, é importante também a gente ficar atento a isso, certo, a observar como é que a criança brinca, como é que ela interage, como ela lida com a questão da rotina e principalmente com as quebras dela (risos). E aqui eu coloquei um outro tópico pra parte de comportamentos restritos e repetitivos que é a seletividade alimentar, certo? Que a seletividade alimentar entra... muitas... tem muitas questões sensoriais envolvidas, mas também tem muita questão, é... comportamental. Porque por exemplo, imagine que a criança tem algumas questões com certas texturas, então a criança prefere comer alimentos, é... de textura X e também da cor Y. Então ela tem algumas preferências, né? Ela quer comer sempre, é... dessas texturas, dessas cores, às vezes temperaturas, prefere alimentos mais frios, outros mais quentes. E aí se entra uma questão da inflexibilidade cognitiva muito grande, por exemplo, ah ela quer comer sempre no mesmo prato, quer comer sempre no mesmo copo, ela só come se for em casa, não come fora de casa. Então isso aumenta e acaba dificultando a questão da... da alimentação porque junta a parte sensorial com a parte comportamental. Então isso gera uma... uma rigidez. Então é importante a gente observar. É... existem crianças que são seletivas e que não são auti... autistas? Sim, existe. Mas é importante como eu falei, né, é... vocês observarem todos esses outros sinais que eu falei anteriormente e também observar a questão da seletividade. Tá bom? Ver tanto a questão da flexibilidade cognitiva e a seletividade. Caso o seu filho tenha uma seletividade, uma restrição alimentar, aí você procura um nutricionista, um terapeuta ocupacional que trabalha com integração sensorial. E a gata está aqui

querendo pegar o fio da minha... o cordão da minha bolsa (risos). Bom, é... e que eu escuto muito? Eu recebo muito esses... esses comentários assim. “Ah”, mas tanto escuto, já escutei muito dos pais dos meus pacientes, como também dos meus alunos seguidores. “Ah, mas o pai dele também fazia isso. Ou então o pai dele também demorou pra falar, né, também tinha dificuldade pra fazer amizades na escola, pra interagir”. Então é uma coisa eu sempre gosto de... de falar e que é justamente por isso que você precisa ficar mais atento, né, você precisa ficar mais atenta e investigar. Porque você já tem aí o histórico, né, na família e a gente sabe que os estudos mostram, já tem é... são três estudos publicados, o mais recente foi julho de 2019, que fala que o autismo é 81% genético hereditário. Então tem uma carga genética muito forte e é importante a gente investigar. Já aconteceu várias vezes no consultório de pais de pacientes meus depois que receberam o diagnóstico do filho descobriram que também eram autistas como também já aconteceu dos pais negarem o diagnóstico dizer que não, que não era autismo coisa nenhuma com a justificativa de: “mas eu também fazia isso, mas eu também era assim, mas eu também..”. Então eles tem uma resistência muito grande de aceitar o diagnóstico do filho porque eles se veem muito no filho e sabem que se aceitar, é... consequentemente eles também vão (risos) é... também vão... vai acontecer também deles também terem um diagnóstico, né? Então eles tem essa fase da negação, mas muito na maioria das vezes é... depois passa e aceita e busca o tratamento tanto pra criança quanto pro adulto, né? Aconteceu também ontem, hoje é sexta, ontem aconteceu também de uma aluna minha falar comigo que ela recebeu diagnóstico aos 45 anos de idade. Certo? É... acontece muito isso de subdiagnósticos em mulheres. Então é... também está aparecendo aos poucos algumas alunas minhas que estão sendo diagnosticadas já na vida adulta. Está bom? E às vezes também falam comigo lá no direct do Instagram meus seguidores. Uma outra coisa que eu escuto muito muito muito e que eu fico muito muito muito chateada que principalmente profissionais, pediatras e até alguns fonoaudiólogos que não trabalham nessa área de linguagem, trabalham em outras áreas, né, porque a fono tem umas doze áreas de atuação. Então, é quando eu falo assim: “ah, cada criança tem seu tempo”. Então, essa frase ela é muito repetida por muitos profissionais da área da saúde. É... e as vezes até a educação também, mas eu vejo também na maioria são pediatras ou fonoaudiólogos, é... que falam muito isso,

né? Principalmente fonoaudiólogo que não trabalha nessa área, tá? De que atende criança e linguagem. “Ah, mas cada criança tem seu tempo, até os dois, três anos é normal a criança não falar, vamos esperar porque ele tem o tempo dele, ele vai desenvolver”. Isso é muito complicado. Teve até uma mãe que comentou lá no post meu falando assim que o neuropediatra disse que era pra esperar, que era pra esperar até três ou quatro anos não recordo a idade, mas era bem avançada e falou que não era pra fazer fono porque o fono só iria atrapalhar (risos) a estimulação natural dele, espontânea. Então as pessoas acham assim: a criança tem um déficit, ou seja, tem um atraso na comunicação, na socialização, e vai aparecer, tipo, (estalo) no... num passe de mágica, né, um estalar de dedos a questão vai ser resolvida, sem precisar de ajuda profissional. Então, isso é muito complicado. Essa crença de que a criança vai dar um... (estalo) um boom assim do nada, vai girar a chave, quando na verdade a gente sabe que se for autismo precisa de intervenção e se não for autismo também precisa de intervenção. Obviamente que o tratamento é diferente pra uma criança que é autista e uma criança que tem um transtorno no desenvolvimento da linguagem por exemplo. Ou seja, que ela tenha esse déficit na comunicação mas que não é necessariamente é... na verdade não é que não é necessariamente, que não é relacionado ao autismo, mas são terapias diferentes, mas ambos precisam de terapia, ambos precisam de estímulo, você não vai ficar sentado esperando que as coisas aconteçam. Infelizmente tem profissionais que orientam isso ainda, tá bom? Uma outra coisa que eu vejo também que eu escuto muito, né? “Ah, mas Carla, mas ele interage. Pouco, mas interage”. E aí eu falo: “Certo, mas como é essa interação? Como é a qualidade dessa interação? Ele inicia uma interação? Ele chama a criança pra brincar? E quando ele chama, ele sustenta ou ele só chama, pega o brinquedo e vai embora? Ou ele pega, fica ali cinco minutos e aí depois ele perde o interesse porque a criança está brincando de um... já está num nível já de faz de conta, que ele ainda não consegue porque ele ainda não não está nesse nível de brincar e não consegue sustentar a interação, entende?”.

Ou então: “ah, ele até inic... ou então ele sustenta, mas ele não consegue iniciar, ele não consegue chamar, ele precisa sempre de mim”, no caso de você enquanto mãe ou pai ou professora pra fazer essa mediação com outras crianças, entendeu? Então

é importante você observar. Porque: “ah mas ele interage com crianças mais velhas, com adulto. Sim, porque muitas vezes é na... na maioria mas... é mais previsível, né? É, tem um caso que eu acho bem interessante. Isso era... ele era meu paciente, ele tinha menos de três anos, ele tinha dois anos e dez meses, dois anos e onze meses e o pai dele gostava muito do sistema solar e ele também. E aí o pai dele fazia foguete pra ele, fazia fantasia de sistema solar, fazia várias coisas e ele achava isso massa, ele adorava o pai porque o pai era super previsível, ia brincar e falar sobre aquilo que ele gostava, então era a pessoa que ele mais brincava e interagia na casa. E ele preferia mil vezes brincar com o pai do que com as outras crianças da faixa etária dele porque crianças com menos de três anos de idade não tão muito interessadas em sistema solar, em saber o nome de todos os planetas e coisas do tipo. Já ele tinha esse interesse. Então ele não se interessava por é... interagir com crianças da mesma idade porque os interesses eram totalmente diferentes. Então é importante a gente observar. certo? Uma outra coisa também que eu escuto muito. “Ah, mas toda criança faz isso”. Às vezes eu recebo alguns comentários lá no YouTube: “ah mas toda criança faz isso, é coisa de criança”. Gente, eu sei que criança é criança, antes mesmo de ser autista é uma criança, né, ela é uma criança, não é somente... as pessoas as v... falam: “ah, é o autista”. Certo, ela é criança antes de ser autista é criança e tem coisas que realmente são de criança. Mas a gente precisa ficar atento, é atentar a esses detalhes. Como eu falei, alguns detalhes da comunicação, da socialização, do comportamento e prestar muita atenção principalmente na frequência, na duração, na intensidade e observar também quais as dificuldades, né? A observação é importante, anotar, levar pra consulta com os terapeutas, com neuropediatra, psiquiatra infantil e questionar mesmo é... pra poder tirar todas as suas dúvidas. Importante é: na dúvida leva pra avaliação, pra intervenção porque a criança não tem nada a perder, muito pelo contrário. Tá bom? Mas lembrar também de procurar profissionais que tenham experiência com crianças, com linguagem, com autismo, porque também não adianta ir pra um fonoaudiólogo que não tem tanta experiência e que pode acontecer que eu já vi relatos também de falar pro pai e a mãe esperar e eu fico bem triste pra não dizer... pé da vida quando isso acontece, né? Bom. E uma outra coisa também que eu escuto muito: “Ah Carla, mas ele fala”. OK. Começa a fala. Ele já utiliza a fala pra se comunicar? Ele te pede as coisas? Ele responde às suas perguntas? É

perguntas simples? Ele já consegue fazer duas escolhas né? É... falar frases comentários: “Que delícia. Quero mais. Cadê o papai?”. Ele te chama pra brincar? Vamos brincar. Então como é essa comunicação? Essa fala ela tem uma intenção de se comunicar ou você percebe que é mais uma ecolalia? Lembrando mais uma vez, repito, que eu não tenho nada contra ecolalia, quem me acompanha sabe que eu sempre falo você validar, você trazer pra um contexto, é você ampliar o... ampliar o repertório linguístico da criança, tá bom? E vez ou outra ela vai aparecer, principalmente pra ajudar na regulação do autista.

Então começa a observar essa fala, se essa fala é direcionada pra alguém, se enquanto ela está brincando com você, ela fala com você e fala com o objeto, ela faz essa triangulação entre você e o objeto ou se ela simplesmente fica só focada no objeto e repetindo os trechos dos desenhos que ela gosta, esses fragmentos dos personagens que ela gosta. Entende? Então é... é importante observar essa fala se é... tem a intenção de se comunicar ou não. Tá bom? E depois você observa se ele está utilizando, ou ele ou ela tá utilizando essa ecolalia pra se regular ou dentro de um contexto, mas isso aí é um próximo nível. Depois eu falo mais sobre isso, tá bom? Então, como é que vocês, é... o que que eu recomendo pra vocês, né, ao final dessa aula. Não procurar os pro... é... o que... um dos erros, na verdade, né? Que são um dos principais erros que eu observo, é não os profissionais capacitados mesmo, né, pra fazer uma avaliação, um diagnóstico e uma terapia de autismo. Não é qualquer profissional. Tem profissionais excelentes que trabalham com crianças, mas que não tem experiência e que não atendem crianças autistas. Entende? Então conheço psicólogas maravilhosas e fonos aqui na minha cidade que eu com certeza colocaria o... o meu filho, a minha filha na sessão, não pesava duas vezes, de olhos fechados. Porém, se fosse autista, não tem experiência. Então, já... a gente descarta, porque precisa ter uma experiência, uma qualificação. Até mesmo se você está suspeitando de autismo, tem que ser um profissional que tem experiência na área pra poder fazer essa avaliação e fechar ou descartar o diagnóstico. Uma coisa que eu observo muito também é que vocês ficam muito ansiosos pela consulta com o médico. Ou com os terapeutas também. Vamos falar aqui um exemplo do médico, tá? Ficou muito ansiosos pela consulta com o neuropediatra ou com o psiquiatra e aí vocês chegam na hora é muita coisa pra falar, é muita coisa pra vocês lembrarem. E

não dá conta porque realmente é muita coisa e você não tem como lembrar de tudo. Então o que que acontece? Você acabou omitindo informações sem perceber e sem ter a intenção de omitir. Uma vez uma... uma... eu atendi o filho dela há um tempo mas aí acabou que veio a pandemia e ela se mudou. É... ela foi pra consulta com a neuropediatra. E ele já tinha tido convulsão três vezes. E ela esqueceu de falar isso pra médica. Mas ela não fez por mal. Entende? Não foi uma coisa que ela fez por mal. E foi porque ela esqueceu. A médica foi perguntando as coisas. Ela foi respondendo. E à medida que ela foi conversando com a médica o que ela lembrava... não, o que ela lembrou ela falou pra médica. O resto ela esqueceu. E aí quando a gente se encontrou na sessão seguinte eu perguntei: “e aí, você conversou com ela? Você falou das convulsões?” Ela: “eita, eu esqueci”. É por isso que eu sempre digo: lembrem de anotar, façam um pequeno roteiro, coloque em tópicos. Eu sei que é a vida a dia de... a vida... o dia a dia é... é corrida, não precisa você fazer uma coisa muito detalhada, você coloca tópicos daquilo que você é... quer contar que aconteceu, daquilo que você observou, que a criança faz, a partir dessa aula, por exemplo, perguntas que vocês querem esclarecer também durante a consulta, isso é muito importante pra vocês terem um guia, certo? Porque não adianta vocês marcarem com um médico bom, com terapeutas bons pra fazer uma avaliação multidisciplinar, pra poder descartar ou confirmar o diagnóstico se você é... não... não... não vai preparado pra consulta, né? Você não vai com as coisas já organizadas e saber o que que você vai contar e o que que você vai é... perguntar também. Isso é muito importante. Obviamente que o... o... os terapeutas e os médicos eles têm alguns... alguns... é... algumas escalas, M-chat, (inaudível), existe algumas escalas é... por t... existe algumas escalas que vocês podem preencher e que vão nos ajudar nesse momento. Mas também é importante que lembrem de coisas que aconteceram no dia a dia, fatos que não podem ser esquecidos, né? E às vezes até um médico na correria pode esquecer de perguntar algum detalhe e é importante vocês falarem sobre essa questão de convulsão, como é o sono da criança, se ela se concentra e tantas outras coisas, tá bom?

O outro erro também muito comum, que eu já tinha falado anteriormente, é esperar o tempo da criança. “Ah então ele está com atraso na fala ou então ele já está falando algumas palavras mas não se comunica ainda ou então ele interage muito pouco,

mas eu vou esperar porque ele vai ter o tempo dele e não precisa fazer nada, não precisa de avaliação, não precisa de intervenção”. E sendo bem sincera, pela minha experiência. Eu atuo com autismo praticamente há quase 6 anos. Então, desde que eu comecei a trabalhar, estudar autismo, eu foquei somente em autismo, só trabalho com autismo. Quem perde somente é a criança. E isso eu falo de coração. Assim, não tenho medo nenhum, assim, porque realmente, só quem perde é a criança. Eu sei que muitos pais sofrem, ficam angustiados, ansiosos, ficam negando, ficam com medo. Ah, mas será que é mesmo? Acho que não é. Mas, gente, mesmo que não seja, se a criança já tem o atraso, já tem um déficit na comunicação e na socialização já é um motivo mais do que suficiente pra vocês procurarem ajuda, pra vocês procurarem o tratamento. Não é vocês esperarem descobrir se é autista ou não, né? É você realmente correr atrás é... do tratamento o quanto antes, porque quanto mais tempo você demora, mais prejudicado a criança vai ser, tá bom? E também é... pra gente finalizar né? O que que vocês podem fazer é... só pra recapitular, procurar um bom neuropediatra, um psiquiatra infantil, né, que tenha essa experiência com autismo, terapeutas também, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, profissionais que tenham é... terapeutas que tenham experiência na área pra que possam auxiliar, pra que façam um bom relatório da avaliação pra que vocês levem no dia da consulta. Então eu sugiro que vocês façam isso. Alguns médicos, se vocês conseguirem marcar a consulta logo, eles... pelo menos os médicos que eu gosto, que eu confio, né, que eu acredito que fazem do jeito certo, eles encaminham pras terapias e pedem que você retorne às vezes com dois meses, às vezes com dez sessões, três meses, depende muito da criança. Mas no geral, entre um mês e dois meses, porque é o tempo dos terapeutas concluírem a avaliação e aí você volta pra consulta com os relatórios dos terapeutas, da escola também pra que isso ajude também na hora de fechar o diagnóstico. Porque esse neuropediatra ele vai considerar, por exemplo, a conversa que teve com você, né, a... as demanda que você trouxe, alguma checklist que preencheu com você lá na hora, os relatórios dos terapeutas, o relatório da escola, se você conseguir gravar uns vídeos curtos de até um minuto pra mostrar também na consulta eu sei que muitas consultas são rápidas então muitas vezes não precisa ser tipo muitos vídeos, não precisam ser muitos vídeos mas é... sem muitos vídeos, mas assim os vídeos de um minuto... até um minuto, um minuto de duração e também é importante que o

médico sente no chão, interaja com a criança, né, brinque com ela, mostre os brinquedos, tente realmente iniciar e sustentar uma interação com ela por mais tempo. Isso é muito importante também, esse momento de brincar com a criança. Então, lembrar disso, anotar os sinais, né, as dúvidas que vocês querem esclarecer, tanto pros terapeutas, quanto pros... pro médico, né, na hora da chupa e começar a terapia o quanto antes. Né? Independentemente se você já tem o diagnóstico ou não, mas se o seu filho já apresenta déficit na comunicação social, que é a parte da comunicação e da interação, é importante vocês começarem o quanto antes a terapia. Tá bom? Porque como eu falei, repito, né, pra finalizar, é que a criança ela não vai ser prejudicada em hipótese alguma, muito pelo contrário, ela só vai ser mais estimulada, né? E cada vez mais a ampliar suas habilidades de comunicação, de socialização, de aprendizagem, motoras e de vidas diária e por aí vai, tá bom? Então é isso, é... pessoal. Tive uns pequenos contratemplos aqui no meio do caminho, né, com os gatos, mas tudo bem, quem me acompanha já sabe que eu tenho gatos (risos). É... agradeço por vocês participarem. Esse foi mais um episódio, né, do Chá Comigo, então vocês podem acompanhar depois esses episódios lá no Spotify, no YouTube também, no Deezer no Google Podcasts, iTunes ou também no agregador de podcast que você preferir, tá bom? Um abraço e até mais.